

SARUG DAGIR RIBEIRO

**GRANDEZA E DECADÊNCIA DE UMA ESCRITA DE  
SI: REFLEXÕES EM TORNO DA AUTOBIOGRAFIA.**

Dissertação apresentada junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, Área de Concentração: Teoria da Literatura, Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Belo Horizonte – MG  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Março / 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

A Dissertação intitulada “*Grandeza e decadência de uma escrita de si: reflexões em torno da autobiografia*” elaborada por **Sarug Dagir Ribeiro** e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de **MESTRE EM LETRAS**.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa  
(IFCS-UFRJ)

---

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão  
(FALE-UFMG)

---

Profa. Dra. Sara Del Carmen Rojo de la Rosa  
(FALE-UFMG)

---

Profa. Dra. Sabrina Sedlmayer  
(FALE-UFMG)

---

Prof. Dra. Eliana Lourenço de Lima Reis  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Letras: Estudos Literários – FALE/UFMG

Belo Horizonte – MG, 09 de março de 2006.

Para

João e Evanita, meus avós paternos,  
pro/v Nênego, fi/lon kai\ elrwta, Eduardo Martins  
Silva, para meus amigos e amantes, Anna-Freud Dagir  
Ribeiro, minha filha, leitores ausentes, evocações vivas do  
meu passado, que escorrem pelo meu presente, e, que  
estão, para “*sempre*” resguardadas e encantadas pela minha  
memória.

Para

Sílvia Maria Soares Ferreira, dileta amiga e minha biógrafa,  
lírica “*Nympha*” do meu cotidiano, com a qual enlaço minha  
história, preservo e modelo minha memória.

Para

todos aqueles que lutam contra a AIDS, e *in memoriam*  
daqueles que por meio dela faleceram no abandono e na  
solidão.



*“... não é possível tornar-se um homem sexualmente adulto antes de conhecer a coexistência dos sexos, a androginia; em outras palavras, não se pode ter acesso a um modo de ser particular e bem determinado antes de conhecer um modo de ser total.”*

*Marie Delcourt.*

*“J'étais née pour aimer. Toutes les facultés de mon âme m'y poussaient...”*

*Abel /Adelaide Herculine Barbin.*

*“Escrevemos para sermos amados.”*

*Michel Foucault.*

## SUMÁRIO

RESUMO / ABSTRACT	06
AGRADECIMENTOS	07
INTRODUÇÃO:	11
1. Preâmbulo geral da pesquisa e delimitação do tema	
2. Clarificação do método de trabalho e escolha do instrumental bibliográfico.	19
3. Nosso contributo à comunidade científica.	23
4. Súmula do caso: Abel/Adelaide Herculine Barbin:	25
4.1. Cronologia biográfica.	28
4.2. Abel/Adelaide Herculine Barbin (características físicas).	30
CAPÍTULO I: O MANUSCRITO DE ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN: DIÁRIO OU AUTOBIOGRAFIA?	32
CAPÍTULO II: AUTOBIOGRAFIA: ESCREVER A VIDA.	45
CAPÍTULO III: AUTOBIOGRAFIA E MITO DE SI: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E OS MITOS.	61
CAPÍTULO IV: ESCRITA E AFETO: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E SUA DOR DE EXISTIR.	79
CAPÍTULO V: EXÍLIO E A MORTE SOCIAL.	91
EPÍLOGO: APOLOGIA DA AUTOBIOGRAFIA.	96
BIBLIOGRAFIA:	
Bibliografia Principal	103
Bibliografia a respeito de Abel/Adelaide Herculine Barbin	103
Novela baseada no manuscrito de Abel/Adelaide Herculine Barbin	104
Bibliografia em geral	104

## **RESUMO**

Esta dissertação propõe apresentar um estudo em torno do manuscrito de natureza autobiográfica, deixado como espólio, de Abel/Adelaide Herculine Barbin (1838 -1868), indivíduo de condição hermafrodita que se suicidou aos trinta anos de idade.

Questões relativas à teoria literária, às novas abordagens da teoria da autobiografia, bem como conceitos transdisciplinares serão abordadas.

Seguiremos a trilha do texto de Barbin considerando-o como um documento autobiográfico onde se configuram e se preservam representações literárias e míticas. O empreendimento aqui será no esforço de estabelecer um diálogo entre teorias e texto (manuscrito de Barbin). O caráter transdisciplinar desse estudo alenta contribuições profícuas tanto à teoria da literatura como à crítica literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia, Herculine Barbin, hermafroditos.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims at presenting a study on a manuscript of autobiographical nature left by Abel/Adelaide Herculine Barbin (1838 -1868), someone with a hermaphroditic condition who committed suicide at the age of thirty.

Issues related to literary theory, new approaches autobiographical theory as well as concepts from different subjects will be addressed here. We will be following the trail in Barbin's text, considering its influence as an autobiographical document in which literary and mythical representations are present and preserved.

This undertaking is an attempt to conduct a dialogue between theories and text (Barbin's manuscript). The diversity of subjects entailed in this study enables it to provide useful contributions not only to the theory of literature but also to literary review.

**KEY-WORDS:** Autobiography, Herculine Barbin, hermaphrodite.

## AGRADECIMENTOS

*“O verdadeiro intelectual terá necessidade de seu saber como o carpinteiro tem necessidade da mão e da plaina e, se com seu trabalho puder ajudar os outros, estará prazerosamente disponível.”*

*Edith Stein*

O verdadeiro processo de reconhecer as dívidas intelectuais em que incorre um autor ao escrever um livro é idêntico à tentativa de explicação de como determinado projeto escriturístico se concretizou, e porque, afinal, tomou sua forma particular.

Dada a forte ação cotidiana do pensamento de Michel Foucault no desenvolvimento desta dissertação, foi mister colocar o que já havia sido dito por ele, num “outro lugar”, que ressoasse, a fim de que, no dito de que procede surgisse o ainda não dito, o novo, o inesperado, principalmente naquilo que diz respeito às suas pesquisas sobre o *hermafroditos*, para que, então, essa pesquisa, nessa área, avançasse e apontasse a aurora de novos tempos.

As pessoas que me ajudaram a cuidar e a moldar o meu estilo e sentido nas palavras aqui expressadas foram poucas, no entanto extremamente necessárias, pois sem elas talvez esse projeto de pesquisa de Mestrado não chegasse ao fim. Somando a ajuda dos raros amigos, foi possível, então, satisfazer o meu desejo de escrever a propósito do manuscrito autobiográfico de Barbin, autor(a) desconhecido(a) pela maioria do público e que pela letra escrita fez-se personagem de si mesmo(a): realizou o testemunho de uma vida particular. A essas pessoas, verdadeiramente humanas, cumpre-me meus sinceros agradecimentos, quer sejam: à minha orientadora, *ad honorem*, Profa. Dra. Tereza

Virgínia Ribeiro Barbosa, por sua valiosa presença em todas as etapas que levaram à consecução deste trabalho, pelas preciosas sugestões que tanto me auxiliaram na solução de problemas diversos dentro do texto, e, pela boa vontade sempre demonstrada; ao Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão, pois os momentos que passei perto dele foram talvez os mais belos de minha vida; agradeço em especial aos professores da Faculdade de Letras da UFMG, Haydée Ribeiro Coelho e Élcio Cornelsen. Aos professores e professoras do Departamento de Filosofia da UFMG, Prof. Dr. Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, Profa. Dra. Virgínia de Araújo Figueiredo, Prof. Dr. Emílio César Pereira Rezende e, em especial, ao – w iste didaskalwn - Prof. Dr. Walter José Evangelista, cujo epíteto por mim designado nas epístolas a ele já endereçadas mostram o quanto em suas aulas pude testemunhar o significado exato da palavra *paidéia*. Às professoras do Departamento de Psicologia da UFMG, Sandra Maria da Matta Azeredo, Adélia Santos Teixeira, Therezinha Vieira, Emma Elisa Carneiro de Castro, pois além de terem sempre confiado no meu talento, mostraram-me alegria e prazer na construção do conhecimento. Sou grato à Profa. Dra. Ana Cecília Carvalho, que muito contribuiu.

Sou grato aos mais próximos da minha singela cotidianidade: a Sílvia Maria S. Ferreira, minha amiga predileta; Henrique Lee pela amizade; Enrique Luz, pela atenção e presteza; Gustavo Cerqueira Guimarães, quem me indicou o caminho das letras, por tudo; a Cídio Randolfo Leite, com quem tive muitas conversas estimulantes. Adquirimos o hábito de partilhar todos os nossos interesses científicos e, nessa relação, naturalmente tivemos muito a ganhar; a Sandro Rabelo de Freitas, pelas importantes dicas bibliográficas para execução

deste trabalho que se finaliza, e a amizade sempre renovada; Tito; Sidnei Honório; Krischna Silva; Caca; Júlio Jader; a Júlio César Caetano um preito de gratidão, que muito me ouviu e empenhou-se nas “provas de fundação” desta argumentação. Sou muito grato à minha amiga arqueóloga Lílian Panachuk, que sacrificou tão generosamente, por mim, o seu tempo.

Com gratidão sempre renovada, agradeço ainda a Evanita Matos Ribeiro, minha avó paterna, por ter me ensinado a ser sempre vigilante na Ética, e, ter desenvolvido em mim o gosto pela leitura e escrita. Evanita, cujo coração correto, puro e caridoso presidiu a minha educação, e que me fez amar a verdadeira religião, aquela da devoção, da abnegação e da caridade.

Renovo, ainda, minha gratidão on kai erwta Eduardo Martins Silva, por ter me ensinado a amar por meio do perlaborar de uma escrita, que, ao acompanhar a passagem de minha existência junto e distante à sua, pude compor: um relicário como legado, um romance como a mais alta Lei, um museu como memória, e epístolas encomiásticas enquanto um gesto de fé, uma visão mística, uma forma de chegar a Deus. Tudo isso, a custo, tirado, e des-abrigado das nossas mais sofridas experiências.

Agradeço aos ex-colegas e formandos (Outubro/2002) do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, com os quais tive um bom relacionamento de trabalho e de mútuo aprendizado, em especial: Maurício Palhano de Jesus Vasconcelos, Joana Pacheco, Marina Lima, Gean Paula Melo Rocha, Lenise C. G. Lopes, Alethéa Cristian Maciel, Roberto de Melo Neto, Janine M. Dagnoni, Sávía D. de Menezes.

Agradeço também a todas aquelas pessoas que, de variadas maneiras, auxiliaram-me no espaço e no tempo em que estive nas Faculdades de *Filosofia e Ciências Humanas* e de *Letras* da UFMG, como Vilma Carvalho de Souza (Chefe da Biblioteca *Luis Paixão* da FAFICH-UFMG), nas pesquisas bibliográficas, no amor aos livros, e na convivência profícua; as duas Márcias (vendedoras de doces, sanduíches e balas da FAFICH-UFMG); ao pessoal da limpeza; ao pessoal do xerox, especialmente Juninho.

Sou profundamente grato, e quero honrar publicamente o amparo social, moral, financeiro, emocional e profissional dado à minha pessoa pela Fundação Universitária Mendes Pimentel – FUMP, em vários momentos do meu percurso estudantil na UFMG, tanto nos níveis de Graduação quanto de Pós-Graduação. Tenho preservado em minha memória as doces lembranças dos encontros salutares com as Assistentes Sociais: Mariângela, Maristela, Cláudia, Patrícia, e, com um afago “cor-de-amor” para Maria do Carmo (Carminha).

Sou grato a minha analista Miriam Lúcia Rodrigues, que me ensinou o que significa a determinação no trabalho analítico, e com quem aprendi a ver o mundo e as pessoas com alegria. Aqui expresso minha gratidão.

Finalmente, sou grato à paciência, compreensão e amizade de Jair da *Livraria COPEC* da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. E a Dr. Maurício Salles de Vasconcelos, a quem muito devo.

## INTRODUÇÃO:

### 1- PREÂMBULO GERAL DA PESQUISA E DELIMITAÇÃO DO TEMA.

Ninguém há que desconheça hoje a importância do legado de Michel Foucault, suas influências no campo das ciências humanas, filosofia e literatura são indiscutíveis. Sobretudo naquilo que tange às especificidades e rentabilidades teóricas encontradas nos seus dois últimos volumes da série *História da Sexualidade*. Seu pensamento não só interessa ao crítico literário de profissão, para quem rasga novas perspectivas e dá direção pelas veredas mais seguras, senão a todo homem de cultura mediana, que não pode ignorar quanto pensaram os grandes gênios acerca das questões que tão de perto se referem aos destinos da humanidade.

Este projeto de dissertação compromete-se com o interesse do próprio Foucault de continuar a *História da Sexualidade* num volume especial dedicado aos indivíduos *hermafroditos*<sup>1</sup>. Neste sentido, Foucault, antes de sua morte, publicou, em 1978, pela editora Gallimard/Paris o texto *Herculine Barbin dite Alexina B.*

A edição de Foucault compõe-se de um prefácio escrito por ele mesmo e intitulado “O verdadeiro sexo”, das memórias de Barbin, de uma novela de Oscar Panizza baseada nestas memórias intitulada “Um escândalo no convento” e,

---

<sup>1</sup> Prefiro utilizar neste trabalho científico a palavra *hermafroditos* (transliterado diretamente do grego (Ermafro/ditov), pois assim se mantém o sentido originário. Portanto, substantivo do gênero masculino.



finalmente, de um dossiê com cópias de documentos oficiais a respeito da vida de Abel/ Adelaide Herculine Barbin<sup>2</sup>, bem a descrição de como o manuscrito de Barbin foi encontrado até a sua primeira publicação de responsabilidade do doutor Tardieu em 1874. Na edição brasileira, a apresentação de Foucault, ao contrário da edição francesa, antecede o relato de Barbin.

É justamente esse relato autobiográfico do *hermafroditos* Barbin que nos interessa. Portanto, esta dissertação será um estudo sobre esse relato de característica autobiográfica bastante semelhante à literatura de testemunho, como o(a) autor(a) mesmo diz: “escrevo apenas a história de minha vida.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p. 40)<sup>3</sup>. Vale ressaltar que a parte final do manuscrito, onde Barbin narrava seus últimos anos de vida, foi destruída. Sabemos por intermédio do dossiê de Foucault junto a esse caso, que o doutor Tardieu recebeu o manuscrito completo do doutor Régnier que atestou o óbito e fez a primeira autópsia<sup>4</sup>. Provavelmente, a parte desaparecida do documento sofreu censura por parte de Tardieu, que publicou apenas o que lhe pareceu publicável na segunda parte de sua obra *La Question de l'Identité* (1874).

No curso *Os anormais* ministrado no *Collège de France* entre os anos de 1974 e 1975, na aula de 22 de janeiro de 1975, o filósofo nos mostra que “o monstro sexual faz o indivíduo monstruoso e o desviante sexual se comunicarem” (FOUCAULT, 2001, p.76). Em suas reflexões temos um esboço do que se pode chamar “arqueologia da anomalia” que resumimos – com vistas ao estudo do

---

<sup>2</sup> A partir de agora vamos nos referir a Abel/ Adelaide Herculine Barbin por seu último nome, Barbin.

<sup>3</sup> “... j'écris mon histoire...” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.44).

<sup>4</sup> cf. BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.109.

manuscrito em questão - da seguinte maneira: no século XIX, a categoria de anormal será formada por três espécies de indivíduos: o monstro, o incorrigível e o masturbador (FOUCAULT, 2001, p.75). Nesta mesma aula, Foucault cita o caso do *hermafroditos* Anne Grandjean (século XVIII) que teve a história de sua vida redigida por outros, distintamente de Barbin. Cita, também, o caso de Marie Lemarcis. Mas é, especificamente, o caso de Barbin que interessa a Foucault, principalmente pelos seguintes motivos:

- a- As sociedades do Ocidente moderno responderam afirmativamente e incansavelmente à pergunta: “precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?”.<sup>5</sup> Sendo o século XIX, no qual viveu, o apogeu da formação das instituições específicas (medico-jurídico-pedagógicas) para a correção e o controle dos anormais (cuja genealogia baseou-se nas figuras do monstro, do incorrigível, e do onanista). Ou seja, o período da vida de Barbin coincide com a intensificação da procura da “verdadeira identidade sexual” das pessoas;
- b- Foucault interessa-se ainda tanto pelo modo particular de escrever de Barbin, quanto por sua maneira de viver, na qual, segundo ele, “a narrativa escapa a todas as capturas possíveis da identificação” (FOUCAULT, 1982, p.5). Assim, Barbin evoca um passado onde o sexo era totalmente incerto, uma vida que evidenciava “o limbo feliz de uma não-identidade” (FOUCAULT, 1982, p.,6) em meio à “sociedade” monossexual da vida escolar das casas religiosas; contudo, no nosso ponto de vista, Barbin

---

<sup>5</sup> Pergunta lançada já no início do prefácio de Foucault na ocasião da publicação das memórias de Barbin.

tinha uma identidade, e esta foi uma identidade flutuante, ou seja, ora do sexo feminino e ora do sexo masculino.

- c- As memórias de Barbin tiveram eco na imprensa francesa e internacional, suscitando na Alemanha uma novela de Oscar Panizza, conforme já mencionamos, como uma notória manifestação artístico-literária. Foucault cita outros documentos da época onde Barbin foi retratada, desde artigos científicos, como *A Questão Médico-Legal da Identidade (1882)* de Tardieu; *Hermaphroditismus beim Menschen (1908)* de F. L. von Neugebauer; uma longa série de ensaios intitulados: *Les Desequilibres de l'amour. le coupeur de nattes. Les femmes, eunuques, les invertis. Le plaisir sanglant. L'Hermaphrodite* da autoria de A. Dubarry, até manifestações literárias, como *O menino criado como menina* de Colapinto, dentre outros<sup>6</sup>.

Pretendemos ser exatos na exposição de doutrinas alheias, reservando-nos, porém, a prerrogativa de lhes fazer em seguida uma crítica sucinta, que excitasse a inteligência no exercício da reflexão pessoal, e facilitasse o discernimento na aluvião das opiniões contraditórias que se sucedem nos fastos do pensamento. Cabe-nos o papel de mapear as direções das diferentes posturas teóricas e metodológicas num esclarecimento sem preconceito, porém firme do ponto de vista crítico alerta às possíveis vantagens e desvantagens de tais procedimentos.

---

<sup>6</sup> É interessante notar que até hoje a história de indivíduos como Barbin marca presença na literatura, como por exemplo, no romance *Middlesex do ano de 2003* do romancista norte-americano Jeffrey Eugenides, que conta a história de Calliope Helen Stephanides, um *hermafrodito* greco-americano que até os 14 anos viveu como garota, passando depois a ser um rapaz, trocando o nome para Cal Stephanides.

Por conseguinte, realizaremos um estudo a partir dos lugares de enunciação narrados por Barbin, o que nos parece fecundo juntamente com a reflexão teórica. Seus conflitos com sua indefinição biológica, sua indefinição identitária, seu padecimento do corpo (fortes dores físicas) e o sofrimento psíquico dão à sua escrita um tom bastante emotivo. Sua narrativa é memorialista e, no nosso ponto de vista, apresenta-se como um discurso de despedida, um auto-epitáfio<sup>7</sup>.

Uma de suas estratégias para dar sentido à sua condição natural de ser biológico e sexualmente indefinido, que foge aos parâmetros socialmente aceitáveis (século XIX), manifesta-se, curiosamente, por uma recorrência aos mitos - principalmente nos mitos que remontam à Antiguidade greco-romana -, seja na tentativa de mitificar a narrativa e seja na tentativa de se mitificar, ora pretendendo enquadrar-se em mitos cristãos, algumas vezes como 'anjo' (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.93)<sup>8</sup>, ora em mitos literários ou pseudo-científicos, em outras vezes ainda, como um sujeito singular (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.97)<sup>9</sup>. Autor(a)-personagem de si mesmo, Barbin define-se como um ser absoluto, completo, capaz de entender e experimentar as angústias de ambos os sexos com a mesma intensidade. Nosso olhar contemplará o estudo:

- a- do mito (seja ele a partir de uma divindade, de um *daimon*, de um anjo ou de um monstro). Entendemos que o mito seja a maximização e

---

<sup>7</sup> Isso será desenvolvido posteriormente, pois simpatizamos com a concepção de autobiografia (principalmente a realizada por Barbin) como um tipo de epitáfio ou discurso de despedida.

<sup>8</sup> "Je plane au-dessus de toutes vos misères sans nombre, participant de la nature des anges..." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.112).

<sup>9</sup> "Je n'ignore pas que je suis un sujet de singulier étonnement pour tous ceux qui m'entourent." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.118).

atemporalização de um valor. Um paradigma, mesmo que estranho<sup>10</sup>. Assim, o *hermafroditos* poderia enquadrar-se no mito do 'ser completo'. Se observarmos – a partir da Antigüidade – o mito do *hermafroditos* veremos que ele, nesse contexto, era marcado por uma positividade advinda de um certo caráter de 'absolutividade'. Tal caráter, no decorrer dos tempos, perdeu-se como valor para chegar à modernidade (ainda como mito) como da negatividade (mito 'da aberração', o monstro). Agora, na primeira década do século XXI, depois desse estudo, julgamos poder afirmar que o mito do *hermafroditos* liga-se, somente, aos mitos das aberrações e das monstruosidades, como reafirmam os estudos médicos que não deixam, de certa maneira, de espelhar nosso imaginário mítico-social;

- b- da rentabilidade teórica do texto de Barbin, principalmente numa perspectiva literário-filosófica baseada nos conceitos de *escrita de si*<sup>11</sup>, *escritura*<sup>12</sup>, *autobiografia*<sup>13</sup> e de “*poética do suicídio*”<sup>14</sup>. Buscamos

<sup>10</sup> A esse respeito veremos BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1986. 98 p. (Coleção Estudos, 3).

<sup>11</sup> Nesta dissertação significa: "É a escrita como exercício pessoal praticado por si e parasi é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso." (FOUCAULT, 1992, p. 141). A esse respeito, conferir FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Prefácio de José A. Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais. São Paulo: Passagens, 1992. p.129-160 Título original: *Qu'est-ce qu'un auteur?*

<sup>12</sup> Nesta dissertação significa: "A escritura é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escritura é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma apreendida na sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História." (BARTHES, 1993, p.124). A esse respeito, conferir Cf. BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos e o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1993. 167 p.

<sup>13</sup> Nesta dissertação significa: "Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que passo objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida." (BAKHTIN, 2003, p. 139). A esse respeito, conferir BAKHTIN, Mikhail. *A autobiografia e a biografia*.

renovar possibilidades de pesquisas com base nesse texto em outros campos do conhecimento como Ciências Sociais, Antropologia, História, Medicina Social, mas, sobretudo, nas áreas de Teoria da Literatura e Crítica Literária.

- c- das estratégias de persuasão presentes no texto autobiográfico de Barbin. Propomos a análise de sua narratividade a partir de um entrelugar, um discurso que é memória e prática ao mesmo tempo, na medida em que o(a) autor(a) faz-se um personagem mítico, absoluto e proscrito e, ao mesmo tempo, um personagem histórico que vem trazer uma narrativa de testemunho de vida hermafrodita. Veremos, no decorrer da análise, que Barbin comprova a afirmativa de Foucault na aula do dia 22 de janeiro de 1975. Ao fim de suas memórias, miticamente amarradas, Barbin se recusa ao papel de um monstro 'empalidecido e banalizado', o 'anormal' e termina por afirmar-se como uma maximização de desvios da natureza, retirando-se do cenário que não o/a comporta. Assumindo-se como tal, Barbin alcança explicar, em si mesmo, todos os desvios que derivam de si. Pela escrita, Barbin conquista a sua própria inteligibilidade (cf. FOUCAULT, 2001, p. 71).

Pretendemos, portanto, reafirmar a possível positivação literária do mito a partir da Antiguidade, contribuir para o estudo da literatura produzida a partir do

---

*Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.138-153. (Coleção ensino superior). Também LEJEUNE, Phillipe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Senil, 1975. 357 p.

<sup>14</sup> Este conceito foi formulado para contemplar o cânone de escritores(as) suicidas, no entanto, mesmo Barbin não sendo uma escritora canônica, acreditamos que tal conceito é útil em nossa análise. A esse respeito ver: CARVALHO, Ana Cecília. *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. 307 p. (Origem).

lugar da indefinição do papel sócio-sexual, bem como validar os esforços da escrita autobiográfica de Barbin, e, finalmente, oferecer um estudo da personagem que caracteriza esse lugar de enunciação. A “liberdade para falar” (*parrhesia*) é ao mesmo tempo uma arte de fazer e uma arte de pensar, portanto os esforços dessa pesquisa são realizar teoria privilegiando a “contemplação” das memórias de Barbin.

Assim, os tópicos examinados neste percurso serão:

CAPÍTULO I: O MANUSCRITO DE ABEL/ ADELAIDE HERCULINE BARBIN: DIÁRIO OU AUTOBIOGRAFIA?

CAPÍTULO II: AUTOBIOGRAFIA: ESCREVER A VIDA.

CAPÍTULO III: AUTOBIOGRAFIA E MITO DE SI: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E OS MITOS.

CAPÍTULO IV: ESCRITA E AFETO: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E SUA DOR DE EXISTIR.

CAPÍTULO V: EXÍLIO E MORTE SOCIAL.

EPÍLOGO: APOLOGIA DA AUTOBIOGRAFIA.

## 2- CLARIFICAÇÃO DO MÉTODO DE TRABALHO E ESCOLHA DO INSTRUMENTAL BIBLIOGRÁFICO.

O fascínio da estrada, bem como os perigos inerentes ao peregrinar, só são dados a quem caminha. O ato de caminhar é um fenômeno que exprime a dinamicidade do ato de existir e a busca de sentido e significações para a vida. O pensar, quando se dá com um ato de caminhar, significa situar-se dentro de um projeto e, por conseguinte, ter que escolher de que forma proceder. É no *fazer caminho* que se desvela a riqueza da caminhada. Geralmente percorrer um caminho-de-pensamento desvela uma caminhada mais densa de sentido.

A *metáfora do caminho* é um convite para seguirmos juntos nestas páginas. Essa metáfora constituiu-se 'um lugar de interlocução' no qual pudemos 'vislumbrar as fronteiras', 'os muros' e 'as trilhas' no meio do percurso o qual nos propusemos explorar.

Nosso método de trabalho se estruturou, inicialmente, a partir da leitura e crítica da obra *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita* (1982), mencionada, em primeiro lugar, como um percurso individual (de obra e personagem mítico e histórico). Cotejamos nossa leitura com o original francês, *Herculine Barbin dite Alexina B* (1978).

Buscamos analisar essa obra sob a baliza do percurso teórico de Michel Foucault. Certamente tivemos que recorrer a outros autores – da Antigüidade<sup>15</sup>, que nos precederam em muito.

---

<sup>15</sup> PLATÃO em *O Banquete*, TEOFRASTO em *Caracteres*, LUCIANO em *Diálogo dos deuses*, LUCRÉCIO em *De rerum natura*.



Buscamos, além desses dois percursos, um percurso histórico do mito do *hermafroditos*.

Os três percursos (o individual, o teórico e o mítico-histórico) constituíram-se como pontos de apoio e de possibilidades de diálogo entre a teoria da literatura, a história e a cultura.

Também fizemos incursões por uma bibliografia complementar que aponta um caminho útil para discutir questões ligadas ao hermafroditismo na espécie humana. Declaramos, entretanto, que nosso caminho se fez, sempre, na direção de positivar a condição “natural”<sup>16</sup> do indivíduo *hermafroditos*, permitida, senão na sociedade contemporânea atual, pelo menos no âmbito da literatura. Nosso escopo está em demonstrar que tais percursos foram eficazes para a sistematização de nossa análise na direção em que a apresentamos – a positivação do mito do *hermafroditos* como manifestação do *cuidado de si* teorizado por Foucault e ‘literalizado’ por Barbin.

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, percebemos ser possível definir a escrita de Barbin como uma escrita ambígua quanto à identidade sexual do narrador e que se poderia chamar de ‘escrita hermafrodita – Barbin’. A sua escrita, enquanto “escrita suicida”, aproxima-nos do conceito de “*poética do suicídio*” desenvolvido por Ana Cecília Carvalho<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Utilizamos o adjetivo *natural* entre aspas e nos remetemos a uma citação de Foucault: “... o monstro é, de certo modo, a forma espontânea, a forma brutal, mas, por conseguinte, a forma natural da contranatureza. É o modelo ampliado, a forma desenvolvida pelos próprios jogos da natureza, de todas as pequenas irregularidades possíveis.” (FOUCAULT, 2001, p. 70). E, nesse sentido, podemos dizer que o monstro é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias.

<sup>17</sup> Cf. CARVALHO, Ana Cecília. *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. 307 p. (Origem).

Através de uma seleção minuciosa seguida de uma análise literária de trechos escritos pelo(a) próprio(a) autor(a) em seu manuscrito, apontamos na direção do lugar-fronteira da enunciação. Mas há que se lembrar que, quando se pretende compreender uma obra, literária ou não, sobretudo quando ela se enquadra no gênero autobiográfico, é prudente descartar a intenção de esgotá-la. Estamos cientes de que analisamos os sentidos mais destacados de todos os trechos em que a interlocução de Barbin se fez manifesta de forma declarada pelo narrador com seu suposto leitor e, a partir daí, enumeramos características desse discurso. Definiremos os traços da personagem-narrador que fala e, finalmente, os elementos que podem ser constituintes da construção de uma personagem mítica enquanto um *hermafroditos*. Parece-nos que a assunção de um mito, ou do que se pode chamar de uma monstrosidade, é, no manuscrito de Barbin, um exercício de inteligibilidade de sua condição (cf. FOUCAULT, 2001, p.71).

De qualquer maneira, colher dados é sempre possível a partir de qualquer *corpus* objetivo e exprime um certo uso do instrumental teórico por parte do sujeito. Mas, acolher já indica proximidade, comunhão e é pela luminosidade de uma argumentação que se acolhe. Observamos que este recurso – a luminosidade de uma argumentação que pretende provocar o ato de acolher – é um expediente muito utilizado por Barbin na condição de narrador(a) /sedutor(a) de seu leitor.

Nesse nosso caminho com Barbin, estivemos, por um lado, colhendo dados concretos para o delineamento de uma escrita de fronteiras, para a peculiaridade do seu pensamento em torno de sua condição hermafrodita e de abandono, “exílio” no qual foi posto(a). Por outro lado, buscamos, na mitologia,

elementos que podem nos indicar um 'fio condutor dignificante' e que abram possibilidades de acolhimento real da condição biológica da pessoa hermafrodita, a fim de instigar o amparo desse outro em seu lugar singular, o lugar do 'não lugar'.

Respondendo à provocação de Foucault, que lança no início do prefácio das memórias de Barbin a instigante questão: *Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?*<sup>18</sup> Essa pergunta é obviamente um convite a pensar e, uma vez em tal caminho-de-pensamento, não se é possível sair ileso.

Por estas razões, dividimos a bibliografia colhida e escolhida em: bibliografia principal (as memórias de Barbin), bibliografia a respeito de Barbin, novela baseada no manuscrito de Barbin, e bibliografia em geral, que inclui obras e artigos que julgamos mais atinentes ao tema da pesquisa, e obras que julgamos importante de serem consultadas para o desenvolvimento da pesquisa mesmo que não estejam diretamente comprometidas com o tema. Foi necessário também fazermos um levantamento histórico e cultural da época em que Barbin viveu, para tentarmos compreendê-la em sua e nas suas práticas cotidianas.

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, M. *Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita*. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p 1 (Coleção Presença).

### 3. NOSSO CONTRIBUTO À COMUNIDADE CIENTÍFICA.

Num esforço de diálogo, propugnamos lançar um olhar mais generoso e aberto sobre o manuscrito do *hermafroditos* Barbin. Estamos atentos a recepções múltiplas e a críticas inéditas. Acrescentamos à rentabilidade teórica e prática que esse documento possa trazer uma possibilidade de abrir novos caminhos, novas pesquisas. É nos rastros desse texto que seguiremos alguns elementos de interfaces entre mitologia, teoria literária, filosofia, teoria sociológica - que, adiantamos, será *durkheimiana* - do suicídio e história cultural.

Tentamos provocar uma fissura no estigma e preconceito que se desenvolveram, por séculos, em torno do indivíduo de condição hermafrodita. Recuperamos a Antiguidade no intuito de positivar essa condição humana, pois a alternativa que a sociedade oferece a esses indivíduos ditos “anormais” é de castração, correção<sup>19</sup> ou morte (tanto a de serem mortos como a de se matarem), sejam quais forem suas formas. Sugerimos que Barbin, ao se fazer de mito na narrativa de suas memórias, aponta para uma solução pessoal, literária e mesmo histórica. Nosso trabalho volta-se, como afirmamos anteriormente, para uma possibilidade de análise e de pesquisa que contempla a inesgotabilidade do tema

---

<sup>19</sup> Mais uma vez, apoiamo-nos na teorização de Foucault que afirma que a correção, nesses casos é um equívoco porque “quem deve ser corrigido se apresenta como sendo a corrigir na medida em que fracassam todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo. O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E, no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobreintervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. De modo que vocês vêem desenhar-se em torno desse indivíduo a ser corrigido uma espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade.” (FOUCAULT, 2001, p.73).

apresentado no texto de Barbin. Assim se faz nosso contributo para a comunidade científica.

Se um dos estigmas que pervagam a vida contemporânea desliza e, frequentemente, recai na condição do *hermafroditos*, com essa pesquisa, pretendemos demonstrar que nem sempre foi assim; na Antigüidade foi possível – pelo menos no campo literário e no imaginário mítico – um convívio pacífico e enriquecedor com a androginia. Sustentamos uma postura teórica que possibilite um “acolhimento” do outro, do diferente: do *hermafroditos*. Esta pesquisa propõe compromisso com o tempo atual, que transcendendo o aqui e o agora imediatos, perfaz um caminho que prossegue para além do próprio tempo. Dessa maneira, entendemos que é no deixar subsistir algo da literatura antiga nas obras do “último Foucault”, que é possível avançar nessa pesquisa, no que diz respeito a uma “leitura atualizada” do mesmo. Ou seja, buscar o que existe de atual nos textos antigos, a fim de que a pesquisa avance no estudo do tema proposto.

#### 4- SÚMULA DO CASO: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN.

##### 4.1- CRONOLOGIA BIOGRÁFICA.

Uma reconstrução do passado de Barbin - mesmo com a documentação disponível (manuscrito auto-biográfico e diversos relatórios médicos e jurídicos a seu respeito), a partir da qual muitas informações foram recuperadas e publicadas por Michel Foucault no seu *Dossiê Herculine Barbin* - será fragmentária e lacunosa, principalmente quando esta tarefa é feita por pesquisadores que vivem em outra época, em outro país. Assim, resignamo-nos em apenas compor uma cronologia de notas biográficas.

Contudo, dados biográficos de Barbin só nos interessarão na medida em que nos auxiliarem a aprofundarmo-nos em suas memórias, deixadas em seu quarto como espólio, na ocasião de seu suicídio em fevereiro de 1868. Ainda que seu manuscrito nos coloque a par de detalhes importantes de sua vida e de suas sensações no transcurso do seu desenvolvimento físico, intelectual e psíquico-emocional, tais detalhes serão observados na medida em que descrevem a singularidade de uma escrita que se constrói a partir do limbo de uma não-identidade sexual em ritmo melancólico. Ao lê-los deparamos com a possibilidade de acompanhar a trajetória de uma vida dividida entre a felicidade no limbo de uma não-identidade e a dramaticidade de uma escolha – socialmente inevitável – de uma identidade sexual. Barbin foi, em resumo, um indivíduo de sexo indefinido que viveu de 1838 a 1868, e que, tendo trocado de identidade civil por volta dos

21 anos de idade por decisão do Tribunal Civil de Saint-Jean d'Angély (França)<sup>20</sup>, não se adaptando às exigências de seu novo sexo ou assumindo a condição de monstro que não se limita ao cenário da 'natureza cultural'<sup>21</sup> que lhe foi imposta, suicidou-se devido a impossibilidade de uma existência com simultaneidade sexual no século XIX. Portanto, em julgamento, ordenou-se que o sexo de Adélaïde Herculine Barbin fosse designado masculino e que seu nome fosse substituído para Abel Herculine Barbin para correção de um problema. Ainda por teorização de Foucault, veremos que a infração de nascer *hermafroditos* não é respondida pela lei e que essa condição suscita uma resposta muito diferente do que seja uma correção legal ou jurídica (FOUCAULT, 2001, p.70).

Aos trinta anos de idade, Barbin deu fim à sua angústia existencial deixando em seu quarto as suas memórias. A observação anatômica do seu cadáver é o relato mais completo que a ciência possui no gênero, como atestam documentos da época como os estudos de E. Goujon, A. Courty, Chesnet e Tardieu.

Num pequeno histórico temos que Barbin passou a infância e a adolescência como menina e viveu entre meninas durante vinte anos. Segundo o dossiê médico de E. Goujon, *Estudo de um caso de hermafroditismo imperfeito no homem (1869)*<sup>22</sup>, o caso clínico Barbin implicava diversas questões fisiológicas, médico-legais, psicológicas e éticas. Dentro dos parâmetros médicos do século XIX, o caso foi classificado como um gênero de anomalia (como, de resto, ainda

---

<sup>20</sup> Para os amigos íntimos e os mais próximos, entretanto, mantinha-se o apelido de Alexina e Camille.

<sup>21</sup> Termo cunhado por nós.

<sup>22</sup> *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme*, 1869, p. 609-639.

hoje se classificam todos os casos de hermafroditismo que fazem parte da especialização médica que estuda as monstruosidades, teratologias, as anatomias patológicas, as embriogenéticas com deformidades).



CRONOLOGIA DE NOTAS BIOGRÁFICA APUD FOUCAULT

- 1838 7 de novembro: nascimento de Adélaïde Herculine Barbin, em Saint-Jean d'Angély (França), filha de Jean Barbin, vendedor de tamancos, e de Adélaïde Destouches, doméstica.
- 1839-1853 Mora primeiramente num hospital<sup>23</sup> e posteriormente no convento feminino das Ursulinas de Chavagnes.
- 1856 20 de junho: Barbin visita o bispo de La Rochelle, J-F. Landriot.  
20 de novembro: incluída como aluna bolsista na escola Normal de Oléron em Château - França.
- 1856-1858 Barbin estuda na Escola Normal de Oléron em Château.
- 1858-1860 Obtém o diploma de Professora.  
Leciona no ensino primário em L...<sup>24</sup>, onde dirige um internato feminino.  
21 de junho: o Tribunal Civil de Saint-Jean d'Angély, por julgamento, ordena que o sexo de Adelaide Barbin seja designado como pertencente ao sexo masculino e que seu nome seja substituído para Abel Herculine Barbin.
- Sem data precisa, Barbin transfere-se para Paris.

---

<sup>23</sup> Não dispomos desta informação.

<sup>24</sup> Não dispomos desta informação.

Primeiro relatório médico sobre Barbin pelo doutor Chesnet, e publicado em *Annales d'Hygiène Publique*.

1868 Em fevereiro, foi encontrado um manuscrito junto ao cadáver de Barbin, aos trinta anos de idade, num quarto no quinto andar de um prédio da Rua École-de-Médecine, do bairro de Odéon em Paris -FR, que havia se suicidado por meio de um fogareiro a carvão que o levou a asfixia carbônica.

#### 4.2- ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN (CARACTERÍSTICAS FÍSICAS).

Barbin foi um dos casos de hermafroditismo masculino mais amplamente descrito nos manuais de Medicina Legal do século XIX, pois após sua morte o cadáver, em autópsia, foi examinado pelos médicos Dr. Régnier, E. Goujon, A. Courty, Chesnet, e Tardieu.

Barbin tinha a pele de cor morena, 1,59 m de altura; os traços de seu rosto não eram bem caracterizados, variando entre os do homem e da mulher, apresentava um ligeiro bigode e alguns pêlos de barba no restante do rosto, principalmente do lado esquerdo. Não possuía seios. Seus braços eram fortes e apresentavam pelugem. Todo seu corpo era coberto de pêlos, que o obrigavam, mesmo durante o verão, a manter os braços escondidos para não suscitar gracejos e constrangimentos nas demais colegas. O quadril era bastante masculino e magro<sup>25</sup>. Tinha uma aparência pálida, e denotava um estado de doença habitual. O estado dos seus órgãos genitais externos apresentava um pênis proeminente, com cerca 5 centímetros de comprimento e 2 centímetros e ½ de diâmetro no estado de flacidez. Um pouco abaixo do pênis e na mesma posição em que costuma estar na mulher, encontrava-se uma uretra semelhante à dessa última. Abaixo da uretra estava o orifício da vagina. Já o exame dos seus órgãos genitais internos acusou que só o epidídimo do testículo esquerdo atingiu o anel, permanecendo os dois testículos<sup>26</sup> de tamanhos diferentes (o esquerdo

---

<sup>25</sup> Segundo consta de seu manuscrito, seu andar e suas formas não eram femininas e nem harmoniosas. (BARBIN, *apud* cf. FOUCAULT, 1982, p. 33).

<sup>26</sup> Também chamados de óvulos macho de Robin.

menor que o direito) na cavidade abdominal<sup>27</sup>, os canais deferentes localizavam-se por detrás e em baixo da bexiga. No entanto, esses mantinham relações normais com as vesículas seminais de onde saíam os dois canais aferentes que caminhavam da mucosa vaginal até o orifício vulvar. O exame microscópico de seu esperma mostrou a inexistência de espermatozóides, apesar da consistência e cor normais.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> O que, segundo a medicina da época, justificava as fortes dores as quais Barbin se queixava desde a mais tenra idade; sabemos disso por meio de suas memórias. Essas dores – facilmente admitidas pela medicina do séc. XIX – sugerem a aceitação do caso Barbin como um caso a ser corrigido, uma anomalia que tivesse de ser tratada. Barbin ao se queixar das dores tem forte argumento para assumir-se com 'anormal' ou simplesmente, assumir-se como vítima, dado que será uma das suas estratégias de envolvimento com um suposto leitor.

<sup>28</sup> A esse respeito, ver FOUCAULT, M. *Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita*. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p 33, p.113-132. (Coleção Presença).

## CAPÍTULO I:

### O MANUSCRITO DE ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN: DIÁRIO OU AUTOBIOGRAFIA?

A questão sobre o tipo de texto que Barbin produziu sobre sua vida, se diário, se autobiografia, abre-se já a partir da tradução do francês para o português do Brasil de Irley Franco que registra o título *Herculine Barbin: O diário de um Hermafrodita*.

Pela análise minuciosa do texto consideramos a tradução do título equivocada, por duas principais razões:

a- Barbin afirma escrever a respeito da história de sua vida<sup>29</sup>;

b- as características do texto não indicam um diário – escrito pontuado dia a dia e cronologicamente marcado com esse fim – mas inserem-se no gênero que amplamente podemos tratar como autobiográfico.

O texto de Barbin marca vestígios preciosos, locais conhecidos que já não mais existem, pessoas com as quais conviveu, laços de amizade, livros que porventura leu e apreciou mediante citações explícitas e implícitas de autores e obras como qualquer texto autobiográfico, todavia, o que para nós é o que há de mais peculiar em seu texto é que o manuscrito reproduz sua indefinição identitária que, sem dúvida, tem conseqüências literárias e teóricas.

Podemos como simples leitores intuir um modo de vida particular, mas podemos, enquanto leitores críticos, traçar sendas teóricas consistentes tanto no

---

<sup>29</sup> "... j'écris mon histoire..." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.44).

âmbito da teoria da literatura como da filosofia e demais ciências humanas, através dessas memórias autobiográficas.

Damos início com o questionamento acerca da sua relação e compromisso com a realidade - visto que a tensão entre a ficção e os fatos reais permanecem constantes em todo do seu texto<sup>30</sup>.

A palavra testemunho<sup>31</sup> vem de *testimonium* que significa *pessoa que é chamada a depor sobre aquilo que viu ou ouviu*<sup>32</sup> e, se assim é, o relato de Barbin pode ser chamado de literatura de testemunho se entendemos *Mes souvenirs* como um relato de um hermafroditos que existiu historicamente e que expressou suas angústias (ficcionais ou não) como 'testemunho' de sua própria condição.

Em grego, a palavra testemunha será expressa pelo termo *mártir* que significa, segundo Cunha, *pessoa que sofreu tormentos ou a morte por sustentar a fé cristã*<sup>33</sup>, daí seu sentido paralelo como testemunho de fé. Essa vertente do termo nos parece interessante dada à postura do narrador que narra a sua vida como uma provação advinda da indefinição de seu "sexo verdadeiro". Barbin diz:

"Tenho vinte e cinco anos, e, embora seja ainda jovem, começo a não duvidar do termo fatal de minha existência.

<sup>30</sup> Por exemplo: "... escrevo apenas (...) uma série de aventuras ...". (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.40). "... j'écris (...) c'est-à-dire une série d'aventures..." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.44).

<sup>31</sup> Estamos de acordo com a noção de testemunho citado por Maria Madalena Magnabosco, que significa: "... o testemunho tem sido privilegiado como uma metodologia de investigação social destinado a traçar e valorizar aqueles "mapas" de experiência coletiva que têm sido tradicionalmente marginalizados na interpretação da dinâmica histórica do país, e que provem de uma renovada base cognitiva para a reinterpretção dessa história." (EPPLÉ, 1995, p.165). A esse respeito conferir: MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Testemunhos narrativos femininos na América Latina: uma articulação interdisciplinar*. 1998. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. E, EPPLÉ, Juan Armando. El discurso memorialístico de la mujer en Chile. In: *El testimonio femenino como escritura contestataria*. Chile: Asterión, 1995. p.165.

<sup>32</sup> CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.767

<sup>33</sup> CUNHA, *op. cit.* numa interpretação histórica pós cristianismo. O que não significa que a palavra tenha 'nascido' com o cristianismo, sua 'história' é muito anterior.

Sofri muito, e sofri só! Abandonado por todos! Não havia lugar para mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito. Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda a perspectiva é nova e brilhante.

Essa idade não existiu para mim. Eu tinha então um distanciamento instintivo do mundo, como se houvesse já compreendido que viveria nele como um estrangeiro.

Alheio e sonhador, meu rosto parecia curvar-se sob o peso de obscuras melancolias. Eu era fria, tímida e, de certa forma, insensível a todas aquelas alegrias barulhentas e ingênuas que fazem desabrochar um rosto de criança." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p. 13)<sup>34</sup>.

No trecho citado vale apontar três estratégias que fogem à historicidade e intimidade de um texto escrito para ser diário.

- a- *Mes souvenirs* tem início sem datação, como afirmamos – exceto pela marca da idade do narrador. O trecho mostra uma tendência para a narrativa simples. Neste caso, é pressuposto que o leitor se proponha a ler uma história sem necessariamente envolver-se pessoal e intimamente com o narrador. Seria possível pensarmos no diálogo com o ‘querido diário’ – uma interlocução camuflada com um outro – e isso, uma interlocução camuflada com o leitor, acontece apenas eventualmente no texto. No nosso ponto de vista, a situação de escrita de Barbin não caracteriza uma intimidade e nela não se pretende estabelecer o leitor como ouvinte de particularidades cotidianas. Seu apelo é público e o leitor não se estabelece

---

<sup>34</sup> “J’ai vingt-cinq ans, et quoique jeune encore, j’approche, à n’em pas douter, du terme fatal de mon existence.

J’ai beaucoup souffert, et j’ai souffert seul! seul! abandonné de tous! Ma place n’était pas marquée dans ce monde qui me fuyait, qui m’avait maudit. Pas un être vivant ne devait s’associer à cette immense douleur que me prit au sortir de l’enfance, à cet âge ou tout est beau, parce que tout est jeune et brillant d’avenir.

Cet âge n’a pas existé pour moi. J’avais, dès cet âge, un éloignement instinctif du monde, comme si j’avais pu comprendre déjà que je devais y vivre étranger.

*Soucieux* et revêur, mon front semblait s’affaisser sous le poids de sombres melancholies. J’étais *froide*, timide, et, en quelque sorte, insensible à toutes ces joies bruyantes et ingênuas que font épanouir un visage d’enfant.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.09).

como confidente. Barbin admite uma reserva proposital perante o mundo (“Eu tinha então um distanciamento instintivo do mundo”) e isso se reflete na sua escrita. A narrativa de Barbin é, portanto, distanciada. O leitor – que, naturalmente, é um desconhecido para o narrador– será controlado por um tom emocional em grau violento de comoção. Busca-se uma aproximação com o sublime ao retomar durante toda a narrativa, não só na abertura das ‘memórias’, o efeito afetivo que incitaria uma piedade exigida em altos brados para um auditório coletivo. (Cf. no 1º § anuncia-se uma morte precoce; seguem-se expressões como: ‘sofri muito’; ‘sofri só’; ‘imensa dor’ etc.)

- b- O narrador cria para sua narrativa um lugar não histórico – ficcional ou mítico<sup>35</sup> – muito adequado para ‘os anormais’, ‘os monstros’ de que fala Foucault na sua aula do dia 22 de janeiro de 1975. E, em harmonia com a ‘retórica da piedade’, a que nos referimos no item ‘a’, citamos o seguinte trecho do filósofo mencionado:

“No fundo o que o monstro suscita, no mesmo momento em que, por sua existência, ele viola a lei, não é a resposta da lei, mas outra coisa bem diferente. Será a violência, será a vontade de supressão pura e simples, ou serão os cuidados médicos, ou será a piedade.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 2001, p.70).

- c- Finalmente, o que nos cabe realçar é a particularidade da escrita de Barbin, que oscila entre, por exemplo, o uso de adjetivos no masculino *seul*, *abandonné*, *maudit* e *soucieux*, de substantivos *étranger*, *rêveur* também masculinos simultaneamente ao uso dos adjetivos no feminino *froide*, *timide*, *heureuse*.

---

<sup>35</sup> “Essa idade [a infância] não existiu para mim.”



Resumindo, Barbin coloca-se como um *narrador mítico*: fora do tempo, conforme mostramos, e fora do espaço, já que ele/ela afirma que “viveria nele [no mundo] como um estrangeiro”. Trata-se também de um narrador sexualmente ambíguo, que quer provocar afetos violentos (como a compaixão). Barbin coloca-se como testemunho público de seu próprio sofrimento que determinou sua morte prematura.

Diante das características apontadas neste pequeno trecho, tomamos como alternativa situar o texto de *Mes Souvenirs* dentro de um gênero autobiográfico em sentido amplo. Segundo Lejeune, a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tônica na sua vida individual, em particular na história da sua própria personalidade.” (LEJEUNE, 1975, p.14). As características desse tipo de texto são: a relação de identidade entre autor, narrador e personagem que é um narrador autodiegético; a estrutura do tempo é de uma articulação retrospectiva, a narrativa é apresentada sob a forma de memórias (BUTOR, 1969, p.77); o narrador tende a manifestar seu narcisismo, que emerge no seu relato, com atitudes ideológico-afetivas ligadas à história de sua vida; a autobiografia é um gênero narrativo afim de outros gêneros de índole confessional como o diário.

A autobiografia tende a assimilar técnicas e procedimentos estilísticos próprios da ficção. Elizabeth Bruss, em *Autobiographical acts. The changing situation of a literary genre* (1979), considera a autobiografia como um ato literário. Na autobiografia o narrador é o próprio objeto da narração. Relações entre aquele que escreve seu próprio passado e a maneira de dar-se a conhecer ao outro no

risco permanente do deslizamento da autobiografia para o campo ficcional<sup>36</sup>. O autor é objeto de sua própria narração. O tema é a sua existência pretérita.

A autobiografia apropriou-se, ao longo do seu desenvolvimento, de diversos procedimentos formais de outros tipos de discurso. Segundo o *Dicionário de Narratologia (1996)* de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, a autobiografia se define por três aspectos:

a) o autor, o narrador e a personagem são o mesmo;

b) as informações e os eventos narrados são verdadeiros, sendo passíveis de verificação pública;

c) os processos narrativos que se empregam são motivo de interesse para o leitor.

O manuscrito de Barbin se diferencia do modelo 'diário', como criticamos para a tradução portuguesa, por esse último datar com precisão os diversos momentos da vida narrada, pois sua característica fundamental é a de respeitar o calendário e submeter-se a ele. O diário é um texto enraizado no dia-a-dia como um registro quotidiano de eventos e vivências, uma narração intercalada, uma enunciação intermitente, marcada pela fragmentação diegética imposta pelo ritmo quotidiano dos atos e fatos narrados. Um possível diário de Barbin talvez estivesse nos registros que ele/ela escreveu a Sara, vejamos: "... eu escrevia meus pensamentos íntimos e cotidianos, minhas impressões, e meus lamentos; tudo era destinado a Sara... ." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.63)<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> No nosso ponto de vista, o deslizamento para a ficção, no caso de Barbin passa pela mitificação, que pode ser uma alternativa eficaz para a inteligibilidade de sua situação de vida.

<sup>37</sup> "J'allais ensuite confier au papier mes pensées intimes de chaque jour, mes impressions, mes regrets; tout cela était destiné à Sara... ." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.74).

Observamos, sem grande dificuldade, que a marcação do tempo no texto de Barbin é frouxa e intermitente e se faz com pontuações esporádicas na abertura da narrativa, como vimos, e durante todo o percurso narrativo. Suas indicações se fazem em expressões do tipo: “Eu tinha então sete anos...”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.14)<sup>38</sup>. “... pois eu não tinha ainda doze anos de idade quando a conheci, ...”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.19)<sup>39</sup>. “Os anos se passaram. Eu ia fazer dezessete anos.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.26)<sup>40</sup>. “Eu tinha dezenove, ...”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.43)<sup>41</sup>. As poucas vezes em que Barbin refere-se a uma data precisa são: “No dia 20 de agosto houve ...”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.59)<sup>42</sup>; “Lembro-me que uma noite do mês de maio...”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.20).<sup>43</sup>

Por sua vez, o que é mais difícil de ser atingido pela autobiografia, em razão do caráter seletivo da memória, que modifica, filtra e hierarquiza a lembrança, é a exatidão, a precisão e a fidelidade à experiência real, justamente pela menor separação temporal entre o evento e o seu registro. O mais difícil, no caso de Barbin, é uma saída. Numa narrativa de tempo impreciso, quase completamente indeterminado, constrói-se no mítico o espaço de fecundação de um monstro.

Barbin, ao contrário do que sugere a tradução de *Mes souvenirs*, sabe o gênero que quer dar a sua escrita e quais os mecanismos que usará para

---

<sup>38</sup> “J’avais alors sept ans ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.11).

<sup>39</sup> “... car je n’avais pas douze ans ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.16).

<sup>40</sup> “Les années s’écoulaient. J’atteignais ma dix-septième.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.26).

<sup>41</sup> “J’en avais dix-neuf ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.48).

<sup>42</sup> “Le 20 août ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.68).

<sup>43</sup> “Un soir du mois de mai ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p. 18).

persuadir seu leitor. E escreve: "Passo rapidamente por minhas recordações de infância, pois nenhum incidente veio entristecê-las". (FOUCAULT, 1982, p.15)<sup>44</sup>. Desde já percebemos sua intenção: comover e fazer-se amar sem mostrar sua intimidade, uma vez que, não conta seus segredos. Nesse caminho, um ponto vantajoso do gênero escolhido, a autobiografia, reside no fato de poder hierarquizar e realçar eventos eliminando o contingente fragmentado de experiência que acontece no diário. Por essa forma Barbin reordena o passado em busca de um sentido que torne sua condição de *hermafroditos* inteligível.

Diante desses fatores, o envolvimento emocional e a impossibilidade de comprovação dos episódios descritos como acontecimentos nos diários, optamos por uma classificação abrangente: o memorialismo como um gênero de literatura que abrange a biografia, a autobiografia, o ensaio, o diário, a ficção, e até mesmo a crítica literária, necessária como ponto de ordenação de uma inteligibilidade<sup>45</sup>.

Barbin inventa um modo todo seu de se fazer lida, de escrever a sua história a partir de memórias selecionadas para manifestar um caráter luminoso de resgate criador de uma experiência de mártir, sofrida em meio às trevas, para transformar, pelo vivido, o monstro que se retira de um cenário inadequado. Sua necessidade de testemunhar e de tentar dar forma aos sofrimentos que conheceu manifesta-se na necessidade de utilizar recursos estratégicos e estilísticos, indo além do registro imediato dos fatos concretos, o que nos possibilita questionar os

---

<sup>44</sup> "Je passe rapidement sur ces premiers temps de ma vie que nul incident sérieux ne vint attrister." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.12).

<sup>45</sup> Trabalharemos nessa dissertação com o "princípio de inteligibilidade", forjado por Foucault na sua aula de 22 de janeiro de 1975, cf. FOUCAULT, M. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.69-100. (Coleção tópicos). Estamos cientes, entretanto que tal princípio, segundo o próprio Foucault "é propriamente tautológico, pois é precisamente uma propriedade do monstro afirmar-se como monstro, explicar em si mesmo todos os desvios que podem derivar dele, mas ser em si mesmo ininteligível". (FOUCAULT, 2001, p.71).

diffíceis limites entre o discurso memorialista e o discurso ficcional, entre o discurso ficcional e o discurso autobiográfico. Seria, então, o manuscrito de Barbin um gênero misto de texto? Trata-se de uma autobiografia testemunhal ou de uma obra de testemunho autobiográfico. “Mas o que experimentei nenhuma palavra humana poderia exprimir.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.32)<sup>46</sup>. Compondo um espaço de configuração complexo e que tende para o literário, Barbin traça uma auto-reflexão encetada em suas vicissitudes individuais de pessoa hermafrodita. Vejamos:

*“Sinto-me um pouco hesitante agora que começo a relatar a parte mais penosa da tarefa a que me propus. O que tenho a dizer são coisas que para muitos não passarão de inacreditáveis absurdos, pois ultrapassam, de fato, os limites do possível. Para estes, será difícil, sem dúvida, saber exatamente quais foram às sensações que tive, com as excepcionais estranhezas da minha vida.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982:23)<sup>47</sup>.*

Barbin, enquanto narrador, faz mais que um pacto de leitura, como nos fala Lejeune, e realiza, por meio desse pacto, um “contrato de leitura”<sup>48</sup> com exigências contratuais bem definidas. O que se pode observar em trechos como: “Só posso pedir-lhes uma coisa: que estejam, antes de mais nada, convencidos da minha sinceridade.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.23).<sup>49</sup> O contrato proposto e assinado durante a leitura determina que o narrador é mártir, vive num tempo mítico, e, nos dizeres de Foucault, sua condição combina o impossível com

---

<sup>46</sup> “Ce que j'éprouvai, nulle parole humaine ne pourrait l'exprimer.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.33).

<sup>47</sup> “J'éprouve quelque hésitation au moment de commencer la partie la plus pénible de la tâche que je me suis imposée. J'ai à parler de choses qui, pour plusieurs, ne seront que d'incroyables absurdités; car elles dépassent, en effet, les limites du possible. Il leur sera difficile sans doute de se rendre un compte exact de mes sensations, au milieu des bizarreries exceptionnelles de ma vie. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.22).

<sup>48</sup> Entendemos por “contrato de leitura” o pacto de confiança estabelecida entre o leitor e o escritor de um texto que se diz autobiográfico, como sendo este um texto verossímil e que conta sobre a história da vida de tal escritor. Conferir: LEJEUNE, Philippe. *Le pacto autobiographique*. Paris : Seuil, 1975. 357 p.

<sup>49</sup> “Je ne puis leur demander qu'une chose : c'est qu'ils soient, avant tout, convaincus de ma sincérité.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.22).

o proibido (FOUCAULT, 2001, p.70). Como um narrador que se vê como monstro, estrangeiro, mártir, com um tom de narrativa melancólica e sofrida.

Seu texto pretende uma validade literária rara vezes atingida ou empreendida por seus congêneres. E quanto à condição de ser escritor, declara: “Se pudesse escrever um romance, seria mais dramático e comovente do que A. Duras ou um Paul Féval! Mas não posso me comparar aos gênios do drama.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.40)<sup>50</sup>. Nesse ponto, Northrop Frye (1957) contribui para nosso estudo: o estado de espírito sombrio é predominante na autobiografia de Barbin. “Sei que as pessoas que me cercam me consideram muito estranho.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.97)<sup>51</sup>. Isso faz parte da unidade da uma pretensa estrutura trágica (FRYE,1957, p.204) que se confirma atenuando-se para o dramático, ou seja, na mistura de coragem e autocomiseração, na recusa de continuar vivendo, na escolha da morte como uma solução, seu texto foge do esplendor trágico e atinge o dramático. Seu paradigma, dissimulado, é verdade, é aquele alcançado pelos “gênios do drama”. O tom heróico que dá a sua narração: “... sou capaz de julgar os homens e as coisas.... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.21)<sup>52</sup>, é também uma característica de seu texto. Por outro lado, colocando-se no plano sobre-humano, mítico, Barbin se faz um ser de *hybris*, se pune com o suicídio - agente precipitador de sua própria catástrofe e resolve o seu conflito existencial com a morte que se torna a solução de uma *aporia* e que leva a sua narrativa do trágico para o dramático. A

<sup>50</sup> “Si j'écrivais un roman, je pourrais, em les interrogeant, fournir des pages les plus dramatiques, les plus saisissantes qu'aient jamais créées un A. Dumas, un Paul Féval!!! Ma plume ne peut se mesurer à celle de ces géants du drama. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.44).

<sup>51</sup> “Je n'ignore pas que je suis un sujet de singulier étonnement pour tous ceux qui m'environnent.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.118).

<sup>52</sup> “... j'ai pu juger des hommes et des choses ... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.19).

autobiografia de Barbin é um auto-retrato que está profundamente ligado à proximidade da morte, como se fosse uma fotografia. Uma escrita lapidar que resume a essência de sua vida, numa operação confessional efetuada como uma profecia cruel de sua morte precoce. Nas memórias a narratividade da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados; a narrativa do que foi visto e escutado, feito e dito. A autobiografia é assim o relato do que o indivíduo foi ou pensa que foi.

As memórias de Barbin nos levam à compreensão do sentido dramático do exílio, como aquele lugar suspenso entre uma origem (identidade) que se apagou na areia, e um fim que se deixa entrever já no início de seu relato: uma solução inadequada, a morte prematura. Barbin diz: “Essa luta incessante da natureza contra a razão me consome cada vez mais e me arrasta a largos passos para o túmulo.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.96)<sup>53</sup>. Uma morte bastante próxima desde a mais tenra idade: “Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda perspectiva é nova e brilhante.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.13)<sup>54</sup>. O texto de Barbin, mesmo carregado de afetividade, possui certo controle estético, apesar da sua limitação. E, na certeza de ser lida pela posteridade o autor afirma: “Para descrever o magnífico espetáculo que se oferecia aos nossos olhos seria necessário uma pena mais

---

<sup>53</sup> “Cette lutte incessante de la nature contre la raison m'épuise chaque jour davantage et m'entraîne à grands pas vers la tombe.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.116).

<sup>54</sup> “Pas un être vivant ne devait s'associer à cette immense douleur qui me prit au sortir de l'enfance, à cet âge où tout est beau, parce que tout est jeune et brillant d'avenir.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.09).

sábua do que a minha.” (...) Pois bem, submeto-me aqui ao julgamento da posteridade que me lerá!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.42 e 56)<sup>55</sup>.

O modo como existência, memória, tempo e narrativa se relacionam no texto é peculiar. As memórias escritas em vida têm sempre como limite temporal o momento em que são produzidas. O tempo e as vivências que se desenrolam após o gesto narrativo inevitavelmente escapam ao olhar memorialista. Podemos observar passagens aparentemente contraditórias como: “as emoções que me torturam não são do tipo que aumentam as forças.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.43)<sup>56</sup>. E em outra passagem: “Diante do perigo, entretanto, sinto-me forte. A infelicidade me enche de coragem.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.74)<sup>57</sup>. Na sua conversa com o leitor, Barbin seduz escrevendo:

*“Sem dúvida os hábitos locais valeriam um estudo curioso. Sem estar envolvido em nenhuma aventura (sic) sem ser ator nessa comédia”<sup>58</sup>, assisto freqüentemente a estranhas cenas entre essas duplas amorosas. Simples espectador, observo conscienciosamente, e chego sempre à conclusão de que meu papel é o melhor.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.98)<sup>59</sup>.*

E continua: “Possam os que me lêem jamais conhecer o que há de horrível nas minhas palavras.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.101)<sup>60</sup>. E

---

<sup>55</sup> “Le magnifique spectacle qui s’offrait à nos regards ne peut être décrit; il faudrait pour cela une plume plus savante que la mienne. (...) Eh bien! J’en appelle ici au jugement de la postérité qui me lira. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.46 e 64).

<sup>56</sup> “... les émotions qui me torturaient n’étaient pas de nature à augmenter mes forces.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.48).

<sup>57</sup> “En face du danger, je me relève. Le malheur me trouve plein force.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.87).

<sup>58</sup> Vale observar, mais uma vez, um problema de tradução. O termo *comédie*, em francês, não é necessariamente o que é o termo comédia em português. Barbin aqui parece referir-se ao teatro em geral e não ao gênero cômico.

<sup>59</sup> “Il y a vraiment une curieuse étude à faire sur ces moeurs locales. Sans être mêlé à aucune intrigue, sans être acteur dans la comédie, j’assiste souvent à d’étranges scènes entre ces amoureux couples. Simple spectateur, j’observe consciencieusement, et j’en arrive presque toujours à me dire que mon rôle est le meilleur.” (FOUCAULT, 1978, p.119).

<sup>60</sup> “Vous qui me lisez, puissiez-vous ne jamais savoir tout ce qu’il y a d’horrible dans cette parole.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.123).



permanentemente tenta nomear "... as monstruosas aflições..." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.53)<sup>61</sup> de sua alma. Colocando-se na escrita ora como um ser monstruoso, ora, em algumas circunstâncias, como um ser angelical – o que em nosso ponto de vista não elimina o monstruoso.

É no limbo de uma não-identidade sexual, de uma vida paralela que Barbin nos conta a sua trajetória, que é por demais poética, é humana, pois escreve sobre a *humanitas* do ser humano em geral. Bakhtin afirma: "Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida." (BAKHTIN, 2003, p.139). Barbin assim fez.

---

<sup>61</sup> "... déchirements affreux .... " (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.60).

## **CAPÍTULO II:**

### **AUTOBIOGRAFIA: LITERATURA E CULTURA.**

*“Pelas trocas do amor e da amizade crescem progressivamente as pessoas, sexuadas como são.”*

*Bernardino Leers, OFM.*

A história de uma cultura não se desenvolve linearmente, e tampouco este capítulo prende-se a uma noção unívoca do tempo. Em geral, a cronologia marcadora de um contexto histórico, social e cultural de uma determinada época é uma conveniência, porém não passa disso. Tentar recompor a França entre os anos de 1838 a 1868, período de vida de Barbin, lembra o trabalho de restauração de um afresco antigo do qual grandes partes desapareceram pelo tempo e outras partes fazem-se presente apenas em formas vagas e difíceis de distinguir. Contudo, o clima sociocultural que há ao redor do hermafroditismo nessa época será de enorme valia para a sua compreensão nessa análise textual a que nos propomos.

Por volta do ano 1865, Paris vivia um dos períodos mais conturbados de sua história. O golpe de Estado de Luís Bonaparte, em 1851, substituíra a Segunda República pelo Segundo Império, numa época de grande expansão comercial, e, portanto, de relativo crescimento econômico. Paris passara por uma reurbanização realizada pelo então prefeito, Barão de Haussmann, dando prosseguimento às idealizações do Imperador. Dessa forma, foram abertos bulevares, os quais, entre muitas outras funções, desempenhariam tanto o papel

de impedir a formação de barricadas, muito freqüentes, quanto o de facilitar o acesso das tropas de repressão aos movimentos populares. Houve a implementação de um eficiente sistema de canalização de água e esgotos. O Império chegaria ao seu fim em 1870, por consequência da guerra contra a Prússia, que, em seguida, iria culminar numa revolta sangrenta que deu origem à Comuna de Paris.

Sobremaneira, o que mais nos interessa do contexto sócio-cultural no qual Barbin viveu é a noção de bissexualização dos corpos, segundo a qual as identidades sexuais deveriam ser bem definidas (ou se é homem ou se é mulher), que representou na época uma intensificação da procura pelo verdadeiro sexo das pessoas. O modelo sexual que passa a ser hegemônico é o do *two-sex-model*<sup>62</sup>, de acordo com o qual a natureza é dividida em dois sexos apenas: o macho e a fêmea. Qualquer eventualidade que pusesse essa ordem sexual em dúvida era rechaçada como sendo uma anomalia, um desvio da natureza, em que se incluem os casos de hermafroditismo e de homossexualismo, um sendo confundido com o outro, o que veremos mais adiante<sup>63</sup>.

Foucault aborda o problema da identidade sexual através do estudo dos casos marginais de hermafroditismo, em especial de Barbin, durante as “Jornadas da Arcádia”, realizadas no Palácio dos Congressos em Paris, em maio de 1979. Ele lança a proposição de que “o prazer não tem passaporte”, ou seja, não tem

---

<sup>62</sup> A esse respeito ver: COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995. 303 p.

<sup>63</sup> A esse respeito veremos: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 254 p.

identidade fixa, só importando “a realidade dos corpos e as intensidades dos prazeres”. Dentre os volumes editados e publicados da *História da sexualidade*, os dois últimos são de especial importância para a nossa reflexão. É no tomo intitulado *O uso dos prazeres* (1988) que vemos um feito nunca antes realizado pelos protagonistas da história da filosofia ocidental. A releitura do *Banquete* de Xenofonte feita por Foucault é algo surpreendente e de mérito incontestável, pois *eros* e *philia* podem, depois de séculos, novamente estar juntos. Vejamos:

*“Mas, no Banquete, (sic) que Xenofonte apresenta uma imagem menos esquemática dessa demarcação. Ele esboça uma concepção do Eros e de seus prazeres que teria por objeto a própria amizade: Xenofonte não faz dessa amizade, daquilo que ela pode comportar de vida comum, de atenção recíproca, de benevolência de um para com o outro, de sentimentos compartilhados, o substituto do amor ou algo que lhe dê seqüência no momento oportuno; ele faz da amizade aquilo mesmo por que os amantes devem se enamorar: erontes tes philias<sup>64</sup>, diz ele numa expressão característica que permite salvar o Eros, manter-lhe a força (sic) mas dando-lhe por conteúdo concreto apenas as condutas de afeição recíproca e duradoura compreendidas na amizade.” (FOUCAULT, 1988, p.205-206).<sup>65</sup>*

Dessa forma, Foucault redescobre e interfere em paradigmas sócio-familiares vigentes, em um ‘primeiro caminho’ para fazer valer essa proposição: *erontes tes philias*.

Bernardino Leers, em trabalho de reconhecida importância nessa discussão, *Homossexuais e ética cristã* (2002), propõe que nos desgarremos da maneira secular de ligar a sexualidade à procriação; devemos, antes, engajarmos pela criação de um ambiente de vida, de uma rede de relações de amizade e afetividade, num laço social que possibilite expressar a intimidade da amizade em trocas eróticas e sexuais, dando à criatividade humana um campo mais amplo:

---

<sup>64</sup> Grifos do autor.

<sup>65</sup> XENOFONTE, *Banquete*, VIII, 18.

*“Sem dúvida, a amizade entre homossexuais segue caminhos próprios (...) Apesar da resistência da homofobia difusa na cultura e nos comportamentos, a amizade verdadeira entre os homossexuais tem sua força criativa e estimuladora para sua construção pessoal e posição social.” (LEERS, 2002, p.179).*

Leers, nesse brilhante ensaio, está em perfeita consonância com o projeto foucaultiano de uma estética da existência baseada na amizade homoerótica. Assim, a amizade está contemporaneamente no horizonte do amadurecimento dos homossexuais.

Tocamos nessa questão relativa ao “homossexualismo”, devido à forte ligação que esse termo teve com o hermafroditismo, ao ponto de, muitas vezes, um ser confundido ou mesmo ser tomado como sinônimo do outro. Essa indistinção é explicada por Philippe Ariès:

*“Admitamos que o homossexual medieval e do Antigo Regime era um perverso. No final do século XVIII, no início do XIX, ele se torna um monstro, um anormal. Evolução que, aliás, coloca o problema das relações entre o monstro medieval ou renascentista e o anormal biológico da época das Luzes e dos primórdios da ciência moderna. O monstro, o anão, mas também a mulher velha, que se confunde com a feiticeira, são ofensas à criação, culpados de serem criaturas diabólicas. O homossexual do início do século XIX herdou essa maldição. Era a um só tempo um anormal e um perverso. A Igreja estava pronta a reconhecer a anomalia física que fazia do homossexual um homem-mulher, um homem anormal, e sempre efeminado. [...] A vítima dessa anomalia sem dúvida não era responsável, mas nem por isso deixava de ser suspeita, exposta ao pecado mais do que os outros pela sua natureza, mas capaz de seduzir o seu próximo e arrastá-lo para o mesmo caminho. [...] A medicina, desde o final do século XVIII, tomou emprestada a concepção clerical da homossexualidade. Esta se tornou uma doença, ou melhor, uma enfermidade que um exame clínico podia diagnosticar.” (ARIÈS, 1986, p.81.).*

Com isso podemos reafirmar que a anomalia física que possibilitava diagnosticar a homossexualidade como monstruosidade, com base na anomalia que a categoriza, era da ordem do hermafroditismo, e assim o homossexual foi confundido com o *hermafroditos*. “A anomalia aqui denunciada era a do sexo, e de sua ambigüidade – homem efeminado, ou a mulher que possui órgãos masculinos

ou andrógina.” (ARIÈS,1986, p.82). Portanto, na história da homossexualidade, segundo Ariès, o *hermafroditos* é visto como *corporificação* de uma doença. E a condição hermafrodita, nesse período da história do pensamento ocidental, transforma-se no problema da homossexualidade.

Cabe aqui um esforço para vermos como o *hermafroditos* entrou na história da homossexualidade, e como essa condição biológica, numa época em que a homossexualidade era considerada uma doença, uma anomalia ou uma monstruosidade, se viu confundida com ela. Podemos recorrer aos estudos de Jurandir Freire Costa acerca do homoerotismo em *A face e o verso* (1995).

*“... percebido como imediatamente e naturalmente dividido em dois [...] fazemos do sexo algo correlato ao dimorfismo dos organismos humanos. Aprendemos que nascemos homens e mulheres e que homens e mulheres são radicalmente diferentes do ponto de vista sexual, por uma imposição das leis biológicas. Mas esta concepção de sexo baseada numa suposta bissexualidade original nem sempre existiu!” (COSTA, J. F., 1995, p.96).*

De fato, até o século XVIII, o sexo e a sexualidade foram vistos sob a concepção neoplatônica das formas ideais.

*“Até o século XVIII aproximadamente, a concepção científica dominante da sexualidade era a do *one-sex model*: No *one-sex model* que dominou o pensamento anatômico por dois milênios, a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina um pênis.” (COSTA, J. F., 1995, p.100).*

Portanto, a construção histórica da descrição desqualificadora do estilo de vida homossexual passou pela idéia da existência de um “hermafroditismo físico e psíquico” inerente a essas pessoas.

Da mesma forma que os homossexuais, o *hermafroditos* também está envolvido no complexo discriminatório intrínseco ao padrão cultural vigente, pois “a natureza humana é heterossexual” (LEERS, 2002, p.24). Mas os indivíduos de

condição hermafrodita têm de encontrar seu caminho e formar sua personalidade contra todas as resistências que os cercam em sua qualidade sexual específica, mesmo que a medicina os faça escolher entre os dois sexos biológicos, muitas vezes sem ouvi-los com relação a essa escolha. É freqüente, ao nascerem, serem submetidos a cirurgias de correção sexual quando outros atores sociais, como os próprios pais da criança, tomam a decisão. É evidente que o sofrimento do *hermafroditos* na vida cotidiana e prática é condicionado pela sociedade e, pelo padrão cultural global, ele é instado a escolher dentre as duas identidades possíveis, mas nunca as duas concomitantemente. Há um complexo discriminatório que regula o relacionamento entre heterossexuais e homossexuais, que moralmente encobrem as condições desses últimos e do *hermafroditos*, e marcam o compasso da convivência sob o imperativo moral do tipo ideal de macho ou fêmea, gerando um processo socializado de discriminação, intolerância e ostracismo para com os demais. Tornar-se, então, um não-homem ou uma não-mulher, um meio-homem ou meio-mulher é o mesmo que se exilar da humanidade.

Nesse sentido, postulamos que o significado da sexualidade foi fixado com o objetivo de estigmatizar as inclinações de pessoas sexuadamente diversas do modelo do super-homem (heterossexual, branco, macho, rico e poderoso). Quais as condições mais favoráveis para uma vida humana bem vivida sob o prisma de uma não-identidade sexual? Como integrar na sociedade o *hermafroditos*? Sem liberdade de construir suas vidas, os *hermafroditos* estão impossibilitados de se conformar ao esquema de conduta dominante: heterossexual. Portanto, vêem-se obrigados a abrir outros caminhos e encontrar

outros apoios distintos dos que tradicionalmente estão à disposição das pessoas “normais”. Nesse ponto, a filosofia de Michel Foucault, com a reabilitação da antiga Estética da Existência e a conseqüente re-configuração da amizade, oferece um suporte filosófico, ético e ideológico nas questões contemporâneas de gênero e identidade sexuais. Isso ocorre numa perspectiva de construção de uma ética sexual para além dos modelos sexuais dominantes, os quais fixam subjetividades, ou seja, estamos no âmbito da “ética da amizade”, como muito bem esclareceu Francisco Ortega na sua monumental trilogia dedicada a esse tema<sup>66</sup>.

Para Bernardino Leers, “ética visa o futuro, embora parte de seu material e de sua inspiração seja do passado.” (LEERS, 2002, p.93). Será que não haverá lugar para uma ética no nosso mundo para o homem que de dentro para fora se sente *hermafroditos*? Como vamos incorporar à cultura o outro, o diferente. Segundo Foucault (FOUCAULT, 2001), como vimos, o caso de Barbin foi classificado como anormalidade, monstruosidade. Uma noção jurídica que não se resolve nem foi respondida pela cultura. Por que para o *hermafroditos* não há lugar na “normalidade” da vida comum? O caminho é interrogar e escutar o próprio *hermafroditos*. O relato autobiográfico de Barbin é um material importante para essa discussão, já que, durante séculos, a vida do indivíduo *hermafroditos* ficava escondida. Ou seja, dispor de literatura autobiográfica como a de Barbin, em que um *hermafroditos* comunica sua experiência existencial a partir da sua condição específica, escreve sobre sua vida e dá sua interpretação dos fatos, é um

---

<sup>66</sup> Quer seja: *Amizade e Estética da Existência em Michel Foucault* (1999), *Para uma política da amizade* (2000), *Genealogias da amizade* (2002).



privilégio que pesquisadores não podem desprezar, mesmo que a questão ética do *hermafroditos* implique confrontar dificuldades.

O problema ético de como o *hermafroditos* há de se integrar na cultura, ultrapassando as disritmias entre a ordem pública e a ordem privada, é um avanço de nosso tempo. Mesmo se todo o ambiente de vida lhe fosse favorável, suas condições biológicas teriam de ser acompanhadas e avaliadas devido à diversidade clínica que cada caso de hermafroditismo comporta.

*“... a lei olha a categoria sem olhar as pessoas em sua evolução e problemática individual nem sequer sugere qualquer abertura para na frente se realizar. A norma tira os rostos próprios das pessoas, complicando a comunicação entre a letra da norma e o espírito desta ou daquela pessoa em seu contexto.” (LEERS, 2002, p.127).*

O *hermafroditos* pode, pela filosofia da amizade de Foucault, construir sua personalidade e articular sua convivência com outros na sociedade e no mundo do trabalho, ainda que as discriminações e os preconceitos continuem pelo mundo como sombras tristes da teoria tradicional sobre a natureza comum do humano. Talvez o uso democrático de nossas inclinações sexuais seja uma solução para a questão social das identidades, pelo fato comum de todos serem pessoas humanas, e, portanto, passageiras, mortais.

É salutar a aposta que Bernardino Leers lança:

*“... a quebra do tabu da homofobia supõe mais pessoas que se convertem e mais tempo para a mudança penetrar nos padrões de comportamento estabelecidos que mandam na sociedade. Uma primeira entrada neste processo cultural seria a de os pais assumirem e apoiarem o filho que demonstra em sua convivência uma orientação homossexual dominante.” (LEERS, 2002, p.175).*

Será que com relação à problemática da pessoa hermafrodita essa não seria também uma vereda possível, visto que:

*“não é universalizando a regra de sua ação que o indivíduo se constitui como sujeito ético; é, ao contrário, por meio de uma atitude e de uma*

*procura que individualizam sua ação, que modulam e que até podem dar um brilho singular pela estrutura racional e refletida que lhe confere.”(FOUCAULT, 1988, p.59).*

Assim, caminhamos no sentido da ampliação da diversidade identitária sexual (sempre em transformação), por uma possível exploração da potencialidade da condição hermafrodita dentro do programa ético-filosófico de Foucault, obedecendo às peculiaridades de cada caso. É nesse sentido que essa dissertação caminha; onde ninguém mais seguiu ou seguirá aquele caminho próprio de cada indivíduo consigo mesmo, com suas características singulares do seu processo específico com os prazeres e os corpos (seu e de outrem), cada vez mais *cyber* ou *ciborgue*, pois:

*“... em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade, até mesmo nosso gênero, exatamente da forma que quisermos. (...) O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida, a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados – esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma profilaxia contra o heterossexismo.” (HARAWAY, 2000, p.29 e 40).*

Dessa maneira, a “política-ciborgue” parece apontar para um mundo pós-gênero, em favor do prazer da confusão de fronteiras tão típica do hermafroditismo.

Ao escrever a sua vida Barbin romanceia sua narração contando a nós, seus leitores, suas histórias de amor. É importante pontuar essa característica do seu relato, principalmente para vermos como sua vida amorosa se configurou na sua existência hermafrodita. Ou seja, como a cultura impôs-lhe uma rejeição física que a levou à morte. Se por um lado, a maioria das pessoas, independentemente de seus sexos e de suas sexualidades (seja homoerótica ou heteroerótica), encontra-se no que Freud chamou de “degradação da vida amorosa”<sup>67</sup>, para a

---

<sup>67</sup> Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor.(Contribuições à psicologia do amor II). In: \_\_\_\_\_. *Cinco lições de psicanálise*. Rio de Janeiro:

homossexualidade masculina e de forma semelhante para o hermafroditismo, a cultura impõe uma constante e variada degradação da vida amorosa<sup>68</sup>. Portanto, nada mais legítimo do que vemos como Barbin, um *hermafroditos*, se saiu no campo do amor (desenvolvimentos de laços afetivos e ou sexuais) no pouco tempo de sua existência. Vejamos:

1- Primeiro foi Lea:

*“Eu a amei a primeira vista, e embora fisicamente ela não fosse deslumbrante, a graça e a simplicidade que todo o seu corpo vestia, tornavam-na irresistivelmente atraente [...] Eu a envolvia num culto ideal e apaixonado ao mesmo tempo. Eu era sua escrava, seu cão fiel e agradecido. Eu a amava com aquele ardor que eu colocava em todas as coisas. [...] eu dizia: “Lea, eu te amo!” [...] E assim se foi o primeiro amor da minha vida!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.18,19 e 23)<sup>69</sup>.*

Observe-se que o tradutor apresenta essa situação amorosa como homossexual. Barbin, ao contrário, narrando um episódio ocorrido em seus doze anos de idade, estando na ocasião em um internato de meninas como menina, utiliza para se descrever termos masculinos (‘esclave’ substantivo comum de dois gêneros) e (‘chien’). Barbin não se coloca como ‘sua escrava’, mas como ‘seu escravo’, ‘seu cão’. Pouco mais adiante na narrativa a referência muda e Barbin exclama: como me sentia ‘orgulhosa’ (fière) quando ela desejava encostar-se em mim no jardim. Narrador consciente, Barbin não se escusa de alternar masculino e feminino, assume-se *hermafroditos*.

---

Imago, 1980b. p.163-173. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

<sup>68</sup> Como aponta o trabalho de FARIA, Ludmilla Féres. *Sobre a homossexualidade masculina: variações da degradação da vida amorosa*. 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

<sup>69</sup> “Je l’aimai à première vue, et, bien que son extérieur n’eût rien d’éblouissant, il attirait invinciblement par la grâce modeste répandue sur toute sa personne (...) Je l’entourais d’un culte idéal et passionné tout à la fois. J’étais son esclave, son chien fidèle et reconnaissant. Je l’aimais avec cette ardeur que je mettais en toutes choses (...) Lea, lui disais-je alors, Lea, je t’aime! (...) Ainsi fut brisée la première affection de ma vie! (FOUCAULT, 1978, p.16,17 e 22).

## 2- Segundo a Senhora Clotilde de R...

*"Assistia pela manhã a seu despertar, sempre matinal, tanto no verão quanto no inverno. Ajudava-a a vestir-se em seguida, e enquanto isso acontecia, nós discorriamos, cada uma mais do que a outra, sobre todos os assuntos possíveis. Quando o silêncio se impunha, eu a observava ingenuamente. Nada se comparava à brancura de sua pele. Era impossível admirar a graciosidade de suas formas sem que se ficasse deslumbrado. E isso era exatamente o que me acontecia. Muitas vezes não consegui deixar de dirigir-lhe um elogio..." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.24-25)<sup>70</sup>.*

Novamente, descrevendo a relação com o avô de Clotilde, Barbin se descreve, na mesma frase, no feminino e no masculino – embora a tradução não contemple essa peculiaridade: "Eu era sua leitora (letrice), sua secretária (son secrétaire<sup>71</sup>). [...] Terminada a leitura eu procurava também, e encontrava, fragmentos de correspondências íntimas." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.25)<sup>72</sup>.

## 3- Terceiro, Thécla (Barbin tinha 17 anos)

*"Tornei-me logo a amiga íntima de uma encantadora moça, chamada Thécla [...] No verão estudava-se no jardim, e lá estávamos nós, uma ao lado da outra, lendo com as mãos entrelaçadas. Vez em quando me inclinava em direção a ela para beijá-la, [...] Beijava-a ora no rosto ora nos lábios, e isso se dava no mínimo vinte vezes a cada uma hora." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.33-34).<sup>73</sup>*

<sup>70</sup> "J'assistais le matin à son lever, toujours matinal, en été comme en hiver. Je l'habillais ensuite, et, pendant cette opération, nous discorriions à qui mieux mieux sur tous les sujets possibles. Si le silence s'établissait, je me prenais à l'admirer naïvement. La blancheur de sa peau n'avait pas d'égal. Il était impossible de rêver des formes plus gracieuses sans en être ébloui. C'est ce qui m'arrivait. Je ne pouvais quelquefois m'empêcher de lui adresser un compliment... ." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p. 24).

<sup>71</sup> O substantivo secrétaire é comum de dois gêneros, entretanto o pronome utilizado está no masculino, definindo assim o gênero como masculino.

<sup>72</sup> "J'étais sa letrice, son secrétaire. (...) La lecture finie, je cherchais encore et je trouvais des fragments de correspondance intime. (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.24, 25).

<sup>73</sup> "Je me liai bientôt d'une étroite amitié avec une charmante jeune fille nommée Thécla, [...] L'été on faisait l'étude dans le jardin, nous y étions l'une près de l'autre, les deux mains enlacs pendant que l'autre tenait le livre. De temps à autre le regard de notre maîtresse s'attachait sur moi au moment où jje me penchais vers elle pour l'embrasser, tantôt sur le front, et, le *croirait-on de ma part*, tantôt sur les lèvres. Cela se répétait vingt fois dans une heure." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.35).

A ambigüidade de referência no trecho é diluída. O narrador é feminino durante toda a narrativa. Realçamos as expressões que estão na seqüência do trecho: *l'une près de l'autre, fus surprise, séparée*. Barbin narra uma repreensão da professora que exorta e apela, segundo ela, "aos corações". O pranto é efeito gerado por essas exortações.

4- E, finalmente Sara:

*"... era que eu e Sara nos amávamos como duas irmãs. [...] Eu não a amava, eu a adorava! [...] Acalentamos o doce sonho de pertencermos uma à outra para sempre, diante do céu, isto é, pelo casamento. [...] Aquela doce menina que se tornara minha companheira e irmã, eu transformei em amante<sup>74</sup>!!! [...] Diante de mim, que era a amiga íntima<sup>75</sup> de Sara, ninguém se sentia à vontade; naturalmente eu conhecia todos aqueles pequenos detalhes secretos trocados por pessoas do mesmo sexo!!!" (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.46, 51, 54, 56, e 72).<sup>76</sup>*

Vemos, assim, Barbin nos narrar suas aventuras amorosas com moças, ou seja, pessoas de seu suposto "mesmo sexo", entretanto, sua narrativa marca insistentemente sua ambigüidade biológica. Na condição ambígua em que se encontrava, podemos crer que se tratava tanto do amor de um homem por mulheres como de uma mulher por outra. Isso pode ser corroborado quando Barbin indigna-se com a idéia contrária a esse desejo, ou seja, a de ser desejada por um homem sendo ela "mulher". Vejamos sua indignação:

*"As emoções da minha vida não são do tipo que se pode contar aos sete ventos. Há situações que poucas pessoas podem apreciar, e que certamente algumas mais grosseiras de nossa época usariam para dar uma interpretação tola dos fatos, interpretação que quase sempre é perigosa para mim, como eu mesmo tive oportunidade de constatar. Posso citar um exemplo: Eu estava na estrada de ferro de... Um subchefe*

<sup>74</sup> Grifos do tradutor.

<sup>75</sup> Grifos do tradutor.

<sup>76</sup> "était de me voir avec Sara dans les termes d'une affection fraternelle. (...) Je ne l'aimais pas, je l'adorais ! (...) Nous avons fait le doux rêve d'être à jamais l'un à l'autre, à la face du ciel, c'est-à-dire par le mariage. (...) Cette douce jeune fille, devenue ma compagne, ma soeur, j'en avais fait ma maîtresse!!! (...) Devant moi, l'amie intime de Sara, on ne se gênait pas; naturellement, j'étais initié à tous ces petits détails secrets qui se communiquent entre personnes du même sexe !!!" (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.52, 58, 62, 64, e 84).

*do escritório conversava comigo sobre a originalidade do meu passado. Ele acreditava de boa-fé que eu, tendo sido desejada por um jovem rapaz, me havia rendido a seus desejos, e com isso descoberto o meu verdadeiro sexo. Vê-se, portanto, até onde pode se estender à capacidade de me julgar, e que sérias conseqüências ela pode ter para mim, e para a minha tranqüilidade.” (FOUCAULT, 1982, p.99-100)<sup>77</sup>.*

Podemos com isso dizer que a personalidade de Barbin em alguns momentos parece ser predominantemente masculina e que sua vida afetivo-sexual manifesta inclinação heteroerótica, entretanto, embora tendo o desejo de um casamento com Sara (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.65), suas auto-referências são misturadas, e denunciam uma condição hermafrodita.

Por outro lado, Barbin inova no campo da amizade, fazendo *eros* circular nos seus laços de *philia* com suas amigas, que eram assim também amantes. Dessa maneira, seu plano de vida amorosa está em consonância com as formulações foucaultianas de uma ‘política da amizade’. Barbin transforma Sara, ora em companheira e irmã, ora em amante e amiga íntima. Dessa maneira, entendemos que seu comportamento é um avanço para época nas questões relativas à esfera política da amizade. Visto que o amigo é facilmente confundido com o irmão e que a amizade foi, durante séculos, contaminada por metáforas fraternais. Um dos esforços teóricos de Foucault (assim como outros, como Maurice Blanchot, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Hannah Arendt) foi justamente transformar a amizade, colocando-a na esfera do político. As

---

<sup>77</sup> “Les impressions de ma vie ne sont pas de celles qu'on puisse jeter à tous les vents. Il y a là des situations que peu de personnes peuvent apprécier, et certainement pour quelques gens grossiers de notre époque il y aurait matière à plus d'une sotte interprétation des faits et des choses, interprétation qui ne serait pas toujours sans danger pour moi, comme j'ai été à même d'en juger parfois. J'en puis citer un exemple: C'était au chemin de fer de... Un sous-chef de bureau s'entretenait avec moi de l'originalité de mon passé. Il croyait tout bonnement que recherchée un jour par un jeune homme, je m'étais rendue à ses désirs, et que là s'était faite la découverte de mon véritable sexe. On voit jusqu'où peut s'étendre cette faculté de me juger, et quelles sérieuses conséquences elle peut avoir pour moi, pour mon repos.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.121).

amizades, além de espaços afetivos, são consideradas espaços políticos legítimos de transformação social. Por isso, muito dos esforços desses pensadores foram o de recuperar o político para a comunidade, de re-construir o político e a democracia. “Ou seja, a amizade seria deslocada da esfera privada, da intimidade, para o mundo, a sociabilidade, o público.” (ORTEGA, 2000, p.57). Com isso, uma nova experiência da amizade representaria um desafio às maneiras do mundo moderno de pensar o político<sup>78</sup>. Mas nosso principal interesse consiste em apresentar a noção de amizade de Barbin como coincidente à foucaultiana. O nível em que Barbin opera na sua relação de amizade, principalmente com Sara, faz-nos acreditar pelo seu testemunho, que a amizade é o principal meio da passagem de uma relação afetiva para uma relação sexual, não sendo um meio excludente de afeto e sexo, mas coincidente. Com isso, pontuamos a riqueza e a rentabilidade teórica que seu manuscrito possui.

Outra característica da autobiografia de Barbin é o caráter de confissão pública, distinta de confissão intimista de um diário: “Onde encontrar forças para dizer ao mundo que eu usurpara um lugar e um título interditos pelas Leis Divinas e humanas?” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.54)<sup>79</sup>. Cultura, literatura, vida e história estão conjugadas em seu relato. Barbin pretende desempenhar um papel efetivo de agente de transformação social ao denunciar e repugnar moralmente os atos sociais que ocorriam no exercício do magistério e nas instituições ligadas a esse exercício profissional, quando, por exemplo, afirma que “O único objetivo de meu relato foi o de delatar uma questão de moralidade

---

<sup>78</sup> Sobre a noção do político nos textos de Foucault ver ORTEGA op. cit. p. 49-107.

<sup>79</sup> “Où trouver la force de déclarer au monde que j’usurpais une place, un titre que m’interdisaient les lois divines et humaines?” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.62).

pública.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.32)<sup>80</sup>. O tom confissão pública – e não pessoal – proporciona uma denúncia abrangente. E, então, denuncia:

*“Certamente, todos sabem hoje da dependência vergonhosa em que são colocados os professores e professoras de internato. Além de serem alvo da calúnia e da maledicência de uma população que devem regenerar, têm também que se submeter à influência fatal e despótica de um padre orgulhoso de seu poder, que se não consegue fazer deles seus escravos os esmaga, sob o peso do ódio que espalhará em seus caminhos. O que eu vi permitirá citar a esse respeito vários exemplos. O momento, entretanto, não chegou ainda. Mas corro o risco inevitável com tais afirmações: o de ocasionar risos de incredulidade contra mim. Seja como for, creio estar cumprindo um dever, e afirmo que, à parte honrosas exceções, os funcionários que ousam atacar aqui são mais numerosos do que se imagina. Depois do padre, o mais terrível inimigo da educação é o inspetor primário. [...] Eu vi com meus próprios olhos cenas verdadeiramente inacreditáveis, de baixaza indigna, de abuso de poder, cenas por demais revoltantes para que eu possa contar aqui.”* (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.29, 30 e 31)<sup>81</sup>.

Com essa passagem, podemos conjecturar que à parte destruída do texto<sup>82</sup> pudesse conter denúncias mais contundentes. Contudo, essa é sua marca: testemunho individual. “Que destino o meu! Oh Deus! Que julgamento farão de mim os que conhecerem a trajetória de minha vida, essa que nenhum outro ser vivo antes de mim, (sic) percorreu?” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.40)<sup>83</sup> que visa ao coletivo.

---

<sup>80</sup> “Mon unique but a été de soulever une question de moralité publique.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.32).

<sup>81</sup> “Certes, tout le monde sait aujourd’hui dans quelle honteuse dépendance, pour notre époque, sont placés les maîtres et maîtresses de pensions. En butte à la calomnie, à la médisance d’une population qu’ils doivent régénérer, il leur faut subir aussi l’influence fatale et despotique d’un prêtre jaloux de son pouvoir qui, s’il ne peut en faire ses esclaves, les écrasera bientôt sous le poids des haines qu’il aura soulevées sous leurs pas. Ce que j’ai vu me promettrait d’en citer plus d’un exemple. Le moment n’est pas arrivé. Mais il est un écueil inévitable que je viens signaler ici. Peut-être vais-je soulever contre moi le rire de l’incrédulité. Quoi qu’il en soit, je crois remplir un devoir, et j’affirme que, à part d’honorables exceptions, les fonctionnaires que j’ose attaquer ici sont plus nombreux que je n’ose le dire. Après le curé de la commune l’institutrice n’a pas de plus terrible ennemi que l’inspecteur primaire. (...) J’ai vu se passer sous mes yeux de ces scènes vraiment incroyables de bassesse indigne, d’abus de pouvoir trop révoltants pour que j’essaye de les raconter.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.30).

<sup>82</sup> Situação da publicação do manuscrito de Barbin a qual falamos na página 08.

<sup>83</sup> “Quelle destinée était la mienne, ô mon Dieu! Et quels jugements porteront sur moi ceux qui me suivront pas à pas dans cette incroyable carrière, que pas un être vivant avant moi n’aura parcourue!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.44).



Seu trato com a linguagem é fruto de sua formação escolar e cultural, e na linguagem escrita Barbin escolhe construir sua inteligibilidade:

*"Na leitura encontrava um alimento para aquela necessidade de conhecer que invadia todas as minhas aptidões. Essa ocupação que me era tão querida tinha também o poder de me distrair das tristezas confusas que então me dominavam por completo. Quantas vezes pedi para ser dispensada de passeios a fim de, com o livro nas mãos, passear **sozinha**<sup>84</sup> pelas magníficas alamedas do nosso jardim! [...] Mais de uma vez me surpreendi lendo em horas avançadas da noite. Era o meu divertimento, o meu lazer. Com isso, devo dizer, adquiri uma série de ensinamentos úteis." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p. 18 e 26)<sup>85</sup>.*

Vamos, no capítulo seguinte, observar os recursos estratégicos e estilísticos que Barbin utiliza para o fim de influenciar ou ampliar a repercussão do seu manuscrito.

---

<sup>84</sup> Grifos de Herculine Barbin.

<sup>85</sup> "J'y trouvais un aliment à ce besoin de connaître qui envahissait toutes mes facultés. Cette occupation chérie avait aussi le privilège de me distraire des tristesses vagues qui alors me dominaient tout entier. Que de fois je me dispensai de la promenade pour pouvoir, de livre à la main, me promener seule (sic) dans les magnifiques allées de notre beau jardin (...) Plus d'une fois, cette occupation me surprit à une heure très-avancée de la nuit. C'était ma récréation, mon délassement. J'y acquis plus d'un enseignement utile, je dois les dire ." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.15).

### CAPÍTULO III:

#### AUTOBIOGRAFIA E MITO DE SI: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E OS MITOS.

*“O homem voltará a ser andrógino, semelhantes aos anjos.”*

*Mircea Eliade.*

Mircea Eliade, no seu estudo das religiões da Mesopotâmia, nos esclarece: “No seu apogeu, Inanna-Ishtar era ao mesmo tempo deusa do amor e da guerra, isto é, regia a vida e a morte; para indicar a plenitude dos seus poderes, dizia-se que ela era hermafrodita (*Ishtar barbata*).” (ELIADE, 1983, p.87). Isso faz-nos pensar que, a idéia de um ser *hermafroditos* está ligada aos poderes de alguma divindade que domina a vida e a morte.

O *hermafroditos* foi uma divindade, à qual se prestavam cultos e oferendas desde o quarto século antes de Cristo, como testemunham textos antigos, como os *Caracteres* (16,10)<sup>86</sup> de Teofrasto (370-288 a.C.) e o *Diálogo dos Deuses* (3,23; 17,15)<sup>87</sup> de Luciano (120-190 d.C.). Dessa positividade podemos

<sup>86</sup> Kai\ tai~v tetra/si de\ kai\ tai~v e(bdoma/si prosta/cav oi]non e#yein elndon, e)celqw\ n a)gora/sai mursi/nav, libanwto/n, po/pana, kai\ ei)selqw\ n eilsw <diatele-i-n> stefanw~n tou\v (Ermafrodi/touv o#lhn th\ n h(me/ran. Em tradução para o português de Daisi Malhadas e Haiganuch Sarian: “Nos dias 04 e 24 do mês, após ter ordenado aos seus que esquentem o vinho, sai para comprar ramos de murta e incenso, bolos sagrados e voltando para casa, coroa o Hermafroditos durante o dia inteiro”. (TEOFRASTO, 1978, p.91).

<sup>87</sup> APOLLWN - Ti/ a@n lo/goimen; o(momhtri/ouv, w] Dio/nuse, a)delfou\v o!ntav !Erwta kai\ (Ermafro/diton kai\ Pri/apon, a)nomoiota/touv eilnai ta\v morfa\v kai\ ta\ e)pithdeu/mata; o( me\n ga\r pa/gkalov kai\ toco/thv kai\ du/namin ou) mikra\n peribebhlme/nov a(pa/ntwn alrxwn, o( de\ qh~luv kai\ h(mi/androv kai\ a)mfi/bolov th\ n olyin: ou)k a@n diakri/naiv ei!t' e!fhbo/v e)stin ei!te kai\ parqe/nov: o( de\ kai\ pe/ra tou~ eu)prepou~v a)ndriko\v o( Pri/apov. DIONUSOS - Mhde\n qauma/sh|v, w] !Apollon: ou) ga\r )Afrodi/th ai)ti/a tou/tou, alla\ oi( pate/rev dia/foroi gegenhme/noi (...) Em tradução instrumental do autor desta dissertação: APOLO - Que diríamos? Nascidos de uma mesma mãe, ó Dioniso, irmãos que são, Eros, Hermafroditos e

perceber que essa divindade, que na época grega clássica, chegou a ser comparada a Zeus, o deus absoluto<sup>88</sup>, tornou-se, no século XIX, um monstro (época que no nosso ponto de vista detectamos virulência na cultura ocidental).

Entende-se o monstro “como um fenômeno ao mesmo tempo extremo e extremamente raro. Ele é o limite, o ponto de inflexão da lei [...] é o que combina o impossível com o proibido.” (FOUCAULT, 2001, p.70). Dessa forma, o monstro está no domínio “jurídico-biológico”. É interessante observar que foi a propósito do *hermafroditos* que tornou-se possível uma teorização sobre uma condição naturalmente indefinida, em outros termos, tornou-se possível construir um discurso científico sobre a sexualidade.

É curioso – e poético, quanto ao texto autobiográfico analisado – que Barbin tenha exterminado sua própria vida também com fogo<sup>89</sup> (fogareiro a carvão). A morte de Barbin está rodeada por esse imaginário social e moral, que a via como monstro. Sob essa perspectiva, a sociedade fez que seu fim só pudesse ser esse, como bem mostra Emile Durkheim, em *O Suicídio* (1897). A pressão social levou o *hermafroditos* Abel/Adelaide Herculine Barbin à sua própria destruição. Vale observar que por volta dos anos de 1860-1870 a procura da

---

Príapos são distintíssimos quanto à forma e costumes? Pois um é belo, arqueiro, [tem] não pouca força e governante de todas as coisas, põe à sua volta [todas elas]; o outro, feminino, meio macho, dúbio à vista – não poderias julgar se é um efebo ou uma moça; o [último], Príapo, ao contrário, é de uma especiosa masculinidade. DIONISO - Nada devias admirar, ó Apolo, pois Afrodite não é causa disto, mas os pais que foram diferentes (...) (LUCIAN, 1961, p. 248-250). APOLLWN – Oilda, kai\ to\n (Ermafro/diton e)k sou~ legetai tetoke/nai. Em tradução instrumental do autor desta dissertação: APOLO – Eu sei. E dizem ter sido o Hermafroditos engendrado de ti [Hermes]. (LUCIAN, 1961, p.322-323).

<sup>88</sup> Em Labranda, na Cária, cultuava-se um Zeus barbudo com seis seios dispostos em triângulo sobre o peito, conforme Marie Delcourt em *Hermaphrodite et rites de la bissexualité dans l'antiquité classique*. Paris: Les Belles Lettres, 1958, p.29. A esse respeito ver também *The Orphic Poems* [1983] p.70, p.90, p.202-220.

<sup>89</sup> Andréa Osório, num influente artigo publicado In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *O corpo da bruxa. Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 325-358., mostra que a bruxa quebra a relação costumeira entre os gêneros (sexuais), e que sua morte é também marcada pelo fogo.

identidade na ordem sexual é praticada, cada vez mais, com maior ferocidade pela medicina e pela justiça, impondo uma norma rígida na definição e captura do verdadeiro sexo para os indivíduos daquela época. Essa postura 'jurídico-biológica' se mantém. Um *hermafroditos* ao nascer é submetido a ininterruptas cirurgias corretivas para definição de genitália. No imaginário do século XXI o *hermafroditos* ainda legitima e aterroriza em sua 'monstruosidade sexual'.

Foucault permite resgatar da Antigüidade o mito do *hermafroditos* como uma tentativa de recuperação da dignidade desses indivíduos no mundo contemporâneo. Em seu prefácio às memórias de Barbin, ele afirma:

*"... o que ela [Herculine] evoca do seu passado é o limbo feliz de uma não-identidade, que protegia paradoxalmente a vida dentro daquelas sociedades fechadas, estreitas e calorosas, onde se tem a estranha felicidade, ao mesmo tempo obrigatória e interdita, de conhecer apenas um único sexo. [...] Quase sempre, os que relatam sua mudança de sexo pertencem a um mundo bissexual; e o mal-estar de sua identidade traduz-se no desejo de passar para o outro lado – para o lado do sexo que desejam ter ou a que gostariam de pertencer. Aqui, a intensa monossexualidade da vida religiosa e escolar serve de revelador aos doces prazeres que descobre e provoca a não-identidade sexual quando ela se perde no meio de todos aqueles corpos semelhantes."*  
(FOUCAULT, 1982, p.07).

Foucault explicitamente condiciona a felicidade de Barbin à não-identidade sexual. O relato autobiográfico de Barbin, como vimos, apresenta subsídios para isso. Essa não-identidade positiva está manifesta no mito do *hermafroditos* da Antigüidade.

Por outro lado, o mal-estar de uma identidade se traduz no desejo de mudança ou passagem de um sexo a outro, aquele que supostamente se gostaria de ter. Embora já repetindo muito, insistimos que é, no mínimo, curioso que Foucault tenha começado seu artigo com a questão: 'Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?' Neste sentido, Foucault tentará demonstrar que existem

anatomias enganadoras por detrás das quais se esconde um “único sexo verdadeiro”, e que a natureza permite aparências difusas, misturas de sexo. A cultura, como vimos não dá resposta satisfatória para o problema. As propostas até agora em prática são a exclusão (banimento, exílio, apagamento) ou a proibição (correção, cura, monstrificação). E ainda, que diagnósticos médicos<sup>90</sup> e sociais encontrem apoio em interesses de ordem moral (devido à possibilidade de anomalia da natureza poder servir aos abusos da libertinagem). A prática corrente é assumir uma ignorância a esse respeito, como aponta Foucault em seu texto:

*“Tanto as jovens falsamente ingênuas quanto as velhas professoras, que se acreditavam experientes, eram cegas, tão cegas quanto se pode ser numa fábula grega, quando viam sem ver aquele Aquiles magricela escondido no internato.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.06).*

Diante de uma resposta insatisfatória, é evidente que Barbin busca no mito uma inteligibilidade<sup>91</sup> de sua situação sexual. Os mitos oscilam da positivação a negatização. Mas o ponto comum é a inserção na contranatureza.

*“Minha natureza angelical, paira por sobre todas as vossas inomináveis misérias [...] A vós a terra, a mim o espaço sem limites. [...] Oh, quem poderia julgar os impulsos de pura embriaguez de uma alma que nada tem de terrestre e humano?! [...] Sim, lastimo por vós por que não sofrestes. Para sofrer é preciso ter um coração nobre, grande, e uma alma generosa.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.93)<sup>92</sup>.*

Públio Ovídio Naso (43 a. C. – 17 d.C.) fora lido por Barbin, que o cita em suas memórias:

---

<sup>90</sup> Parece-nos que as dores sentidas e queixadas por Barbin (física ou psiquicamente falando) vêm corroborar a idéia da necessidade de correção – já aludimos a isso na introdução – entretanto, ousamos dizer que a assunção da monstruosidade foi dirigida socialmente e clinicamente o que resultou, por parte de Barbin, na admissão de sua auto-exclusão.

<sup>91</sup> No sentido que já nos referimos na página 41.

<sup>92</sup> “Je plane au-dessus de toutes vos misères sans nombre, participant de la nature des anges (...) A vous la terre; à moi l'espace sans bornes. (...) Oh! Qui pourrait dire les élans de purê ivresse d'une âme que rien de terrestre n'attache à l'humanité! (...) Oui, je vous plains, car vous n'avez pas souffert. Pour souffrir, il vous a manqué un coeur noble, grand, une ame généreuse.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.112-113).

*“Confesso que fiquei particularmente **transtornada**<sup>93</sup> com a leitura das metamorfoses de Ovídio. Quem as conhece pode ter uma idéia do que significam. Esse achado tinha para mim uma singularidade que a continuação de minha história provará. [...] O verdadeiro por mais exorbitante que seja não ultrapassa às vezes todas as concepções do ideal? As metamorfoses de Ovídio não estariam próximas disso?” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.26 e 83)<sup>94</sup>.*

A obra citada, *Metamorphoses*, fora escrita aproximadamente nos anos 2 e 8 da era cristã. Trata-se de um poema de natureza narrativa composto em 15 livros, redigido em versos de seis sílabas. Seu conteúdo refere-se a um conjunto de lendas, de origem helênica, cada uma das quais narrando uma metamorfose. Estas histórias estão dispostas em ordem cronológica e a história antecedente relacionada com a que se segue. Constrói-se, assim, um enorme afresco mítico, que abarca desde a criação do mundo até a divinização de Júlio César, terminando com uma homenagem a Augusto. Considerada a complexidade e enormidade da obra, focalizaremos nossa atenção no livro IV, na parte nomeada de *Salmácida, Hermafrodita*:

*“Um menino filho de Mercúrio e da deusa Citeréia foi criado pelas náiades nas grutas do Ida; seus traços fisionômicos permitiam reconhecer quem era o pai e quem era a mãe; também o seu nome foi tirado de ambos. Quando completou três lustros, abandonou as montanhas pátrias, e saindo de onde se criara, alegrou-se em viajar por lugares desconhecidos, ver rios desconhecidos, e a curiosidade aliviava o cansaço. Visitou também as cidades lícias e os caios (sic), vizinhos da Lícia. Ali viu um lago cuja água é transparente até o fundo. Não crescem ali nem cálamos palustres, nem ervas daninhas, nem juncos de ponta afiada... (...) Uma ninfa mora ali, mas não se dedica à caça... (...) Muitas vezes, colhe flores. Estava colhendo-as, por acaso, quando viu o adolescente, e, vendo-o, desejou conquistá-lo. (...) ...agarra o jovem que resiste, rouba-lhe beijos enquanto luta, abraça-o, acarícia-lhe o peito contra a sua vontade, e ele se vê envolvido, ora de um lado, ora de outro. (...) Resiste o descendente de Atlas e nega à ninfa o prazer que ela espera. Ela o retém com mais força, e com todo o corpo unido ao dele, pareciam pregados um ao outro. Podes lutar, perverso, mas não fugirás,*

<sup>93</sup> Grifos do tradutor.

<sup>94</sup> “J’avoue que je fus singulièrement bouleversée à la lecture des métamorphoses d’Ovide. Ceux qui les connaissent peuvent s’en faire une idée. Cette trouvaille avait une singularité que la suite de mon histoire prouvera clairement. (...) Le vrai ne dépasse-t-il pas quelquefois toutes les conceptions de l’idéal, quelque exagéré qu’il puisse être ? Les métamorphoses d’Ovide ont-elles été plus loin?” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.26, 99).

disse. Ordenai, ó deuses, que jamais ele possa se separar de mim ou eu dele! Os deuses ouviram sua súplica. Eis que os corpos dos dois foram juntados intimamente e se tornam um só corpo. (...) ...depois que os membros dos dois se uniram em um forte amplexo, já não são dois, mas têm uma dupla forma, não se pode dizer que seja uma mulher ou um adolescente, o aspecto não é nem de um nem de outro, e é, ao mesmo tempo, de um e outro.” (OVÍDIO, 1983, p.75-76)<sup>95</sup>.

Desde as *Metamorfoses* de Ovídio, passando por Balzac, em *Sarrazine*,<sup>96</sup> por Virgínia Woolf em *Orlando*, que o hermafroditismo é presença habitual no mundo mítico, poético<sup>97</sup> e romanesco da humanidade.

Para um maior esclarecimento do tema proposto ao público leigo, realizamos a seguir uma breve nota sobre as semelhanças e as diferenças entre o *hermafroditos* e o *andróginos*.

<sup>95</sup> Tradução de David Gomes Jardim Júnior.

<sup>96</sup> O que fora objeto de análise por Barthes, em *S/Z*, publicado no Brasil pela editora Nova Fronteira em 1992.

<sup>97</sup> Outro importante autor da Antigüidade que trata desse tema é Tito Lucrécio Caro (viveu aproximadamente entre 96 - 55 a.C.). Chegou até nós sua única obra, *De natura rerum (Da Natureza)*, que é uma obra-prima poética e ao mesmo tempo um documento filosófico da maior importância. Vejamos algumas passagens: “Foi nessa altura que a Terra tentou criar numerosos monstros de estranho aspecto e membros, por exemplo, o andrógino, intermediário entre os dois sexos, e que não é nem um nem outro e que de ambos se afasta, e os seres que não tinham pés ou que não tinham mãos, e também os que não tinham boca e eram mudos e os que se encontravam cegos e sem face e os que tinham os membros inteiramente presos ao corpo e não podiam fazer coisa alguma, nem andar nem evitar o mal nem apanhar aquilo que seria útil.” (LUCRÉCIO, V, vs.838-840). Idéia semelhante à platônica, desenvolvida no *Banquete*, do *andróginos* como seres, além de outros, também esféricos. O *andróginos* está citado junto a outros monstros e como monstro. Por outro lado, no canto II verso 700 ele diz que a natureza não pode produzir monstros: “Não se deve, porém, aceitar que os elementos se possam juntar de todas as maneiras. De outro modo, ver-se-ia por toda parte nascerem monstros...”. (LUCRÉCIO, II, vs.700-701). Dessa maneira temos, portanto, um paradoxo: para Lucrécio, o *hermafroditos* seria uma espécie de monstro? Mas como, se a natureza para ele não pode produzir monstros? No canto II diz: “... nada existe que não seja constituído por germes misturados; e quanto mais propriedades tem um corpo, quanto mais possibilidades nele se encontram, também mais claramente demonstra que contém vários gêneros e várias formas de elementos.” (LUCRÉCIO, II, vs.585-587). E, ainda: “Portanto, várias formas se juntam num mesmo todo e se compõem os elementos de germes misturados.” (LUCRÉCIO, II, vs.685). E, no canto I a enigmática afirmativa: “Mas os princípios das coisas têm ao seu dispor mais numerosos meios para que possam criar os corpos mais variados.” (LUCRÉCIO, I, vs.827). Isso significa, então, que o corpo do *hermafroditos* está previsto pela natureza? Nesse percurso, estamos cientes que a obra de Lucrécio é tema para um trabalho de maior fôlego.



MITOLOGIA GRECO-LATINA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O *HERMAFRODITOS* E O  
*ANDRÓGINOS*.

Há diversos processos de produção signica que mimetizam múltiplos registros de construção de imagens em diferentes concepções e experimentações do tempo, e da Memória. As narrativas míticas<sup>98</sup> foram predominantemente orais e geralmente narravam uma determinada forma de conceber e explicar o mundo. Um mito sofre diversas transformações até chegar na produção literária, textual, e mesmo assim, continua a sofrer constantes e freqüentes transformações e adaptações. É o que acontece com a lenda judaica do golem, cuja versão literária mais famosa é atribuída a Gustav Meyrink<sup>99</sup>. Dessa mesma forma podemos pensar sobre o processo de construção em torno da imagem do *hermafroditos*. Diversas pinturas, esculturas, textos e objetos de usos diversos revelam que a Antigüidade considerava o *hermafroditos* um deus, um ser supremo. Seu primeiro aparecimento na literatura grega (tomando como fonte apenas os textos legados pela história), nas fontes epigráficas e iconográficas, data do IV século a.C. As fontes literárias são abundantes, citamo-las *apud* Aileen Ajootiam no *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC): Teofrasto<sup>100</sup> em *Caracteres* (16,10); Plínio<sup>101</sup> em *Natura* (36,33); Luciano de Samósata<sup>102</sup> em *Diálogo dos*

<sup>98</sup> Burkert afirma: "... parece não ter ocorrido a muitos especialistas que os milhares de histórias individuais a que se aplica geralmente o nome de 'mito' cobrem um enorme espectro de assuntos, estilos e sentimentos; de modo que é provável *a priori* que a sua natureza essencial, a sua função, finalidade, origem, varie também." (BURKERT, 1986, p.4).

<sup>99</sup> É curioso que no final desse romance a figura lendária do golem apareça associada a uma figura hermafrodita, pois foi em nome da realização de um desejo que o protagonista da história de Meyrink produziu uma série de processos de pensamentos oníricos nos quais se achava a figura do golem agregada a um deus hermafroditos. "... só consigo ver o hermafrodita cintilante." (MEYRINK, 2003, p.235).

<sup>100</sup> Séc. 370 a 288 a.C.

<sup>101</sup> Fins do séc. I e começos do séc. II.

<sup>102</sup> Séc. 120 a 190 a.C., provavelmente.



*deuses* (3,1; 17,2); Tito Lucrecio Caro<sup>103</sup> em *De Rerum Natura* (V, 835-840). No entanto, a discussão mais conhecida é a de Ovídio<sup>104</sup> nas *Metamorfoses*, onde o autor apresenta a ninfa Salmacis como sendo aquela responsável pela fusão de sexos junto ao jovem filho de Hermes e Afrodite. Contudo, o *hermafroditos* não foi somente uma criatura bissexual na tradição mitológica grega. Na cosmologia Órfica ele é chamado por: Phanes, Protogonos, Brômios, Zeus, e Eros (WEST, 1993, p.70-221). Outros nomes que lhes são alternativos: Atlantides e Andróginos.

Como vimos, há evidências de culto à sua imagem. Teofrasto registra a existência de dias determinados para se prestarem oferendas (THÉOPHRASTE, 1964, p.72), cujos objetos, ainda preservados podem ser encontrados na Itália, Áustria, França, Inglaterra, Grécia, Chipre, Ásia Menor, e Norte da África; onde também podemos encontrar esculturas em relevo, em mármore, desenhos, mosaicos e pinturas. A mais antiga imagem de um *hermafroditos* de que temos notícia é referida por Plínio em *Natura*, nos versos 34 e 80, onde o autor faz referência a uma escultura de bronze intitulada: *Hermaphroditus nobilis*, trabalho atribuído a um artista que se chamava Póicles, e que teria vivido entre 372 e 369 a.C. Assim, de acordo com as evidências literárias e iconográficas, as imagens do *hermafroditos* geralmente vêm marcadas com um *phallus* ereto, como característica da descendência de sua linhagem, pois são seus irmãos Eros e Priapos, bem como seu pai Hermes. À sua família ajuntam-se Baubo, Isis, e Attis, divindades e seres mitológicos apresentados de forma similar. Essas imagens

---

<sup>103</sup> Séc. 96 a 55 a.C., provavelmente.

<sup>104</sup> 43 a.C. a 17 d.C.

serviram para indicar lugares como ginásios, templos, saunas, teatros e até lugares domésticos<sup>105</sup>.

Com relação ao aspecto físico, o *andróginos* e o *hermafroditos* são formalmente idênticos, conforme Junito de Souza Brandão afirma no seu *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*:

*“... enquanto reunidos, enlaçados, ambos são estéreis, porque são simbióticos. Mas, é exatamente aí que reside a grande diferença entre os dois pares: o hermafroditos jamais poderia ser dividido, desagregado, separado, este foi o pedido de Sálmacis aos deuses, que lhe atenderam a súplica. E mesmo que o fosse, sexualmente falando, não haveria fecundação, uma vez que Hermafroditos sofre de impotentia coeundi et generandi, uma impotência para o coito e para a fecundação.” (BRANDÃO, 1993, p.547).*

Para Brandão o pedido de *Hermafroditos* dirigido a seus pais, que todo aquele que se banhar nas águas de Sálmacis permanecerá estéril, significa também sua própria condição de impotente. Já no que se refere ao *Andróginos* é inteiramente diverso, visto que a sexualidade, a capacidade de copulação e fecundação está latente. “Bastou que Zeus, como escreve Platão, separasse-os, para que cada uma das metades, tornando-se *carente*<sup>106</sup>, se pusesse a buscar a outra contrária, numa ânsia e num desejo insopitáveis de se “re-unir” para sempre.” (BRANDÃO, 1993, p.547). Dito isso, podemos concluir juntamente com Brandão que no *Andróginos* há um movimento de 1 (um) para 2 (dois), visto sua separação; já no *Hermafroditos* não há movimento, mas paralisia de 2 (dois) para 1 (um), visto sua inseparabilidade.

---

<sup>105</sup> Contudo, cabe aqui pontuarmos que, na modernidade, a imagem do *hermafroditos* passou a ocupar predominantemente as páginas dos manuais de doenças monstruosas e aberrações genéticas, ficando dessa forma, alhures de uma imagem divina, vez por outra, deformada. Em nossas pesquisas, pareceu-nos ser lícito afirmar que não há a aberração genética chamada “hermafroditismo” senão no quadro da modernidade. É na modernidade que o *hermafroditos* adquire a concepção de monstruosidade e aberração sexual e passa a designar um ser “doente”, “feio”, “indesejável”.

<sup>106</sup> Grifos do autor.

Depois dessa digressão, realizada no intuito de esclarecimento das nuances pertencentes à temática em questão, voltamos à análise do texto de Barbin.

Por um lado, Northrop Frye nos coloca que:

*“Em termos de narração, o mito é a imitação das ações que raiam pelos limites concebíveis do desejo, ou que se situam nesses limites. O fato de o mito operar no plano mais alto do desejo humano não significa que apresente necessariamente seu mundo como atingido ou atingível por seres humanos. (...) O mito, portanto, é um extremo da invenção literária. (...) Na crítica literária o mito é normalmente a chave metafórica das deslocções da estória romanesca.” (FRYE, 1957, p.138 e 187).*

Nessa direção, a escrita de Barbin é “sofisticada”, ou seja, é rica em recursos metafóricos, cuja operação da letra é calcada na mitologia; pois, “a mitologia é um domínio parcelar da investigação geral sobre a narrativa.” (BURKERT, 1986, p.4).

Por outro lado, Bakhtin nos esclarece que:

*“A estética da criação verbal ganharia em se inspirar mais na filosofia estética do que nas generalizações pseudocientíficas da genética tal como elas se manifestam na história da literatura (...) Chega-se a registrar como que um temor ingênuo ante um eventual aprofundamento filosófico. É o que explica o nível extraordinariamente baixo em que se encontra a problemática dos fatos literários.” (BAKHTIN, 1992, p.32).*

Barbin escreve para um público inteligente<sup>107</sup>. E, mitificando-se, afirma que o seu “papel é o melhor” (“rôle est le meilleur”). Quando Barbin coloca: “... sou capaz de julgar os homens e as coisas...” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.21)<sup>108</sup>, vemo-la assemelhar-se a uma divindade e evitar o estigma de ‘monstro’.

---

<sup>107</sup> Alceu Amoroso Lima é categórico quanto às qualidades do público: “Que qualidades deve ter o público no sentido de influência útil à elaboração das obras de arte e muito particularmente de arte literária, onde sua participação é maior por ser a palavra o mais universal dos meios de expressão? O público deve ser inteligente, sensível à beleza, exigente e culto. Quatro qualidades diferenciadoras entre o público estimulante e o apático e inútil. Não convém à elaboração das obras de arte qualquer espécie de público.” (LIMA, 1945, p.205).

<sup>108</sup> “... aujourd’hui que j’ai pu juger des hommes et des choses... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.19).

Como já foi mostrado, Barbin recorre incessantemente ao mito como resposta para sua compreensão de si, segundo o “princípio de inteligibilidade”<sup>109</sup>. Pontuaremos, agora, figuras da mitologia utilizadas para ficcionalizar e introduzir o mítico na sua narrativa.

#### FIGURAS MÍTICAS – O ANJO.

Na Bíblia encontramos diversas histórias em que os anjos dão força aos homens. E é também dessa forma que Barbin coloca em sua escrita, vejamos: “Como uma visão celeste, surgiu em meus descaminhos, dando-me força e consolação!!” (FOUCAULT, 1982, p.34-35)<sup>110</sup>. Por exemplo, no livro I Reis, do Velho Testamento, o profeta Elias, ao fugir para o deserto por causa da cólera de Jezebel. Estando cansado e assustado, pede a Deus para que morra. No entanto, quando adormece, um anjo acorda-o por duas vezes a fim de que comesse e bebesse o bolo e a água que lhe haviam trazido, fazendo com que Elias se revigorasse por esse alimento.

Não seria uma solução para Barbin, dentro do universo mítico, admitir-se com uma força extra-humana e de uma natureza angelical? “Quanto mais a crise se aproximava, mais eu sentia aumentar minhas forças!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.64)<sup>111</sup>.

Assim, se em muitas fontes literárias tradicionais os anjos nos alimentam, nos confortam e nos dão força para enfrentar crises, Barbin,

---

<sup>109</sup> Já referido nas páginas 41 e 66.

<sup>110</sup> “... comme une vision céleste à qui j'ai dû la force, la consolation !! ” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.36).

<sup>111</sup> “Plus la crise approchait, plus je sentais grandir mes forces!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.74).

semelhantemente, assume-se como tal, mantendo-se na categoria dos “anormais” de Foucault, mas no sentido de positivá-la.

Antes propriamente de pontuarmos Barbin nomeando-se como um ser angelical, elencamos em seu relato inúmeras passagens com menção a esse universo mítico ou a uma natureza angelical identificada vez ou outra em amigas e companheiras.

*“Sua lembrança é ainda uma das mais doces que me restou. Em meio às inacreditáveis agitações da minha vida, eu gostava de lembrar a suavidade daquele sorriso de anjo, e me sentia mais feliz.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p. 17)<sup>112</sup>.*

*“Seria dizer que todas as suposições feitas a respeito de minhas relações anteriores com aqueles anjos terrestres são falsas, inteiramente falsas. [...] Devo obviamente à solidez dos princípios de minha juventude, que eram extremamente puros, o fato de não ter do que me envergonhar diante daqueles rostos cândidos, cuja serenidade não foi perturbada por mim.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p. 89)<sup>113</sup>.*

É salutar observar que Barbin adquiria força diante da adversidade e do perigo comportando-se como um ser angelical, ou seja, utilizando-se do “princípio da inteligibilidade” teorizado por Foucault.

*“Diante do perigo, entretanto, sinto-me forte. A infelicidade me enche de coragem. E foi assim que me senti naquele instante, em que estava em jogo toda a minha vida... A guerra que provavelmente ia ter que enfrentar, me dava um impulso sobrenatural.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.74)<sup>114</sup>.*

Apontemos agora para a passagem em que Barbin se auto-determina um anjo:

---

<sup>112</sup> “Son souvenir est encore l'un des plus doux qui me soient restés. Au milieu des agitations incroyables de ma vie j'aimais à me rappeler la suavité de son sourire d'ange, et je me sentais plus heureux.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.14).

<sup>113</sup> “C'est dire que toutes les suppositions faites sur mes rapport antérieurs avec ces anges terrestres sont fausses, complètement fausses. (...) J'ai dû certainement à la solidité des principes de ma jeunesse, à leur extrême pureté, de n'avoir pas à rougir devant ces fronts candides, dont la douce sérénité ne fut pas troublée par moi.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.108).

<sup>114</sup> “En face du danger, je me relève. La malheur me trouve plein de force. Il en était ainsi dans cet instant, où je jouais l'avenir de toute ma vie... La toute probable me donnait un élan surnaturel.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.93).

*"Minha natureza angelical, paira por sobre todas as vossas inomináveis misérias, pois me dissestes que não há lugar para mim em vossa estreita esfera. A vós a terra, a mim o espaço sem limites. Acorrentados pelos laços dos vossos sentidos grosseiros, vossos espíritos não podem mergulhar no límpido mar do infinito, onde minha alma em desvario por sobre vossas praias áridas, sacia a sua sede. Arrancada por antecipação de seu corpo virgem, entreviu com beatitude a luminosa claridade de um mundo imortal, resplandecente, onde sua permanência futura é desejada. Oh, quem poderia julgar os impulsos de pura embriaguez de uma alma que nada tem de terrestre e humano?! [...] eu não pertencia a ninguém... a não ser a Deus." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.93 e 94)<sup>115</sup>.*

Logo em seguida, Barbin aponta para o martírio como condição da sua beatitude:

*"Sou eu quem deveria me queixar, pobres espíritos pecadores, que consumiram em miseráveis prazeres todas as fontes vivas de seus corações, que apagaram da inteligência a chama pura, destinada a guiar sua razão nos caminhos da vida. Sim, lastimo por vós por que não sofrestes. Para sofrer é preciso ter um coração nobre, grande, e uma alma generosa. Mas a hora da expiação virá, se é que já não veio. E então ficareis apavorados com o vazio medonho de vosso ser." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.93)<sup>116</sup>.*

#### FIGURAS MÍTICAS – AQUILES.

Outro mito a que o texto de Barbin recorre é o mito de Aquiles, grande herói épico, de natureza dividida (filho de mortal e imortal) e símbolo de força e excelência guerreira:

*"Tudo estava feito. A partir de agora, o estado civil me obrigaria a fazer parte daquela metade da raça humana a que chamamos de sexo forte. Eu criada até os vinte e um anos de idade entre moças tímidas das casas religiosas, iria como Aquiles deixar longe, bem longe de mim, um passado delicioso, para entrar na arena, armada apenas de minha*

<sup>115</sup> "Je plane au-dessus de toutes vos misère sans nombre, participant de la nature des anges ; car vous l'avez dit, ma place n'est pas dans votre étroite sphère. A vous la terre ; à moi l'espace sans bornes. Enchaînés ici-bas par les mille liens de vos sens grossiers, matériels, vos esprits ne plongent pas dans cet Océan limpide de l'infini, où s'abreuve mon âme égarée pour un jour sur vos plages arides. Dégagée par avnace de son enveloppe vierge, eel a entrevu avec béatitude la lumineuse clarté d'un monde immortel, resplendissant, sa demeure future est désirée. Oh ! qui pourrait dire les élans de pure ivresse d'une âme que rien de terrestre n'attache à l'humanité ! (...) je ne devais être à personne..., qu'à Dieu." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.112 e 114).

<sup>116</sup> "C'est moi qui pourrais vous plaindre, pauvres esprits déçus, qui avez épuisé en de misérables satisfactions toutes les sources vives de votre intelligence, ce pur flambeau destiné à guider votre raison dans les sentiers de la vie. Oui, je vous plains, car vous n'avez pas souffert. Pour souffrir, il vous a nanqué un coeur noble, grand, une âme généreuse. Mais l'heure de l'expiation viendra, si déjà elle n'est venue. Et alors vous serez effrayés du vide affreux de tout votre être." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.113).

*fraqueza e de minha profunda inexperiência dos homens e das coisas.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.85)<sup>117</sup>.*

A situação espelha a opinião da mídia e confirma a sua influência sobre Barbin:

*“Todas as manhãs os jornais recontavam o fato. Um deles chegou a me comparar a Aquiles fiando aos pés de Onfale; mas entre os elogios, misturavam-se insinuações pífidas sobre mim e sobre outros. Depois da imprensa departamental, vieram os artigos mais ou menos picantes, alguns redatores de quem eu não esqueço o nome, que alguns jornais de Paris rapidamente reproduziram. A alta sociedade comentava. Eu era tema de todas as conversas nos estabelecimentos de banho de mar.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.86)<sup>118</sup>.*

A aceitação do mito de Aquiles por Barbin remete-nos – imediatamente – ao contexto de evento de repercussão ‘homérica’. De alguma forma irônico, o comentário da mídia faz de uma figura franzina e tímida um herói de grande porte físico e de audácia notória. A ironia não parece incomodar Barbin, aliás, a idealização mítica parece ser necessidade existencial recorrente no seu manuscrito. Através de deuses e semi-deuses Barbin renasce para outras vidas.

O mito de Aquiles é um dos mitos mais complexos da Antiguidade clássica e não nos é possível dedicar-lhe o tempo necessário para estendermos sua análise. Contudo, cabe-nos, apenas, breves digressões no intuito de relacionar esse mito com a história de Barbin.

Um ponto coincidente é que Barbin como Aquiles preferiu morrer jovem.

É também curioso o fato que o mito de Aquiles é um exemplo conhecido de

---

<sup>117</sup> “C’en était donc fait. L’état civil m’appelait à faire partie désormais de cette moitié du genre humain, appelé le sexe fort. Moi, élevé jusqu’à l’âge de vingt et un ans dans les maisons reliieuses, au milieu de compagnes timides, j’allais comme Achille laisser loin derrière moi tout un passé délicieux et entrer dans la lice, armé de ma seule faiblesse et de ma profone inexpérience des hommes et des choses.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.102).

<sup>118</sup> “Les journaux se mirent de la partie. Tous, le lendemais, racontèrent le fait. L’un d’eux me comparait modestement à Achille filant aux pieds d’Omphale ; mais parmi ces fleurs se mêlaient des insinuations perfides et pour moi et pour d’autres. Après la presse départementale vinrent les articles plus ou moins piquants de quelques rédacteurs dont je n’ai pas oublié les noms, que certains journaux de Paris reproduisirent immédiatement. La haute société de la ville s’en émut. Je fis le sujet de toutes les conversations à l’établissement des bains de mer.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.102-103).

travestismo. Pelo mito, Aquiles teria estado na corte do rei Licomedes, na ilha de Ciro, onde se vestia com indumentárias femininas. Vivendo disfarçado como moça, praticava os hábitos desse sexo. Isso, no intuito de escapar, conforme o propósito de sua mãe Tétis, ao triste destino de morrer jovem. Barbin também viveu 'disfarçado/a' entre moças, mas diferentemente da história de Aquiles não foi descoberto/a. Somente mais tarde é que seu verdadeiro sexo e sua condição foram descobertos. Ou seja, o tema do travestismo é recorrente na história de heróis. Consideramos a vida de Barbin como sendo heróica, não tão esplendorosa como a de Aquiles, mas reforçamos sua coragem de denunciar não só sua situação atípica entre os sexos, mudança de sexo<sup>119</sup>, como a situação do exercício do magistério em sua época. No nosso ponto de vista, o herói é aquele que tem que superar grandes obstáculos e até mesmo arriscar a própria vida. O herói está ligado à idéia da luta. E Barbin quanto a isso estava consciente: "A guerra que provavelmente ia ter que enfrentar, me dava um impulso sobrenatural." (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1892, p.74)<sup>120</sup>. Comparando o texto traduzido com o original francês, percebemos que Barbin utiliza a palavra *lutte*, e não *guerre* como determina a tradução.

---

<sup>119</sup> Tema muito recorrente em mitos de heróis, como Tirésias, que na primeira escalada do monte Citerão foi transformado em mulher, recuperando o sexo masculino na segunda escalada. Na *Eneida* de Vergílio o lápita Ceneu aparece como mulher. No entanto, há mitos que recorrem ao elemento prodigioso da metamorfose para a mudança de sexo de seus personagens, e há outros que conservam apenas o travestismo sem precisar mudar realmente de sexo. Desse modo, vemos nessas duas modalidades que existe algo de comum, ou seja, um início sexualmente ambíguo, mas, em seguida, uma definição.

<sup>120</sup> "La lutte probable me donnait un élan surnaturel." (FOUCAULT, 1978, p.87).



#### FIGURAS MÍTICAS – NARCISO.

Para além da atitude narcísica de escrever sobre si, de julgar-se pairando acima dos outros, de ver-se como monstro, anjo, figuras míticas, destacamos uma cena descrita que nos parece de sensibilidade poética e mítica. A descrição da recusa de entrar no mar (paisagem de abertura para o mundo) e buscar locais reclusos para encontrar uma fonte salvadora. Fontes e água estão presentes nos mitos de *Hermafroditos* e de Narciso. Apontamos a cena como uma estratégia de camuflagem do mito que pode ser notada sem grandes esforços. Sabemos que há várias versões desses mitos, com consideráveis variantes. Optamos pelas versões de Ovídio, as mais famosas. O mito de Narciso, em Ovídio, apresenta as aventuras de um jovem que, fugindo da ninfa Eco, apaixonou-se por sua imagem refletida nas águas de um lago e se deixa morrer num mergulho sem fim. O mito de *Hermafroditos*, também se desenrola junto às águas. As histórias de Narciso e *Hermafroditos*, são, ambas, narrativas de amores não correspondidos, de distanciamento da cultura e busca de recessos reconfortadores. Vejamos como Barbin descreve em sua composição autobiográfica um passeio junto ao mar:

*“As provisões foram colocadas na areia e nos servimos. Sem dúvida, havíamos pensado em tudo, mas nos esquecemos da água. Como encontrá-la naquele deserto de fogo? Decidi procurar. Duas amigas me acompanharam, e saímos atrás de uma fonte. Transcorreu-se mais de uma hora antes que a encontrássemos. A sua visão, entretanto, deixou-nos loucas de alegrias. Afastei algumas plantas que a escondiam, e me atirei no chão a fim de matar a sede que me devorava. Minhas amigas fizeram o mesmo. Só retornamos quando essa imperiosa necessidade foi satisfeita. Nossa volta era ansiosamente esperada, e fomos saudadas com gritos de triunfo. Mãos impacientes arrancavam os preciosos vasos*

*de nossas mãos, sem sequer nos agradecer. (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.42 e 43).<sup>121</sup>*

Dessa forma, vemos um elo mítico nas memórias de Barbin. No banho de mar com as colegas, Barbin é espectadora, “Somente eu assistia a esse banho como espectadora.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.43).<sup>122</sup> Furtando-se a esse prazer para não “ferir o olhar daquelas que me chamavam de amiga ou de irmã!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.43).<sup>123</sup> Mas, esse narrador não se contenta com a contemplação passiva, feminina, de contemplar o banho de mar das colegas, e, também, se coloca no papel ativo de encontrar a fonte de água escondida na mata, assim alcança o prêmio de herói: “fomos saudadas com gritos de triunfo”.

Procurando relacionar os fatos de sua vida hermafrodita à singularidade de sua escrita, constatamos que há um estilo afetado, alusivo à sua peculiar condição hermafrodita, numa narrativa que escapa às capturas de uma possível identificação do sexo. Barbin tem para si mesma um sexo incerto, e isso sobressai no texto numa escrita que aponta para uma ambigüidade sexual. Constatamos que é difícil manter o jogo de epítetos ora masculinos ora femininos aplicados com abundância pelo narrador para se definir. O traço marcante de seu texto é justamente essa não-identidade sexual como mostramos no capítulo I e II. É

---

<sup>121</sup> “Les provisions furent déposées sur la plage et chacune y fit honneur. On avait songé à tout, mais on avait oublié l'eau. Où en trouver dans ce désert de feu ? Je me dévouai au salut commun. Deux de mes amies m'accompagnèrent, et nous voilà à la recherche d'une source. Plus d'une heure s'écoula avant que nous l'eussions trouvée. Cette vue nous rendit folles de joie. J'écartai quelques plantes qui la dissimulaient et je me jetai à plat ventre pour apaiser l'horrible soif dont j'étais dévorée. Quand nous eûmes satisfait cet impérieux besoin, nous songeâmes à retourner. Notre retour était vivement attendu et fut salué de véritables cris de triomphe. Des mains impatientes nous arrachaient les précieux vases sans même songer à nous remercier.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.47).

<sup>122</sup> “Moi seule assistais à cette baignade en spectateur.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.47).

<sup>123</sup> “de blesser les regards de celles qui m'appelaient leur amie, leur soeur.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.47).

dessa hesitação que provém a singularidade que marca o texto de Barbin, que transforma o mais subjetivo dos sofrimentos em textualidade de qualidade literária e poética.

Parte de seu trabalho de ficcionalização é assumido na recorrência aos mitos, criando um curioso efeito: apartada de qualquer realidade, sua história é compreendida a partir do não-ser, ou quem sabe, do ser-além. A estratégia, apoiar-se em personagens míticos, leva seu relato a uma abrangência mais universal. O uso da mitologia clássica, como teorizou Foucault no “princípio de inteligibilidade”, foi elemento auxiliar e disciplinador de seus esforços para reconstruir e inventar sua história de vida. A mitologia aparece, portanto, como elemento estruturador de um trabalho organizador da memória de experiências vividas. Dessa maneira, seu manuscrito presta-se ao debate a respeito dos limites entre a autobiografia e a ficção, esta última aqui entendida como mitificação, pois põe em questão o estabelecimento dessas diferenças, ou seja, o eu como entidade textual e a ficcionalidade do eu. Fantasia e realidade são aspectos intercambiáveis e inerentes à vida psíquica. A escrita de Barbin faz justamente essa transformação, onde experiência vivida e memória não coincidem.

## CAPÍTULO IV:

### ESCRITA E AFETO: ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN E SUA DOR DE EXISTIR.

*“...quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo.”*

*Primo Levi.*

*“É terrível quando pessoas morrem jovens, antes que tenham sido capazes de dar um sentido às suas vidas e de experimentar suas alegrias.”*

*Norbert Elias.*

*“Ninguém escapa da depressão que está ligada à condição humana, pois este é o preço que pagamos pelo vínculo com os objetos que nos dá a alegria de viver.”*

*André Green.*

Como escrever a dor? Como escrever sobre o sofrimento, seja esse psíquico ou somático? A idéia premente que podemos tirar da autobiografia de Barbin é que somos leitores diante de sua dor de existir. Esse manuscrito dá um testemunho pungente do drama que a afetou como um *hermafrodito*. Documento eminentemente autobiográfico e testemunhal, trata-se de um relato de testemunho de um sofrimento. O narrador personagem escreve: “Mas o que experimentei nenhuma palavra humana poderia exprimir.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.32)<sup>124</sup>. E, continua:

*“Horríveis sofrimentos físicos vieram, a partir de então, se somar a meus males interiores. Esses sofrimentos eram tais que mais de uma vez pensei ter chegado ao fim de minha existência. Eram dores intoleráveis, inomináveis, as que eu sentia. Soube mais tarde que essas dores*

---

<sup>124</sup> “Ce que j'éprouvai, nulle parole humaine ne pourrait l'exprimer.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.33).

constituíam um perigo iminente para a minha vida.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.53)<sup>125</sup>.

O papel dessas dores, segundo o “princípio da inteligibilidade”, serve como justificação na categorização de Barbin como “indivíduo passível de correção”, como um indivíduo anormal. Onde, “o eixo da corrigibilidade incorrigível vai servir de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX.” (FOUCAULT, 2001, p.73). Imaginamos que as influências da medicina com o direito tenham sido um dos fatores para seu exílio e morte na solidão de um quarto. Seu manuscrito foi um grito, uma súplica, uma denúncia, sua autobiografia, seu epitáfio, sua sepultura, daí a complexidade do texto<sup>126</sup>.

Uma das características da autobiografia para Lejeune é manifestar o narcisismo do narrador<sup>127</sup>, que emerge no seu relato, com atitudes ideológico-afetivas ligadas à história de sua vida. Em relação à narrativa de Barbin percebe-se uma oscilação entre uma auto-imagem depreciativa e uma positiva – como vimos na análise da busca de um paradigma em sua ‘natureza angelical’ acima

---

<sup>125</sup> “D’horribles souffrances physiques étaient venues, depuis, se joindre à mes maux intérieurs. Ces souffrances étaient telles que plus d’une fois je m’étais crue arrivée au terme de mon existence. C’étaient des douleurs sans nom, intolérables, qui, je l’ai su depuis, constituaient un danger imminent...” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.60).

<sup>126</sup> Durante a concepção desta dissertação, o conceito de “thanatographie” não foi negligenciado. Entretanto, por falta de tempo, e por delimitação do tema não utilizamos esse conceito em articulação com nossa análise textual. Contentamo-nos apenas em indicar essa vereda de pesquisa. A esse respeito, ver DERRIDA. *L’oreille de l’autre. Autobiographies, transferts, traductions. Texts et débats avec Jacques Derrida*. Montréal: VLB Éditeur, 1982. Também, MARIN, Louis. “Variations sur un portrait absent: lés autoportraits des Poussin.” *Corps Écrit*, 5 (1983). p. 87-108.

<sup>127</sup> O conceito de narcisismo é um conceito psicanalítico, desenvolvido inicialmente por Freud em 1914, num trabalho intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Sabemos que Freud se inspirou no mito antigo de Narciso, contudo este conceito é particular no jargão psicanalítico. Não pretendemos realizar uma articulação mais elaborada do termo, pois assim estaríamos envolvidos com a teoria psicanalítica e não com a teoria literária que é nosso maior interesse. Dessa maneira, faremos um uso mais genérico do termo “narcisismo”, mas isso não significa que seremos negligentes com as pesquisas mais recentes em torno dessa questão.

dos 'normais'. Embora marcando uma depreciação de si – o que nos levaria a colocar em dúvida se o ato escriturístico de Barbin é ou não uma manifestação do seu narcisismo – acreditamos que o ato de se apresentar pelo negativo mais extremo, possa ainda ser um tipo de camuflagem do narcisismo em primeiro plano, declarado como positividade absoluta. Queremos com isso apontar para uma depreciação narcísica.

*“Justamente na idade em que se desenvolvem todas as graças femininas, meu andar e minhas formas não eram harmoniosas. Minha pele, doentamente pálida, denotava um estado de sofrimento habitual. Meus traços visivelmente duros não passavam despercebidos. [...] meu corpo era literalmente coberto de pêlos, o que me obrigava, mesmo durante o verão, a manter os braços escondidos. Quanto ao meu talhe, era ridiculamente magro. Tudo em mim chamava a atenção, e eu me apercebia disso todos os dias. Apesar disso era amada por minhas professoras e companheiras e a esse amor eu correspondia, mas de um modo meio tímido e temeroso. [...] Os corpos seminus, estendidos lado a lado sobre colchonetes improvisados eram tão belos que poderiam atrair a imaginação de um pintor. Não falo de mim (é óbvio).” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.33 e 40)<sup>128</sup>.*

O narrador expressa sua qualidade de 'ser especial', por exemplo, na frase “Tudo em mim chamava a atenção, e eu me apercebia disso todos os dias.”; expressa, outrossim, uma capacidade de fazer-se amar: “Apesar disso era amada por minhas professoras e companheiras e a esse amor eu correspondia”, e de ser “amada” (*aimée*). Não se pode negar que o gesto de escrever memórias revela uma aspiração à imortalidade; porém, preferimos categorizar seu texto como um

---

<sup>128</sup> “A cet age où se développent toutes les grâces de la femme, je n'avais ni cette allure pleine d'abandon, ni cette rondeur de membres qui révèlent la jeunesse dans toute sa fleur. Mon teint, d'une pâleur maladive, dénotait un état de souffrance habituelle. Mes traits avaient une certaine dureté qu'on ne pouvait s'empêcher de remarquer. (...) J'en avais le corps littéralement couvert, aussi évitais-je soigneusement de me découvrir les bras, même dans les plus forts chaleurs, comme le faisaient mes compagnes. Quant à ma taille, elle restait d'une maigreur vraiment ridicule. Tout cela frappait l'oeil, je m'en apercevais tous les jours. (...) Moitié vêtues et étendues côte à côte sur nos couchettes improvisées, nous présentions un aspect qui eût pu tenter un peintre. Je ne parle pas de moi (bien entendu).” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.34 e 43 ).

“objeto transnarcísico”<sup>129</sup>, ou seja, seu texto é o meio pelo qual Barbin sustenta seu desejo de ser presença de denúncia e de protesto. “Objeto transnarcísico” porque como narrador, Barbin exalta-se – no positivo e no negativo - e defende-se publicamente. “Objeto transnarcísico” porque se estabelece como um princípio de inteligibilidade e uma justificação social. O trabalho de escrita que Barbin empreendeu, representou um caráter de recomposição e restauração narcísica, onde o narrador pode se encontrar investido do sentimento de imortalidade através das letras. Sua produção textual é assim marcada, no nosso ponto de vista, tanto de positividade como de negatividade. Pois, por um lado, as inserções de signos míticos perfilaram esse caminho de positivação da sua condição, e por outro, seus sentimentos sombrios e melancólicos com relação a si mesmo traça o perfil de negatividade de sua condição.

Barbin descobriu na mitologia um espaço escritural restaurador na vida a qual poderia ser encarada de maneira mais salutar. Contudo, uma espécie de vão se cava em seu texto, e nele surge a melancolia, que aponta para a perda da relação entre o eu, as coisas, a linguagem e o mundo. O mecanismo que intervém na melancolia é o negativismo, um narcisismo às avessas. “Antes de chegar ao desamor absoluto de uma alma derrotada por sua própria luta, oh! Acreditai, sofri cruelmente! (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.94)<sup>130</sup>. E, “a dor é o afeto da melancolia.” (CARVALHO, 2003, p.202).

---

<sup>129</sup> A esse respeito ver GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. 302 p. Original francês.

<sup>130</sup> “Et je ne devais être à personne..., qu'à Dieu. Avant d'en arriver à ce détachement absolu d'une âme vaincue par la lutte même, oh! croyez-le, j'ai cruellement souffert!” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.114).

Escrever sobre sua vida foi como uma preparação para a morte. Sua escrita registra a passagem e pesagem dos fatos e ações de sua vida, numa espécie de balanço no qual a hora da morte é a da recordação de sua vida passível de ser registrada num livro, numa escrita que funciona como uma espécie de lapidário de si, numa escrita de intimidade com o sofrimento e a dor.

Através do registro de suas memórias, podemos encontrar a história de uma vida curta e pouco feliz, atormentada por dores terríveis e “inexplicáveis”<sup>131</sup>, marcada não só pela ambigüidade lingüística ‘masculino versus feminino’ como também por questões narcísicas de valoração e positivação e, ainda, uma história marcada por um inconformismo político que pleiteia um novo lugar social: o lugar para o estranho, o indefinido, o monstro. A enunciação do seu discurso é sombria:

*“Um sorriso consolador vindo de vez em quando de Sara me fazia esquecer as monstruosas aflições da minha alma!...” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.53)<sup>132</sup>.*

*“Onde encontrar forças para dizer ao mundo que eu usurpara um lugar e um título interditados pelas Leis Divinas e humanas?” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.54)<sup>133</sup>.*

*“Prolongar indefinidamente a situação? [...] Seria ultrajar a moral, naquilo que ela tem de mais inviolável e sagrado.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.73)<sup>134</sup>.*

Barbin escreve como se estivesse prestes a morrer. Apresenta-se como um corpo moribundo que escreve e que sabe da raridade de sua condição existencial. Escrever é necessidade “transnarcísica” porque ultrapassa a questão do eu – Barbin sabe-se indivíduo atraente para a sociedade e a ciência, e, espera que os

<sup>131</sup> Mais uma vez, insistimos que essas dores concorreram para a assunção de uma “anormalidade” que exigisse correção em Barbin.

<sup>132</sup> “Un sourire consolant de mon amie venait parfois me faire oublier les déchirements affreux de mon âme!... .” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.60).

<sup>133</sup> “Où trouver la force de déclarer au monde que j’usurpais une place, un titre que m’interdisaient les lois divines et humaines?” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p. 62).

<sup>134</sup> “Prolonger indéfiniment la situation? (...) C’était outrager la morale dans ce qu’elle a de plus inviolable, de plus sacré!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.86).



despojos de seu cadáver evoquem as suas dores e seus sofrimentos pessoais e incitem a pesquisa científica.

*“Sei que as pessoas que me cercam me consideram muito estranho. (...) não sabem explicar a melancólica selvageria de meus hábitos, que não são explicáveis de fato aos vinte e oito anos” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p. 97)<sup>135</sup>.*

*“Essa luta incessante da natureza contra a razão me consome cada vez mais e me arrasta a largos passos para o túmulo. Não são mais os anos que me restam, são meses, são dias talvez. (...) Quando chegar esse dia, alguns médicos farão tumulto em torno de meus despojos; eles virão buscar em mim nova luz, analisar todos os misteriosos sofrimentos que se concentraram num único ser. Oh príncipes da ciência, sábios químicos, cujos nomes ecoam no mundo, analisem então, se for possível, todas as dores que queimaram e devoraram esse coração até suas últimas fibras...” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.96)<sup>136</sup>.*

*“...dores inomináveis que sofri!!!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.82)<sup>137</sup>.*

Seu manuscrito narra uma imagem de morte heróica – morre para marcar um lugar no tempo e no espaço. Há em toda a narrativa de *Mes souvenirs* uma condução para a morte da protagonista não como uma *mors repentina*, mas uma morte tramada na rede de seu texto como resposta para um tempo e uma cultura que lhe tirou o nome, a identidade e desprezou sua condição biológica:

*“E é em mim que lançais vosso insultante desprezo, como a um deserdado, um sem-nome!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.93)<sup>138</sup>.*

*“...um judeu errante (...) triste deserdado (...) o infeliz exilado do mundo (...) o proscrito.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p. 88 e 96).<sup>139</sup>*

<sup>135</sup> “Je n’ignore pas que je suis un sujet de singulier étonnement pour tous ceux qui m’entourent. (...) ne s’expliquent guère, non plus, l’espèce de morne sauvagerie de mes habitudes, qui n’est pas explicable, en effet, à vingt-huit ans.” (FOUCAULT, 1978, p.118).

<sup>136</sup> “Cette lutte incessante de la nature contre la raison m’épuise chaque jour davantage et m’entraîne à grands pas vers la tombe. Ce ne sont plus des années qui me restent, ce sont des mois, des jours peut-être. (...) Ce jour arrivé, quelques médecins feront un peu de bruit autour de ma dépouille; ils viendront en briser tous les ressorts éteints, y puiser de nouvelles lumières, analyser toutes les mystérieuses souffrances amassés sur un seul être. O princes de la science, chimistes éclairés, dont les noms retentissent, toutes les douleurs qui ont brûlé, dévoré ce coeur jusque dans ses dernières fibres...” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.116).

<sup>137</sup> “...douleurs sans nom qui m’ont accablé!!!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.97).

<sup>138</sup> “Et c’est à moi que vous jetterez votre insultant dédain, comme à un déshérité, à un être sans nom !” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.113).

<sup>139</sup> “...juit errant (...) Triste déshérité. (...) le malheureux exilé du monde. (...) le proscrit.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.105 e116).

Barbin reagiu com sua escrita e sua morte. A necessidade de contar aos outros o que passou e viveu a sobrepuja, sai do plano individual e atinge o plano público da denúncia, a isso chamamos “transnarcísico”. Seu manuscrito foi escrito por ordem de urgência.

#### PRESERVAÇÃO E AUTO-EXTERMÍNIO

Os trabalhos de Émile Durkheim em *O Suicídio* (2003) e de Marcel Mauss em *Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade* (1974) podem contribuir para o início de uma discussão. Assim, é mister definirmos suicídio: “Definitivamente, diremos, pois: chama-se suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado.” (DURKHEIM, 2003, p.15).

O ano em que Barbin morre, 1868, consta nos dados de Durkheim com um pico e corresponde ao período logo após a revolução comercial:

*“... toda a ruptura do equilíbrio social, quando eclode repentinamente, sempre demanda tempo para produzir todas as suas conseqüências. A evolução do suicídio é assim composto por ondas de movimento que, distintas e sucessivas, verificam-se por arranques, desenvolvem-se durante um tempo estacionando em seguida, para depois recomeçar.”*  
(DURKHEIM, 2003, p.19).

Três são os tipos de suicídio que Durkheim aponta: suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico. Dentro da categoria de suicídio altruísta, o sociólogo nomeia três variedades: o suicídio altruísta obrigatório, caracterizado

pelo fato de ser executado como um dever<sup>140</sup>; o suicídio altruísta facultativo, que a opinião pública não o impõe formalmente, mas dá-lhe apoio louvando-o como uma espécie de prêmio social; suicídio altruísta místico, espécie de suicídio religioso, resultante de uma paixão exagerada na fé numa idéia que se tem que servir; suicídio altruísta agudo, semelhante ao suicídio místico.

Marcel Mauss por sua vez, afirma que “A influência do social sobre o físico admite um mediador psíquico evidente; é a pessoa que se destrói a si mesma, e o ato é inconsciente.” (MAUSS, 1974, p.188). Em seguida completa:

*“Consideremos, portanto, somente o caso em que o sujeito que **morre**<sup>141</sup> não se acredita ou não se sabe doente, e se acredita apenas por causas coletivas precisas em estado próximo da **morte**<sup>142</sup>. Este estado coincide geralmente com uma ruptura de comunhão, seja por magia seja por pecado, [...]. A consciência é então inteiramente apoderada por idéias e sentimentos que são inteiramente de origem coletiva, que não traem nenhum distúrbio psíquico. A análise não chega a apreender nenhum elemento de vontade, de escolha ou mesmo de ideação voluntária por parte do paciente, ou mesmo de distúrbio mental individual, afora a sugestão coletiva em si mesma. Este indivíduo acredita-se encantado ou em culpa, e morre por esta razão.” (MAUSS, 1974, p.190).*

As reflexões de Mauss ampliam o entendimento da morte social e são úteis para a compreensão do poder do coletivo sobre o ato individual. Mauss, além de confirmar e estender a teoria do suicídio de Durkheim em *Le Suicide (1897)*, abre novas discussões e campo de pesquisas. Mas o que nos interessa ao conjugar as duas teorias é que Barbin internaliza o pensamento científico da época acerca do hermafroditismo e assume-se como monstro, um corpo sem lugar, adota a sugestão coletiva para a sua exclusão e pratica o auto-extermínio.

---

<sup>140</sup> Acreditamos ser esse o tipo de suicídio de Barbin, tanto com base no seu manuscrito autobiográfico, como no contexto social de preconceito da época. Vejamos: “se caracteriza pelo fato de ser executado como um dever.” (DURKHEIM, 2003, p.234). Assim, a sociedade recomenda (declaradamente ou tacitamente) que a pessoa morra.

<sup>141</sup> Grifos do autor.

<sup>142</sup> Grifos do autor.

Mas para além do ato social imposto, é possível pensar num tipo de envolvimento existente entre a escrita e o suicídio. Ana Cecília Carvalho, em *A poética do suicídio em Sylvia Plath*, formula a idéia de que “existe algo no trabalho de criação que coloca o escritor diante de uma escolha terrível: escrever ou morrer – possibilidade surpreendente, pois indicadora da presença de forças destrutivas no centro do processo de criação.” (CARVALHO, 2003, p.14). Essa idéia, mesmo que formulada em cima do cânone de escritores(as) sinistros, é importante para tentarmos ver no manuscrito estudado os elementos que testemunham as marcas das forças destrutivas que conduzem Barbin para o ato do suicídio, mesmo Barbin não sendo uma escritora de profissão. É como se a sombra do suicídio estivesse no texto, de maneira que o leitor possa ler nos anúncios esse destino trágico. Como bem pontua Ana Cecília Carvalho, não é possível traçar um perfil de autores suicidas (CARVALHO, 2003, p.14), o que evidenciaria a singularidade de cada um em seus projetos literários. Portanto, qual a singularidade do manuscrito de Barbin, que não tinha nenhum projeto e nem carreira literária? Quais os antecedentes biográficos que apontam o seu suicídio? O aspecto melancólico do seu texto só aponta para a indistinção entre vida, morte e obra.

Barbin faz uso de suas mais sofridas experiências, como a até mesmo a fome: “O que vai ser de mim? Eu ignoro. Onde encontrar para amanhã o pedaço de pão que nos é dado pelo trabalho?” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.96)<sup>143</sup>. Dessa maneira, transforma suas dores e sofrimentos em texto, com mente lúcida que dá forma a essas experiências. Se seguimos as pegadas

---

<sup>143</sup> “Que vais-je devenir? Je l'ignore. Où trouver pour demain le morceau de pain que donne le travail ? ” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.117).

deixadas pela representação da morte em seu texto, vemos que a disposição afetiva que anima a escrita é a de um discurso melancólico. O drama de sua subjetividade esboçada no texto aponta para um iminente transbordamento pulsional, que culminou com seu suicídio. Conforme afirma Carvalho, “a autodestruição e o fracasso da sublimação se insinuam como possibilidades inevitáveis.” (CARVALHO, 2003, p.19). Barbin compõe assim sua autobiografia numa “poética do suicídio”. Os fatos biográficos são transformados no texto numa postura predominantemente melancólica e nostálgica. Nostalgia de uma época feliz no limbo de uma não-identidade, e melancólica pelo fracasso de uma opção identitária inevitável.

A marca de seu texto é justamente utilizar as dores de sua própria existência como material textual. A solidão, a saúde frágil, a precariedade de seu estado emocional e os tormentos morais somam-se na sua escrita melancólica. As páginas estão impregnadas de angústia, dor e auto-recriminação. “Vai maldito, cumpre o teu destino! O mundo que invocas não foi feito para ti.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.92)<sup>144</sup>. Seu esforço foi escrever um texto que melhor representasse seu sofrimento emocional e físico. Não é possível ler o manuscrito de Barbin sem ter em mente a realidade de seu sofrimento e de seu suicídio. É justamente por isso que seu texto não é uma “autoficção”, pois esse conceito<sup>145</sup>, pelo menos no nosso entendimento, eliminaria o caráter eminentemente testemunhal de suas memórias. Vida e morte, sentimento e dor se entrelaçam

---

<sup>144</sup> “Va, maudit, poursuis ta tâche! Le monde que tu invoques n’était pas fait pour toi.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.111).

<sup>145</sup> A esse respeito encontramos a referência GENETTE, Gerard em *Ficción y dicción*. Mas lamentamos não termos acesso à mesma.

indissociavelmente no texto, com o predomínio de certa morbidez. Barbin dá forma aos estados de seus afetos gerados pela rememoração no próprio texto. A “paisagem psíquica” desenhada no seu manuscrito é a da melancolia. O que predomina na dimensão fictícia do seu eu transformado são mitos de valores positivos e de valores negativos.

O sofrimento, o horror da dor torna-se o fato central de seu relato, num monólogo dramático. Através da escrita, Barbin conseguiu obter certo controle sobre suas experiências negativas (princípio de inteligibilidade) no entanto, esse “princípio de inteligibilidade” – como afirma Foucault (FOUCAULT, 2001, p.71) – manifestou-se como tautologia. Barbin afirmou-se como monstro, explicou em si mesmo todos os desvios, mas não conseguiu uma inteligibilidade social, por isso o esforço de restauração de sua dor de existir pela escrita não impediu seu suicídio<sup>146</sup>. Seu discurso procede da manipulação e da conformação do material emocional, disso depende a representação que Barbin fez de si. Produz um discurso marcado por uma luta entre uma positividade almejada e um negativismo instalado. O sujeito da enunciação deseja a não-vida: “Oh! Como invejei o sono dos mortos...” (FOUCAULT, 1982, p.101)<sup>147</sup>. E, “... quando o escritor introduz a experiência pessoal do sofrimento mental em sua escrita, ele está se reportando a um material que conhece, do qual tem uma experiência direta.” (CARVALHO, 2003, p.176). Se fosse possível, careceria investigar a relação epistolar de Barbin e Sara, sua amiga e amante. Pois, estas cartas sustentariam a atividade psíquica

---

<sup>146</sup> A escrita como *phármakon* já fora objeto de estudo por muitos, os mais célebres são Platão no *Fedro*, e Jacques Derrida em *A farmácia de Platão*. Por conseguinte, a escrita está a serviço tanto da vida como da morte.

<sup>147</sup> “Oh! combien à cette heure j'enviais le sommeil de la tombe... .” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.123).

desse nosso narrador, principalmente se tivesse havido uma reciprocidade mais eficiente nas correspondências, o que parece não ter acontecido<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> "Continuava a me corresponder com Sara. Ela respondia regularmente às minhas cartas. (...) seu esquecimento me aniquilou." (*BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.90 e 94*). "Ma correspondance avec Sara n'avait pas cessé. Elle recevait mes lettres, me répondait régulièrement. (...) son oubli m'écrase." (*BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.114*).

## CAPITULO V:

### EXÍLIO E A MORTE SOCIAL.

O conceito de exílio aqui trabalhado será o mesmo que Edward W. Said retrata em seu clássico: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios (2003)*, construído a partir do diálogo em torno da ética, da vida, e da morte. Said é um autor complexo, no entanto, limitamo-nos a ressaltar apenas breves pontos dentro de um vasto programa de pensamento. Sabemos que ele refletiu sobre a questão do exílio com base na causa política palestina e dos judeus, no entanto, acreditamos que a questão de gênero na qual Barbin foi envolvida, também é uma questão política, só que nas esfera da sexualidade. Assim, lançaremos luz em torno da história de Barbin como uma “literatura de exílio-exclusão”. Segundo Said,

*“O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...] a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós” “. (SAID, 2003, p.47).*

Pensar como a literatura fez do exílio um mote é pensar numa questão provocativa. É dentro desse panorama de Exílio e Literatura que o texto de Barbin será neste capítulo tratado. Sua dor de existir como um *hermafroditos* obrigou-a a trocar de nome, de sexo, de cidade; obrigou-a a não mais exercer sua profissão de magistério, retirando-a definitivamente do seu grupo familiar e de amigos. Foi Paris, a cidade que carrega o epíteto de *Cidade Luz*, seu lugar de exílio e



escuridão existencial e interpessoal. Na época, Paris além de ser a cidade mais populosa do mundo, era também a capital preferida para os exilados vindos de toda parte da França, da Europa e do mundo, compondo uma verdadeira população cosmopolita; mas Barbin, como a maioria dos exilados, não consegue reconstruir sua nova identidade, no caso, a de um indivíduo do sexo masculino, um homem, o que implicava em uma nova postura diante do mundo, uma nova profissão, um novo modo de vida; por conseguinte, não conseguindo ocupar esse lugar, sucumbe e dá fim a sua vida. Lembremo-nos sempre: “O exílio tem sua origem na velha prática do banimento [...] e o “exilado”<sup>149</sup> traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.” (SAID, 2003, p.54). Encontramos “marcadamente” a solidão e a espiritualidade na escritura deixada por Barbin.<sup>150</sup> Se nos perguntarmos pelo motivo de seu exílio, seremos compelidos a dizer que foi a questão em torno de seu “verdadeiro sexo”. Como um exilado, Barbin não teria superado a solidão, a posse do um novo sexo e não teria resistido à vida miserável e anônima que levava. Utilizando a expressão de Said de “morte solitária iluminada” (SAID, 2003, p.54), indagamo-nos se sua morte poderia ser classificada como iluminada. No plano objetivo, morte, pelas chamas do fogo do fogareiro, no plano metafórico, morte pela força decifradora de sua escrita, diríamos que sim, mas incorreríamos numa contradição com os capítulos anteriores onde afirmamos ser sua escrita melancólica e sombria assim como sua

---

<sup>149</sup> Grifos do autor.

<sup>150</sup> Por exemplo: “(...) uma vida consagrada ao abandono e ao frio isolamento.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.83). “(...) d'une vie vouée désormais à l'abandon, au froid isolement.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.99). “... estas lembranças me apareceram como miragens celestiais cuja visão foi para mim um bálsamo recuperador”. (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.14). “... ces souvenirs m'apparaissaient comme autant de visions célestes, et dont la vue fut pour moi un baume réparateur.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.10).

vida e morte. Sua morte, na escrita, é ambígua, pois, por um lado, morre em meio a lamentações e comiserações, e, por outro, seu manuscrito dá a sua morte um tom heróico, uma morte política.

De fato, seu relato mostra a vida de um ser humano que quebra a relação costumeira entre os gêneros, que se constrói a partir da ambigüidade, que tem como ideal o limbo da não-identidade, que se coloca como estrangeiro, em sua terra natal, desde sua infância. A pergunta que nos colocamos é: qual é o modo de vida legítimo para um *hermafroditos*? Há um lugar de pertença para ele que não o do mito? De um limbo de uma não-identidade sexual é que o *hermafroditos* Barbin se enuncia e se nomeia.

No esforço de compreender a frase de Said, “o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo”, como então entender o exílio como fruto do agir do homem? Como curar a “fratura incurável” do exílio? Essas questões nunca serão resolvidas, assim como tantas outras que apresentam o homem como o destruidor do outro homem.

A história da vida de Barbin tal como é narrada em *Mes souvenirs* evoca os relatos de judeus, árabes, palestinos; povos que historicamente vêm se constituindo a partir de estigmas e constantes exílios. Rememorando suas próprias palavras:

“... viveria [no mundo] como um estrangeiro.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.13)<sup>151</sup>.

“Tive a impressão de estar deixando para sempre a terra natal!!!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.61)<sup>152</sup>.

---

<sup>151</sup> “...je devais y (en monde) vivre étranger.” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.9)

<sup>152</sup> “Il me semblait laisser, pour toujours, la terre natale!!!” (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.70).

*"E agora só!... só... para sempre! Abandonado, banido do meio de meus irmãos." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.92)<sup>153</sup>.*

Tomamos essas passagens como indício de exílio, e postulamos que, no caso Barbin, o exílio e suicídio estão atrelados um ao outro.

*"Sinto-o [o túmulo] de um modo claro e terrível. E como esse pensamento é doce e consolador para minha alma! Lá está a morte, o esquecimento. Lá, sem nenhuma dúvida, o infeliz **exilado**<sup>154</sup> do mundo encontrará finalmente uma pátria, irmãos e amigos. Lá haverá um lugar para o proscrito. [...] A visão de um túmulo me reconcilia com a vida. [...] chegarei a compreender e desculpar o **suicídio**<sup>155</sup>..." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1982, p.96,100, 101)<sup>156</sup>.*

O que marca os exilados como Barbin são os temas eternos do amor e morte. O exílio é como uma mortalha de silêncio inominável, na qual a morte é o outro lugar. Vimos no capítulo anterior, páginas 86 a 97, o papel da poética do suicídio, o sentido escondido no gesto de escrever que é ao mesmo tempo criador e 'exterminador'. Por esse caminho podemos associar exílio – escrita e suicídio. Para o exilado a sua língua é a sua família, visto o regresso ser coisa longínqua ou mesmo impossível. O espaço familiar passa a ser o espaço da linguagem, talvez por isso a necessidade para muitos de escrever. Portanto, o espaço entre a folha de papel e o lápis territorializa à casa materna, o lar. Barthes em *O prazer do texto*, diz: "Nenhum objeto está numa relação constante com o prazer (Lacan, a propósito de Sade). Entretanto, para o escritor, esse objeto existe; não é a

<sup>153</sup> "Et maintenant seul!... seul... pour toujours ! Abandonné, proscrit au milieu de mes frères ! " (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.111).

<sup>154</sup> Grifos nosso.

<sup>155</sup> Grifos nosso.

<sup>156</sup> "Je le sens (la tombe) d'une manière évidente, terrible, et combien cette pensée est douce, consolante pour mon âme. Là est le trépas, l'oubli, Là, sans nul doute, le malheureux exilé du monde trouvera enfin une patrie, des frères, des amis. Là il y aura une place pour le proscrit. (...) La vue d'un tombeau me réconcilie avec la vie. (...) j'en arrivai à comprendre le suicide, à l'excuser." (BARBIN, apud FOUCAULT, 1978, p.111, 122, 123).

linguagem, é a língua, a *língua materna*<sup>157</sup>. O escritor é alguém que brinca com o corpo da mãe... “. (BARTHES, 1977, p.50). Com isso, podemos dizer que os exilados através de seus escritos tiram prazer e re-tomam ao corpo da mãe, ou o próprio corpo como Barbin, seja para o glorificar, para amá-lo, para destruí-lo, ao ponto de uma “desfiguração da língua”. Aproveitamos essa idéia, e sugerimos que Barbin na sua escrita brinca com sua condição hermafrodita, pois, pela língua se trata ora no masculino ora no feminino, realizando-se, dessa maneira, como hermafrodita na e pela língua.

No entanto, em todo trabalho de escrita existe, como vimos, uma perda, justamente aquilo que não se pode dizer. Dessa maneira, a morte que não se diz (social, biológica e poética) pode escrever-se. O livro se torna a experiência de fazer do corpo aquilo que uma sociedade pode escrever; escrita do corpo que não cessa de falar da morte em pura ação. A morte não se nomeia, porém, “escreve-se no discurso da vida, sem que seja possível atribuir-lhe um lugar particular. Escrever é ato de avançar no solo mortífero onde se traça a sua itinerância.” (CERTEAU, 1994, p.302). Podemos, a partir desse ponto de vista, considerar o escritor, principalmente o exilado, como um moribundo que tenta falar, como se a escrita fosse a possibilidade de lhe atribuir um lugar. “Ainda jovem, me enterrei viva nessa eterna solidão que encontro em todos os lugares, por entre as multidões, como no mais ignorado dos retiros.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.94-95)<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> Grifos do autor.

<sup>158</sup> “Je m’ensevelis vivant, jeune, dans cette solitude éternelle que je trouve partout, au milieu des agitations de la foule, comme dans la retraite la plus ignorée !” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.114).

## EPÍLOGO:

### APOLOGIA DA AUTOBIOGRAFIA.

*“... a exotopia é algo por conquistar e, na batalha, é mais comum perder a pele do que salvá-la, sobretudo quando o herói é autobiográfico.”*  
Mikhail Bakhtin.

A autobiografia de Barbin é uma preciosidade de relato-testemunho. Ao lê-lo deparamos com a possibilidade de acompanhar a trajetória de uma vida dividida entre a felicidade no limbo de uma não-identidade sexual e a infelicidade de uma escolha de uma identidade sexual, socialmente inevitável. Aos trinta anos de idade Barbin deu fim à sua angústia existencial deixando suas memórias como resposta e denúncia de preconceitos. Barbin escreve sua autobiografia, deixando-nos um material rico para análise sobre questões relacionadas ao exílio e ao suicídio de pessoas não-comuns<sup>159</sup>. Seu discurso é de denúncia, um discurso político. Além dessas questões, *Mes souvenirs* é chave para projetos de pesquisas em outras áreas do conhecimento como Ciências Sociais, Antropologia, Medicina Social, e Psicologia, sobre o tema do hermafroditismo nas sociedades modernas.

Escrever uma autobiografia é uma maneira de morrer bem. A autobiografia é o lugar memorial da morte. Pois, o lugar da morte de Barbin foi em seu manuscrito autobiográfico. Marie Bonaparte é bem enfática na sua *Apologie de la Biographie* (1952):

---

<sup>159</sup> Chamamos de pessoas não-comuns aquelas que por uma questão de constituição biológica, genética ou mesmo, moral, ética, e ideológica são rechaçados do meio social onde nasceram.

*“Os biógrafos e os psicólogos responderão: a biografia, tão real e viva quanto possível dos desaparecidos, não os diminui. Eles sobrevivem ao menos no reflexo, sobre o papel, de seus pensamentos e sentimentos reais, bem diferentemente de que se estivessem representados apenas numa fria e falsa idealização. A biografia serve, com efeito, uma função outra e mais alta que a simples satisfação de curiosidades vãs ou doentias. (...) Mas, para que esses retratos sejam fiéis, é necessário que não se tenha apagado, por piedade no fundo sacrílega, os traços mais emocionantes, se para alguns os menos admitidos. E são esses traços justamente que nos guarda os papéis íntimos, cartas ou diários de vida, tão freqüentemente ameaçados pela piedade dos herdeiros.”* (BONAPARTE, 1952, p.87-88).<sup>160</sup>

E Freud, em *Um estudo autobiográfico (1925 [1924])*, confirma:

*“... mais de uma vez publiquei artigos nos mesmos moldes que o presente, artigos que pela natureza do assunto têm tratado mais de considerações pessoais do que é habitual. (...) Dois temas ocupam essas páginas: a história da minha vida e a história da psicanálise. Elas se acham intimamente entrelaçadas. Esse **Estudo Autobiográfico**<sup>161</sup> mostra como a psicanálise veio a ser todo o conteúdo de minha vida e com razão presume que minhas experiências pessoais não são de qualquer interesse ao se traçar um paralelo de minhas relações com aquela ciência.”* (FREUD, 1997b, p.15 e75).

Marguerite Duras já disse: “Só a escrita pode nos salvar.” (DURAS, 1994, p.19).

Tanto a autobiografia como a biografia passam pela imaginação criadora de quem a escreve, como se se entrasse num devaneio a respeito dos outros e de si mesmos. O que fazemos quando tentamos evocar o rosto meio esquecido de alguém? Escrevemos. Como distinguir o auto-retrato do retrato? Talvez para alguns, escreve-se sem saber, o que por vezes acaba colocando a si mesmo em risco de perder a própria vida, de cair na loucura. Escrever é também morrer, é calar. (DURAS, 1994, p.26). “A escrita vem como o vento, nua, é de tinta, a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada, exceto ela, a vida.” (DURAS, 1994, p.48). Não seriam as palavras a verdadeira carne humana? A escrita é nosso sangue, nossa carne mental. A arquitetura de uma biografia ou

---

<sup>160</sup> Tradução do francês de Rachel Maneguello.

<sup>161</sup> Grifos do autor.

autobiografia se liberta dos manuscritos como o rosto daquele que nasce, cada palavra abre para uma cena, mesmo que tais materiais não sejam autorizados a compor tal empreendimento literário. Um livro biográfico ou autobiográfico pode surgir de uma única palavra quebrada. As palavras sabem muito mais sobre nós.

Foucault no final de sua vida afirmou:

*"Para que a boa gestão do corpo venha a ser uma arte da existência, ela deve passar por uma colocação na escrita, efetuada pelo sujeito a propósito de si mesmo [...] a prática do regime enquanto arte de viver é bem outra coisa do que um conjunto de precauções destinadas a evitar as doenças ou terminar de curá-las. É toda uma maneira de se constituir como sujeito que tem por seu corpo o cuidado justo, necessário e suficiente [...] visa armar o próprio indivíduo com uma conduta racional."* (FOUCAULT, 1988, p. 99).

Essa "colocação na escrita" de uma "boa gestão do corpo", da qual fala Foucault, parece-nos que é capaz de manter uma relação ambígua conduzindo para um efeito de *phármakon*. Ou seja, a escrita como um meio capaz de produzir no homem condições de remédio e também de veneno.

Com relação à escrita autobiográfica Bakhtin afirma: "... o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida (...) Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro." (BAKHTIN, 1992, p.35). Todas as autobiografias funcionam como significantes cognoscíveis, senão para os outros. Isso mesmo que nenhum texto possa abarcar toda a diversidade das propriedades existenciais. A escrita (a linguagem) tem limites quanto ao mistério interior indizível. "O artista que luta por uma imagem determinada e estável de um herói luta, em larga medida, consigo mesmo." (BAKHTIN, 1992, p.27).

O manuscrito autobiográfico de Barbin nos ensina que o *hermafroditos* não tem um lugar, uma identidade sexual definida, então as categorias de

homoerótico e heteroerótico são para ele inapropriadas. Contudo, no que diz respeito à amizade, seu relato mostra que houve *eros* e *philia* juntos, cumprindo o projeto foucaultiano de um século depois.

Philippe Ariès no seu tratado *O homem diante da morte* (1982) confirma a existência de cemitérios reservados aos suicidas na Idade Média, sobretudo na Bretanha, “onde o caixão era passado por cima do muro sem abertura.” (ARIÈS, 1982, p.49). Barbin relata que um dos seus passeios preferidos era ir ao cemitério. “Meu passeio favorito em Paris é ir ao Père-Lachaise, o cemitério de Montmartre. O culto da morte nasceu comigo.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1982, p.101)<sup>162</sup>. Ariès também nos ensina, no já citado livro, que na Idade Média os tratados de preparação para a morte apareciam constantemente. Em um deles, *Miroir de l'âme du pecheur et du juste pendant la vie et à l'heure de la mort*, de 1736, diz que cada homem possui dois livros, um para o bem, mantido pelo anjo da guarda, e um outro para o mal, guardado por um demônio. Quanto a isso, comparamos o gesto escriturístico de Barbin com a concepção autobiográfica da vida, no simbolismo do livro onde conta passagens de fatos e ações de sua vida, num balanço de vida, como uma maneira de morrer bem. Configurando a autobiografia como o lugar memorial da morte. Pois, desde o início de seu relato sabemos de sua morte precoce.

Primo Levi em um documento com características também autobiográficas, *É isto um homem?*, dá um testemunho doloroso dos campos de

---

<sup>162</sup> “...car ma promenade favorite à Paris, c'est le Père-Lachaise, le cimetière Montmartre. Le cult des morts est né avec moi.” (BARBIN, *apud* FOUCAULT, 1978, p.123). Coincidentemente, ocorreu entre os dias 10 a 15 de outubro de 2005, Na Faculdade de Letras da UFMG, uma exposição de fotos intitulada: “*Le grand passage*”, como fruto de um passeio pelo Jardim-Cemitério Père-Lachaise de Paris, do talentoso artista Marco Diniz, a quem somos bastante gratos.



concentração, como Auschwitz, responsável pelo massacre de milhares de judeus e outros, e, como Barbin, associa autobiografia e morte. Autobiografias são, desse modo, escritas não somente para fazer denúncias. Elas podem servir como documentos para um estudo de certos aspectos da natureza humana. Como, é para nós o texto de Barbin.

O que faz o ser humano quando sabe que vai morrer? Alguns escrevem autobiografias. E entres esses, cada um se despede da vida da maneira mais convincente. Resgatam, pelo trabalho da memória, aqueles acontecimentos e fatos mais preciosos, as pessoas queridas, seu patrimônio íntimo. Escrever a vida com uma derradeira paixão é enfrentar a morte com dignidade. Falamos, então, de uma apologia da autobiografia. Falamos da escrita autobiográfica na hora da decisão de coisas sobre as quais não se costuma escrever na vida ordinária, na vida comum. É uma escrita de alguém que se despede e faz um balanço da vida.

*“...o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, (sic) para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização.” (LEVI, 1988, p.39).*

A importância da autobiografia traduz-se na “convicção de que a vida tem um objetivo”, e que, “está enraizada em cada fibra do homem; é uma característica da substância humana.” (LEVI, 1988, p.71). Falamos de uma apologia da autobiografia porque tal produção escriturística põe em contato o narcisismo<sup>163</sup> e a imortalidade. A autobiografia é uma “modelagem de si” feita através de uma “escrita de si”, que permanece e prossegue por si mesma no mundo.

---

<sup>163</sup> No sentido laico.

Albert Einstein, considerado um dos maiores proeminentes cientistas de todos os tempos, em *Notas autobiográficas*, sua única tentativa de escrever algo que se aproximasse de uma autobiografia, afirma a respeito desse gênero de produção escriturística:

*"Isto é um obituário?", deverá estar indagando o leitor atônito. Permita-me que responda: em essência, sim. Pois, para um ser humano do meu tipo, o essencial está precisamente naquilo que pensa e como pensa, e não nas coisas que faz ou que lhe são feitas. Portanto, um obituário pode limitar-se, em sua maior parte, à comunicação dos pensamentos que desempenharam um papel considerável na minha luta." (EINSTEIN, 1982, p.38).*

Com isso podemos dizer que sua concepção de autobiografia está ligada a essa necessidade de comunicar os pensamentos mais importantes de uma vida; antes que se morra no silêncio e ou no mutismo.

Por fim, acreditamos que com essa dissertação acerca do manuscrito de Barbin contribuimos nos seguintes aspectos:

- 1- Trouxemos esse material textual para o campo da autobiografia, possibilitando assim pontuar suas ressonâncias histórico-literárias;
- 2- demonstramos que tal manuscrito é um texto de denúncia;
- 3- demonstramos, de acordo com as teorias de Durkheim e Mauss, que o suicídio de Barbin pode ser entendido como um suicídio político;
- 4- demonstramos, na trilha de Foucault, que a escrita de Barbin é ambígua, basicamente por dois aspectos: primeiro, porque é marca de sua própria condição

biológica hermafrodita (no nosso ponto de vista, Barbin, ao escrever, assumiu, pelo *princípio de inteligibilidade*, no papel, sua dupla identidade sexual ou uma identidade sexual flutuante; segundo, porque, como na condição biológica, o/a autor/a marca sua morte ambiguamente, ora como um herói, ora como um pobre coitado digno de comiserção;

5- demonstramos que o mito serve como princípio de inteligibilidade, a fim de explicar sua condição atípica de Barbin.

6- demonstramos que Barbin concebe um modelo de subjetivação<sup>164</sup> da amizade<sup>165</sup> que faz *eros* circular com *philia*, em consonância com a avançada concepção filosófica encontrada nos últimos escritos de Michel Foucault na série *História da Sexualidade* (1984).

---

<sup>164</sup> A esse respeito ver: CIRINO, Oscar Antônio de Almeida. *Sujeição e subjetivação: a genealogia do sujeito em Michel Foucault*. 1989. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

<sup>165</sup> A esse respeito ver: ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. 173 p. (Políticas da Imanência).

### **BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL:**

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin dite Alexina B.* Présenté par Michel Foucault. Paris: Gallimard, 1978. 160 p. (Les vies parallèles).

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita.* Prefácio Michel Foucault; Novela Oscar Panizza; Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 175 p. (Coleção Presença). Título Original: *Herculine Barbin dite Alexina B.*

### **BIBLIOGRAFIA A RESPEITO DE ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN:**

CHESNET. *Annales d'Hygiène Publique et de Médecine Légale.* Paris:1860. p. 206.

COLAPINTO, John. *Sexo trocado, a história real do menino criado como menina.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 316 p.

COURTY, A. *Maladie de l'utérus et de ses annexes.* Paris: 1867. v. 8. p.37.

ERIBON, Didier. Precisamos de um Verdadeiro Sexo? (Foucault, o hermafroditismo e a identidade). In: \_\_\_\_\_. *Michel Foucault e seus contemporâneos.* Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.156-168. Título original: *Michel Foucault et ses contemporains.*

GOUJON, E. *Journal de l'anatomie et de la physiologie de l'homme.* Paris:1869. p. 609-639.

SAINT-HILAIRE, Geoffroy. *Histoire des anomalies de l'organisation.* 8ª ed. Paris:1836. tomo II. p.30.

TARDIEU. *Question médico-légale de l'identité dans ses rapports avec les vices de conformations des organes sexuels.* Paris:1874. p. 136-137.

Site: [www.etoiledunord.org/herculine/Abel.html](http://www.etoiledunord.org/herculine/Abel.html) (acessado dia 12/09/2004)

Site: [www.siteartmag.com/adelaidebarbin.htm](http://www.siteartmag.com/adelaidebarbin.htm) (acessado dia 22/03/2004)

## **NOVELA BASEADA NO MANUSCRITO DE ABEL/ADELAIDE HERCULINE BARBIN:**

PANIZZA, Oscar. Um escândalo no convento. In: FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita*. Prefácio Michel Foucault; Novela Oscar Panizza; Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p.140-175. (Coleção Presença). Título Original: *Herculine Barbin dite Alexina B.*

### **BIBLIOGRAFIA EM GERAL:**

ABRAHÃO, Virginia Beatriz Baesse. *A produção de sentido: leitura e redação*. 1992. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

ADORNO, Theodor. *Notes to Literature*. New York: Columbia University Press, 1991. v. 1, 284 p.

ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, n. 7. 1991. v. 4, p.66-81.

ALTHUSSER, Louis. *Posições – 2: Aparelhos Ideológicos de Estado/ Freud e Lacan/ A Filosofia como Arma da Revolução/ Marxismo e Luta de Classes/ Como ler o Capital?*. Rio de Janeiro: Graal, 1980, p.60-67.

ALTHUSSER, Louis. A Letter to the Translator. In: \_\_\_\_\_. *For Marx*. Londres: New Left Books, 1969. p. 256.

ALMEIDA, Consuelo P. de; MOURA, J. M. (Orgs.). *A dor de existir e as suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997. 374 p. (Kalimeros, Escola Brasileira de Psicanálise).

AMARAL, Fernando Pinto do. *O mosaico fluido*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991, p. 11-52, 119-130.

ANDRÉ, Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão Técnica de Marcos Comaru. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 145p. (Transmissão da Psicanálise; 47). Título original: *Aux origines féminines de la sexualité*.

ANDRÉ, Serge. *O que Quer uma Mulher?* Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 295 p. (Campo Freudiano no Brasil). Título original: *Que veut une femme?*

ANDRÉ, Serge. *A impostura Perversa*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão Técnica de Manoel Barros Motta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 312 p. (Campo Freudiano no Brasil). Título original: *L'Imposture perverse*.

ANDRÓGINO, HERMAFRODITO. In: BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. v. 1, p. 64-68, 544-548.

AQUINO, Tomás de. O Anjo. In: *Súmula teológica: a criação – o anjo – o homem*. Introdução e notas por Jean-Hervé Nicolas. Edição de Joaquim Pereira. Vol. 2. Parte I. Questões 44-119. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 109-265. Original latim.

ARISTOTE. *Polítique*. Livre III. Paris: Les Belles Letres, 1971. p. 81-86.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986. 316 p.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX*, I. Tradução, apresentação e notas de Jackie Pigeaud; tradução de Alexei Bueno Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998. 128 p. Traduzido do francês: *L'Homme de génie et la mélancolie*. Original grego.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. 4. ed. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 238 p. Original grego.

ARON, Raymond. *Mitos e homens*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. 312 p.

ARRIGUCCI Jr, Davi. Móbile da memória. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.67-111.

ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 254 p.

ARIÉS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. v. I, 313 p. v. II, 326-670 p. (Ciências Sociais).

ARIÉS, Philippe. *História da morte no ocidente da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. v. 1, 180 p. (Ciências Sociais).

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Librairie Hachette, 1950. 2193 p.

BARRETO, Marco Heleno. *Mito*. Cadernos de Textos, n. 2, Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, 1994b. p. 57-65.

- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 1991. 207 p.
- BAUDRILLARD, Jean. *Esquecer Foucault*. Tradução de Cláudio Mesquita e Herbert Daniel. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 99 p. Título original: *Oublier Foucault*.
- BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001. 84 p.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1996. 295p.
- BATAILLE, Georges. *L'erotisme*. Paris: Minuit, 1957. 306 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1988. 439 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476p. (Coleção biblioteca universal).
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 5. ed. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza., São Paulo: DIFEL, 1982. 181 p. Título original: *Mythologies*.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977. 86 p.(Coleção Elos). Título original: *Le Plaisir du Texte*.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 372 p.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 11. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. 200 p.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002. 89 p.
- BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 353 p. (Biblioteca Universitária, série 5ª - Letras e Linguística, v. 9).
- BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos e o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1993. 167 p.
- BARRENTO, João. Palimpsestos do tempo – o paradigma da narratividade na poesia dos anos 80. In: \_\_\_\_\_. *A palavra transversal*. Lisboa: Cotovia, 1996, p. 69-78.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 204 p.

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 1- Fatos e Mitos. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. v. 1, 313 p.
- BETTELHEIM, Bruno. O conto de Fadas versus o mito: otimismo versus pessimismo. *A psicanálise dos contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980. p.45-52.
- BÍBLIA SAGRADA. A. T. *Gênese*. 34. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. Cap. 19, p.65.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 278 p.
- BLUMENBERG, Hans. *Arbeit am Mythos*. Frankfurt: Suhrkamp, 1979. 685 p.
- BONAPARTE, Marie. "Apologie de la biographie." *Psychanalyse et biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952. p.81-88.
- BORGES, Jorge Luis. *História da eternidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1982. 110 p.
- BORGES, Jorge Luis. El Golem. In: \_\_\_\_\_. *Nueva antologia personal*. 2. ed. Barcelona: Bruguera, 1983. p. 33-36.
- BOURDIE, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Külner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p. Título original: *La domination masculine*.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.
- BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983. 552 p.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Hermafrodito. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 2, p. 204-207.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Andrógino. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 2, p.75-77.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Andrógino. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 3, p. 33-41.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etiológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1993. 28-69; 544-553.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A arte de escrever*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1965. 229 p.



- BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1986. 98 p. (Coleção Estudos, 3).
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. 141 p.
- CANDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.51-69. (Série temas;1).
- CANDIDO, Antônio.; et.al. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.121. (Coleção Debates;1).
- CANDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. 316 p.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 220 p.
- CARDOSO, Ciro F.; MALERBA, J. *Representações: contribuições a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000. 288 p.
- CARSE, James P. *Muerte y existencia: una historia conceptual de da mortalidad humana*. México: Fondo de cultura económica, 1987. 497 p.
- CARO, Tito Lucrécio. *Da Natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. Estudos introdutórios de G. Ribbeck. São Paulo: Editora Globo S. A., 1973. p.31-143. (Os pensadores, 5). Título original: *De rerum Natura*.
- CASSIER, Ernst. A linguagem e o Mito: sua posição na cultura humana. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem e mito: uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 15-31. (Debates).
- CARVALHO, Ana Cecília. *Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath*. 1998. 401 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- CARVALHO, Ana Cecília. *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 307 p. (Origem).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. 244 p.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002. 144 p.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: \_\_\_\_\_ *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 119-143.

CLEMENTE, de Alexandria. *El Pedagogo*. Introducción por Ángel Castiñeira Fernández. Traducción y notas por Joan Sariol Díaz. Madrid: Gredos, 1988. 354 p. (Biblioteca Clásica Gredos, 118). Original grego.

CIRINO, Oscar Antônio de Almeida. *Sujeição e subjetivação: a genealogia do sujeito em Michel Foucault*. 1989. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. 114 p.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da Teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 303 p.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomás Tadeu da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 195 p.

COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995. 303 p.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 282 p.

CROMPTON, R.; MANN, M. *Gender and Stratification*. Cambridge: Polity Press, 1994. 272 p.

DELCOURT, Marie. *Hermaphrodite et rites de la bissexualité dans l'antiquité classique*. Paris: Les Belles Lettres, 1958. p.29.

DELEUZE, Gilles. *Conversações 1972- 1990*. 3. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000. 232 p. (Coleção TRANS). Título original: *Pourparlers, 1972 – 1990*.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988. 143 p. (Leituras Afins). Original francês.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, F. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 127 p.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 252 p.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 386 p.

DERRIDA. *L'oreille de l'autre. Autobiographies, transferts, traductions. Texts et débats avec Jacques Derrida*. Montréal: VLB Éditeur, 1982.

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. 3. ed. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gerard Lebrun. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.218-299. (Os pensadores, 194). Título original: *Les Passions de l'Âme*.

DOLLIMORE, Jonathan. *Sexual Dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 388 p.

DOLTO, Françoise. *A Imagem inconsciente do Corpo*. Tradução de Noemi M. Kon e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2002. 317 p. (Estudos, 109). Título original: *L'image inconsciente du corps*.

DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. São Paulo: Papirus, 1994. 243 p.

DREYFUS, L. Hubert; RABINOW, Rabinow. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 299 p. (Coleção Campo Teórico). Título original: *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*.

DUARTE, Lélia Parreira, OLIVEIRA, Paulo Motta, OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa (Orgs.) *Encontros Prodigiosos, Anais do XVII EPUBLP*. Belo Horizonte: UFMG/PUC, 2001, v. 2, p. 852-63.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 115 p.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003. 358 p. (Coleção a Obra-prima de cada autor. Série Ouro). Original francês.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 244 p.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 170 p.

ECO, Umberto. *A obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 284 p.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158 p.

EINSTEIN, Albert. *Notas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 88 p.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2000. 179 p. (Debates, 52). Título original: *Myth and Reality*.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 77-129. (Tópicos).

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. Tomo I: Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. Voll: Das Origens ao Judaísmo. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983. 284 p. (Espírito e matéria).

ERIBON, Didier. *Michel Foucault (1926- 1984)*. Uma biografia. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 337 p. Original francês.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 244 p. Título original: *Michel Foucault et ses contemporains*.

EVA, Erdmann (Hg.). *Ethos der Moderne: Foucaults Kritik der Aufklärung*. Frankfurt: Campus Verlag, 1990. 311 p.

FALCON, Christopher. *Foucault and Social Dialogue: Beyond fragmentation*. London: Routledge, 1998. 114 p.

FINLEY, Moses I. Mito, memória e história. In: \_\_\_\_\_. *Uso e abuso da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.3-27. (O homem e a história).

FOUCAULT, Michel. *Resumos dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997. Título original: *Résumé des cours (1970-1982)*.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Prefácio de José A . Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais. São Paulo: Passagens, 1992. 160 p. Título original: *Qu'est-ce qu'un auteur?*

FOUCAULT, Michel. Suplício. In: \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. história da violência nas prisões. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 11-65.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.25-39.

FOUCAULT, Michel. *Raymond Roussel*. Tradução de Manoel Barros da Mota e Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 147 p. Original francês.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da Clínica*. 5. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 241 p. Título original: *Naissance de la clinique*.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. 6. ed. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002. 551 p. (Estudos, 61). Título original: *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966. 501 p.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 479 p. (Coleção tópicos). Título original: *Les Anormaux*.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 152 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 14). Título original: *Histoire de la Sexuaalité 1: la volonté de savoir*.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 5. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 232 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 15). Título original: *Histoire de la Sexuaalité 2: l'usage de plaisir*.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 16). Título original: *Histoire de la Sexuaalité 3: le souci de soi*.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU, 199 p. 158 p.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. 6. ed. Tradução de Lílian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 99 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 11). Original francês: *Meladie mentale et psychologie*.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. 17. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2002. 295 p. Original: francês.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Colégio de França, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 79 p. (Leituras Filosóficas, 1).

FRANCA, Leonel S. J. *Noções de História da Filosofia I*. 18. ed. Rio de Janeiro AGIR, 1965. 386 p.

FRANÇA, Genival Veloso de. Distúrbios do Instinto Sexual. In: \_\_\_\_\_. *Medicina Legal*. 2. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.161-168.

FRANÇA, Genival Veloso de. Antropologia Médico-legal: Sexo. In: \_\_\_\_\_. *Medicina Legal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.27-30.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242 p. (Aprender).

FRIEDMAN, John Block. *The monstrous races in medieval art and thought*. London: Harvard University Press, 1981. p. 5-27.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* – em três artigos que se completam. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1983a. p.11-24. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b, p.27-41.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina. In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p.254-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II). In: \_\_\_\_\_. *Cinco lições de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. p.163-173. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997a. p.81-178. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1997b. p.17-89. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: \_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. p.139-165.

(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. 1047p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4, 5).

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. p.333-353. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: \_\_\_\_\_. *Uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. p.275-314. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1957. 364 p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 186 p.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 104 p.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 216 p.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 288 p.

GOMBRICH, E. H. Verdade e estereótipo. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 55-79.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade; BELLODI, Zina C. *Teoria da literatura "revisitada"*. Petrópolis: Vozes, 2005. 231 p.

GRAVES, Robert. *The Greek Mythos*. England: Penguin Books Ltd., 1960. v. 1, 384 p. v. 2, 224 p.

GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. 302 p. Original francês.

- GRIMAL, Pierre; COUTINHO, Carlos Nelson. *A mitologia grega*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 122 p.
- GUSDORF, Georges. *Mythe et métaphysique: introduction a la philosophie*. Paris: Flammarion, 1953. 290 p.
- GUSDORF, Georges. *La parole*. Paris: Press Universitaires de France, 1953. 124 p.
- HADOT, Pierre. Réflexions sur la notion de “culture de soi”. In: \_\_\_\_\_. *Michel Foucault, Philosophe*. Paris: Seuil, 1989. p. 261-270.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 112 p.
- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-moderno*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 142 p. (Coleção Estudos Culturais, 5).
- HEIDEGGER, Martin. Sobre o “Humanismo”. *Os Pensadores XLV*. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973. p. 347-373. (Abril Cultural).
- HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade. In: \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p.149-170. (Os pensadores)
- HEIDEGGER, Martin. Aletheia (Heraklit, Fragment 16). In: \_\_\_\_\_. *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: Günther Neske 1954. p.257-282.
- HERMAPHRODITOS. In: HERAKLES-KENCHRIAS. *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Zürich: Artemis Verlag, 1990. v. 5, pt. 1, p. 268-285, v. 5, pt. 2, p. 190-198.
- JOLLES, André. *Formas simples: Legenda, Saga, Mito, Adivinha, Ditado, Caso, Memorável, Conto, Chiste*. São Paulo: Cultrix, 1976. 222 p.
- JONES, Colin; POTER, Roy. *Reassessing Foucault: Power, medicine and the body*. London: Routledge, 1998. 226 p. (Studies in the social history of Medicine).
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1967. 567 p.
- KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. In: \_\_\_\_\_. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 195-256. (Os pensadores, 25).



KAPPLER, Claude. Tipologia do monstro. In: \_\_\_\_\_. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 157-257.

KRITERION. Sobre a Condição da Mulher. Belo Horizonte, Departamento de Filosofia da faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, v. 31, n. 81/82, jul./1988 a jun./1989. 236 p.

LACAN, Jacques. O seminário sobre "A carta roubada". In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 9- 66.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 692-703.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 807-842.

LACAN, Jacques. In: \_\_\_\_\_. A ciência e a verdade. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 869-892.

LACAN, Jacques. *O Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 201 p.

LACAN, Jacques. XIX A função criativa da palavra. In: \_\_\_\_\_. *O Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1986, p. 269-279.

LEITE, Dante Moreira. Ficção, biografia e autobiografia. In; \_\_\_\_\_. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Nacional, 1972. p. 25-33.

LEJEUNE, Phillipe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Senil, 1975. 357 p.

LE GOFF, Jacques. Observações sobre o corpo e ideologia no ocidente medieval. In: \_\_\_\_\_. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985. p. 57-60.

LEENHARDT, Maurice. *La Personne et le Mytthe dans le Monde Mélanésien*. Paris: allimard, 1947. p. 241-255.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 175 p. Título original: *Se questo e un uomo*.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. 366 p.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 537 p. (Antropologia, 9).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 2000. 91 p. (Perspectiva do Homem).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *El totemismo en la actualidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1965. 157 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude.; OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; MELATTI, Júlio César; DAMATTA, Roberto; LARAIA, Roque de Barros. *Mito de linguagem social: ensaios de Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. 146 p. (Comunicação, 1).
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. 400 p.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. 248 p.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Estética literária*. Rio de Janeiro: Americ=Edit, 1945. 240p. (Coleção Joaquim Nabuco).
- LIMA, Luiz Costa. Documento e ficção. In: \_\_\_\_\_. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 187-242.
- LUCIAN, de Samosata. *Dialogues of the Gods*. English Translation by M. D. Macleod, London: Harward University Press, 1961. p. 248-251, 322-323. Vol. VII. Original grego.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 187 p.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 69-72. (Tendências, n. 7).
- MARIN, Louis. "Variations sur un portrait absent: les autoportraits des Poussin." *Corps écrit*, 5 (1983). P. 87-108.
- MARTELO, Rosa Maria. Corpo, velocidade e dissolução. In: AMARAL, Ana Luísa, FREITAS, Marinela, CARVALHO, Paulo Eduardo (Org). *Cadernos de Literatura Comparada – Corpo e Identidade (s)*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, nº 3 / 4. Dez/2001, p. 17-23.
- MARTINS, Leda. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 61-86.

MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. v. 2, p. 188-208.

MAZEL, Jacques. *As metamorfoses de Eros: o amor na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 230 p. (Fio da Meada).

MÉNARD, René. A linguagem mitológica. A mitologia artística. As imagens dos deuses. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Opus, 1997. v. 1, p. 1-8.

MEYRINK, Gustav. *O Golem*. São Paulo: Hermus, 2003. 290 p.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992. 174 p.

MONTAIGNE, Michel de. XXI – A força da imaginação. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. v. 1, p. 169-178.

MONTAIGNE, Michel de. XXXI – A propósito de uma criança monstruosa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. v. 2, p. 387-388.

MOSS, Jeremy. *The Later Foucault: Politics and Philosophy*. London: Sage Publications, 1998. 201 p.

MOSSE, L. George. Masculinidade e decadência. In: PORTER, Roy e TEICH, Mikulás (Orgs.). *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 291-307.

MOURÃO, Cleonice Paes Barreto. *A deriva do olhar: uma leitura da memória em Marguerite Duras*. 1991. 241 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

NAZÁRIO, Luiz. *Da Natureza dos Monstros*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 304 p.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 184 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 22).

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade – Arendt, Derrida, Foucault*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000. 118 p. (Conexões, 6).

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. 173 p. (Políticas da Imanência).

OVÍDIO. Salmácida, Hermafrodita. In: \_\_\_\_\_. *As metamorfoses*. Tradução de David Gomes Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983. p. 74-77. Título original: *Metamorphoseon*.

PAULINO, Grãea; et. al. *Intertextualidades: teoria e prática*. 4ª ed. Belo Horizonte: Lê, 1998. 155 p.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 217 p.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992. 332 p.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório dos escritos*. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 77-80.

PIGLIA, Ricardo. *Memória y tradición*. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: SEGRAC. p. 60-66.

PLATÃO. *O Banquete*; PLOTINO. *Do amor*. Tradução de Albertino Pinheiro. Bauru: EDIPRO, 1996. 92 p. (Série clássicos).

POLETTI, Juarez. *História, memória e ficção em obras de Carlos Heitor Cony*. 2001. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

POPKEWITZ, Thomas S.; BRENNAN, Marie. (Edited by). *Foucault's challenge: discourse, knowledge, and power in education*. New York: Teachers college Press, 1998. 388 p.

PORTOCARRERO, Vera; BRANCO, Guilherme Castelo (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. 352 p.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Da Unesp, 1992. p.291-326.

PRIORI, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros e monstregos no mundo europeu e ibero-americano*. In: \_\_\_\_\_. *Uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo. (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 39-60.

PROSSER, Jay. *Second skins: the body narratives of transsexuality*. New York: Columbia University Press, 1998. 267 p. (Gender and culture).

RAJCHMAN, John. *Eros e Verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 170 p. (Transmissão da Psicanálise; 35).

REE, Jonathan. A morte e o tempo de existência. In: \_\_\_\_\_. *Heidegger: História e verdade em Ser e Tempo*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 48-57. (Grandes Filósofos).

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 5ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1996. 36-38 p; 105-107 p.

RIBEIRO, Renato Janine (Org.). *Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 249 p.

RICHEPIN, Juan. El Hermafroditismo. In: \_\_\_\_\_. *Mitologia Clasica*. 2. ed. México: UTEHA, 1951. v. 1, p. 237-238.

RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986. 409 p. (Esprit).

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Portugal: Edições 70, 1976. 109 p. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 2).

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 172 p.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 101 p. (Texto e linguagem).

SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2000. 160 p.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 370 p.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 352 p.

SAINT-HILAIRE, Geoffroy. *Histoire des anomalies de l'organisation*. 8. ed. Paris: 1836. p.30.

SCARPELLI, Marli de Oliveira Fantini. Poética migrante. In VASCONCELOS, Maurício Salles e COELHO, Haydeé Ribeiro (orgs). *1000 Rastros Rápidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 27-34.

SCHWARZ, Oswald. *Psicologia do sexo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura S. A., 1960. 378 p.

SCHÜLER, Donald. *Eros: Dialética e Retórica*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 167 p. (Campi; 5)

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 48 p.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 355 p.

SERRES, Michel. *Hermes: uma filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Graal, 1990. 175 p.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 300 p.

SILVA, Maria Célia Barbosa Reis da. *Antônio Fraga: personagem de si mesmo*. 1998. 365 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Letras. Pontífice Universidade Católica -RJ, Rio de Janeiro, 1998.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976. 770 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 176 p.

SOUZA, Eneida Maria de.; MIRANDA, Wander Mello. (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 218 p.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Millôr Fernandes. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 69 p. (Coleção leitura). Original grego.

SOPHOCLE. *Les Trachiniennes – Antigone*. Texte Étable par Alphonse Dain et traduit par Paul Mazon. Troisieme Tirage. Paris: Lês Belles Lettres, 1967. p. 91 Tome I. Original grego.

SPARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory: postmodern encounters*. New York: Icon Books Uk, 2000. 75 p.

STEIN, Edith. *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. São Paulo: EDUSC, 1999. (Mulher). 304 p.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 94 p.

SUPLICY, Marta. *Condição da Mulher – amor – paixão – sexualidade – artigos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 46-50.

TEMPO BRASILEIRO. *Literatura e história*. Rio de Janeiro, n. 81, abr./jun. 1985. 126 p.

TEMPO BRASILEIRO. Memória e história. Rio de Janeiro, n. 87, out./dez.1986. 163 p.

TEMPO BRASILEIRO. Identidade e memória. Rio de Janeiro: n. 95, out./dez. 1988. 168 p.

TEOFRASO. *Os caracteres*. Texto estabelecido por Daisi Malhadas e Haiganuch Sarian. São Paulo: E.P.U., 1978. p. 89-96. Original grego.

THÉOPHRASTE. *Caractères*. Texte établi et traduit par Octave Navarre. Troisième Tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1964. p.72. (Collection des Universités de France). Original grego.

TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed. da UFG, 1998. 190 p.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1969. 190 p.

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 332 p. (Tópicos).

TRIGO, Benigno. *Foucault and Latin América: Appropriations and Dephoyments of Discursive Analysis*. New York: Routledge, 2002. 305 p.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 116 p. (Transmissão da Psicanálise, 67).

VASCONCELOS, Maurício Salles. Mundo-Arte: o rastro do novo, o dado do fim. In: \_\_\_\_\_ ; COELHO, Haydeé Ribeiro (Orgs). *1000 Rastros Rápidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 204-228.

VATTIMO, Gianni. *O Fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa: Presença, 1987. 208 p.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica a patologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 144 p.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990. 400 p.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 221 p.

VERNANT, Jean Pierre. *Entre mito e política*. São Paulo: EDUSP, 2001. 517 p.

VERNANT, Jean Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 209 p.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 98 p.

VERNANT, Jean Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999. 376 p.

VIEGAS, Sônia. Amor e Criatividade. *Cadernos de Textos*, Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, n. 1, 1994a. p. 25-71.

VIEGAS, Sônia. Mito: pensar por imagens. *Cadernos de Textos*, Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, n. 2, 1994b. p. 93-111.

VOVELLE, Michel. *Ideologias de mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 414 p.

WEST, M. L. *The Orphic Poems*. London: Clarendon Press Oxford, 1983. p. 70-221. Original grego.

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 169 p. (Vera Cruz; 337).



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)